

OS MESTRES DA LITERATURA POLICIAL



**REX
STOUT**

**A CAIXA
VERMELHA**

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

OS MESTRES DA LITERATURA POLICIAL



**DEX
STOUT**

A CAIXA VERMELHA



Rex Stout nasceu a 1 de dezembro de 1886 na cidade americana de Noblesville, Indiana. Após uma breve passagem pela Universidade do Kansas, alista-se na Marinha em 1906 e durante dois anos serve a bordo do iate *Mayflower*, do Presidente Roosevelt, como subtenente. Em 1916 cria um sistema bancário escolar que seria implementado em mais de quatrocentos estabelecimentos de ensino e que lhe garantiu lucros confortáveis, mas em 1927 abandona os negócios e passa a dedicar-se inteiramente à escrita. Publica três romances, que obtiveram críticas favoráveis, mas é com a sua primeira obra policial que alcança o reconhecimento do grande público: *Picada Mortal* surgiu em 1934 e com ela surgiu a personagem de Nero Wolfe, detetive excêntrico, amante de boa comida e de belas orquídeas, que, juntamente com o jovem assistente Archie Goodwin, viria a protagonizar dezenas de histórias. Em 1959, Rex Stout recebeu a distinção de Grande Mestre pela Mystery Writers of America. Morreu a 27 de outubro de 1975, em Danbury, no Connecticut, cerca de um mês após a publicação do seu último romance, *Um Caso Familiar*.

A Caixa Vermelha

Rex Stout

Publicado em Portugal por
Livros do Brasil (www.livrosdobrasil.pt)

Título original: *The Red Box*

© Rex Stout, 1936, 1937

© Porto Editora, 2020

Tradução: Isaac Soares
Revista para Portugal por: Lima de Freitas

Capa: Luís Alegre/Ideias com Peso
Fotografia do autor: © Time Life Pictures/GettyImages

1.^a edição em papel na Livros do Brasil/Porto Editora: fevereiro de
2020

Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto
Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-989-711-066-5

CAPÍTULO I

Wolfe encarou o nosso visitante e arregalou os olhos, o que era nele um sinal de indiferença ou irritação. No caso presente, via-se que estava irritado.

— Repito, Mr. Frost, que é inútil — declarou. — Nunca saio de casa para trabalhar. Não há força humana capaz de me obrigar a isso. Foi o que eu lhe disse há cinco dias. Passe bem, senhor.

Llewellyn Frost pestanejou, mas não fez nenhum movimento para corresponder à despedida. Pelo contrário, recostou-se no espaldar da cadeira e abanou a cabeça, pacientemente.

— Bem sei. Aceitei as suas razões na última quarta-feira, Mr. Wolfe, porque havia então outra possibilidade que valia a pena tentar, ao que parecia. Não deu resultado, porém. Agora, não há outra alternativa. O senhor terá de lá ir. Ao menos uma vez o senhor pode transigir com o seu génio excêntrico. De qualquer forma, uma exceção dará bons resultados. Será a falha que realça a perfeição. A gaguez que dá relevo à eloquência. Pelo amor de Deus, são apenas vinte quarteirões daqui até à Rua Cinquenta e Dois, entre a Quinta Avenida e a Avenida Madison. Um táxi levar-nos-á lá em oito minutos.

— Com efeito. — Wolfe mexeu-se na cadeira; fervia de cólera. — Quantos anos tem o senhor, Mr. Frost?

— Eu? Vinte e nove.

— Não é tão jovem que se justifique a sua petulância infantil. Ora veja! Aceitou as minhas razões! Fala do meu génio excêntrico. E meteu-se-lhe na cabeça que me há de levar à desfilada através da avalanche do tráfego urbano... e num táxi! Olhe para este meu corpanzil! Senhor, eu não entraria num táxi nem que isso me proporcionasse uma oportunidade de resolver o mais profundo enigma da Esfinge, recebendo como recompensa toda a carga dos barcos do Nilo! — A sua voz decresceu num murmúrio ofendido. — Santo Deus! Num táxi!

Enviei a Wolfe o meu aplauso sob a forma de um sorriso e fiz girar o lápis entre os dedos, enquanto me sentava à escrivaninha, separada da dele dois metros. Tendo trabalhado para Nero Wolfe durante nove anos, havia alguns pontos sobre os quais já não alimentava dúvida

alguma. Por exemplo: que ele era o melhor detetive privado a norte do Polo Sul. Que se convencera de que o ar livre é capaz de ocasionar perturbações pulmonares. Que o seu sistema nervoso sofreria um curto-circuito, se a ele se encostassem ou o acotovelassem outras pessoas. Que se deixaria morrer de inanição, caso acontecesse alguma desgraça a Fritz Brenner, na firme crença de que eram intragáveis os pratos preparados por outro cozinheiro. Há outros pontos ainda, de natureza diversa, que omitirei, pois provavelmente Nero Wolfe lerá estas páginas...

O jovem Mr. Frost contemplou Wolfe calmamente.

— O senhor é um artista de fôlego, Mr. Wolfe. Está visto que é. Uma rapariga foi assassinada. Outra, e talvez alguém mais, encontra-se em perigo. O senhor intitula-se especialista em tais assuntos, não é verdade? Até aqui está tudo certo; não há dúvida de que o senhor é um especialista. Mas uma rapariga foi assassinada, outras encontram-se em iminente perigo de vida e o senhor põe-se para aí a declamar, com a ênfase de um Booth ou de um Barrett¹, a propósito de um táxi em correria no meio da avalanche do tráfego. Gosto de uma boa representação: tenho obrigação de gostar, pois dedico-me a questões teatrais. No seu caso, porém, julguei que, em certas ocasiões, um respeito honesto pelas desgraças e sofrimentos humanos o levaria a tirar a máscara. Se o senhor persistir, tanto pior. Se, mais do que arrostar pequenos incómodos pessoais...

— Não continue, Mr. Frost. Se uma rapariga foi assassinada, existe a Polícia. Outras estão em perigo? Podem contar com a minha simpatia, mas não têm direito de preferência sobre os meus serviços profissionais. Não posso afugentar os perigos com um gesto e nunca tomarei um táxi. Passe bem, senhor!

Frost enrugou a testa. Murmurou para si mesmo: «Não há ninguém mais cabeçudo.» Enfiou a mão na algibeira interna do casaco, tirou alguns papéis, escolheu um que desdobrou e examinou, tornando a guardar os outros. Olhou para Wolfe:

— Levou-me quase dois dias conseguir estas assinaturas. Agora espere um minuto, não fale. O envenenamento de Molly Lauck, há uma semana, pareceu suspeito desde o primeiro momento. Já na quarta-feira, dois dias depois, se tornou claro que a Polícia estava a

perder o seu tempo inutilmente; vim procurá-lo. Eu estava bem informado a seu respeito, sabia que o senhor era único e insubstituível. Como o senhor não ignora, esforcei-me por trazer McNair e os outros aqui ao seu escritório e não quiseram vir, esforcei-me por levá-lo lá e também o senhor não quis ir; delicadamente, mandei-o à fava. Isto foi há cinco dias. Paguei trezentos dólares a outro detetive para afinal chegar a um resultado nulo e a Polícia, do inspetor para baixo, desempenha tão bem o seu papel como Fanny Brice desempenharia o de Julieta. A verdade é que o caso é intricado e duvido que alguém possa resolvê-lo, a não ser o senhor. Cheguei a esta conclusão no sábado e durante o fim de semana percorri léguas. — Estendeu o papel a Wolfe. — Que diz a isto?

Wolfe segurou o papel e leu-o. Reparei que ele semicerrava os olhos lentamente e compreendi que, fosse o que fosse, aquela folha de papel estava a exercer uma influência sensível sobre a sua irritação. Repetiu a leitura, mirou Llewellyn Frost através das pálpebras semicerradas e passou-me o papel. Levantei-me para o segurar. Era uma carta datilografada numa folha de papel liso de boa marca e dizia o seguinte:

Nova Iorque, 28 de março de 1936.

Mr. Nero Wolfe:

A pedido de Llewellyn Frost, os abaixo-assinados vêm solicitar a V. S., com vivo empenho, que tome a seu cargo a investigação da morte de Molly Lauck, envenenada a 23 de março no escritório da firma Boyden McNair Inc., à Rua 52, em Nova Iorque. Rogamos encarecidamente que, para esse fim, visite o escritório de McNair. Respeitosamente, recordamos-lhe que uma vez por ano V. S. sai à rua a fim de comparecer na Exposição Metropolitana de Orquídeas e que o presente caso, conquanto não lhe proporcione tanta satisfação pessoal, parece-nos merecedor de idêntico sacrifício do seu conforto e interesse.

Com alta estima,

WINOLD GLUECKNER
CUYLER DITSON
T. M. O'GORMAN
RAYMOND PLEHN

Devolvi o documento a Wolfe, sentei-me e sorri para ele. Wolfe dobrou o papel e colocou-o sob o bloco de madeira petrificada que usava como pisa-papéis.

— Essa foi a melhor ideia que me ocorreu para obter os seus serviços — disse Frost. — Eu precisava de si. O caso está praticamente abandonado. Consegui a participação de Del Pritchard, mas ele desistiu. Era forçoso conseguir a sua colaboração, fosse como fosse. O senhor vai até lá?

Wolfe fazia com o indicador pequenos círculos no braço da cadeira e perguntou:

— Por que diabo teriam eles assinado esse papel?

— Porque eu pedi. Expliquei. Constei-lhes que ninguém, a não ser o senhor, poderia resolver o caso e que era preciso persuadi-lo. Constei-lhes que, além de dinheiro e de boa cozinha, a única coisa que o interessava eram as orquídeas, e que ninguém conseguiria exercer qualquer influência sobre si exceto eles, os melhores cultivadores de orquídeas da América. Consegui cartas de apresentação para todos eles. Fiz um trabalho esmerado. O senhor pode notar que a minha lista se limita aos nomes de importância indiscutível. O senhor irá até lá?

— Meteu-me numa esparrela, foi o que fez. — Wolfe suspirou. — Uma imposição infernal. — Agitou o dedo diante do rapaz. — Escute. O senhor parece disposto a não se deter diante de coisa nenhuma. Distraiu dos seus afazeres esses dignos senhores, a fim de obter as suas assinaturas para esse papelucho idiota. E agora vem importunar-me. Como se explica esse seu extraordinário interesse no caso? A rapariga assassinada... que significa ela para o senhor?

— Nada. — Frost hesitou. Depois prosseguiu: — Não significava nada para mim. Eu conhecia-a. Era uma pessoa das minhas relações. Mas o perigo... é o diabo! Vou contar-lhe. A maneira como aconteceu...

— Por favor, Mr. Frost. — Wolfe mostrava-se firme. — Permita-me uma observação. Se a rapariga assassinada não lhe era nada, em que situação ficará um investigador contratado por si? Se o senhor não conseguiu persuadir Mr. McNair e os outros a virem aqui, será inútil

para mim ir procurá-los. E há outro ponto: eu costumo cobrar caro.

— Eu sei — disse Frost, inclinando-se para a frente na cadeira. — Escute, Mr. Wolfe. Desperdicei muito dinheiro do meu pai desde que comecei a usar calças compridas. Boa parte do dinheiro consumi-a, nos últimos dois anos, na montagem de peças teatrais que fracassaram. Agora, porém, tenho uma peça que está a obter êxito. A estreia foi há duas semanas e já foram vendidos bilhetes para dez semanas. Intitula-se *Balas para o Pequeno-Almoço*. Terei dinheiro suficiente para pagar os seus honorários. Bastará descobrir de onde veio aquele maldito veneno e ajudar-me a encontrar um meio de livrar a minha prima de um perigo de morte. Ela e eu somos primos paralelos, pois é filha de um irmão do meu pai.

— Muito bem. — Wolfe examinou-o atentamente. — O senhor é antropólogo?

— Não. — Frost corou. — Já lhe disse, ocupo-me de teatro. Posso pagar-lhe honorários dentro de limites razoáveis ou mesmo fora desses limites. Quanto a isso, porém, temos de nos entender. É claro que a importância total dos honorários lhe pertencerá, mas a minha ideia é dividi-la assim: metade para descobrir de onde vieram os bombons e a outra metade para afastar a minha prima Helen daquela casa. Ela é tão cabeçuda como o senhor e, provavelmente, o senhor terá de ganhar a primeira metade dos honorários para poder ganhar a segunda; mas, se ocorrer o contrário, eu não ficarei zangado. Se o senhor fizer com que Helen abandone o emprego, mesmo sem esclarecer a morte de Molly Lauck, metade dos honorários será sua, de qualquer forma. É inútil querer amedrontar Helen, isso não dá resultado. Ela tem uma absurda noção de lealdade para com McNair, Boyden McNair. Chama-lhe «tio Boyd». Conhece-o desde pequenina. É um velho amigo da tia Callie, a mãe de Helen. E há ainda aquele tipo, Gebert... Mas é melhor começar pelo princípio e expor o caso... O quê?! O senhor vai lá agora?

Wolfe arrastara a cadeira para trás e punha-se de pé. Rodeou a mesa com a decisão habitual.

— Deixe-se estar sentado, Mr. Frost. São quatro horas. Agora vou passar duas horas com as minhas plantas, lá em cima. Mr. Goodwin anotará os detalhes do envenenamento de Miss Molly Lauck e das suas

complicações com a família, se tiverem ligação com o caso. Julgo que é pela quarta vez que eu lhe digo: passe bem! Archie, encontraremos Mr. Frost na loja de McNair amanhã de manhã, às onze e dez.

Voltou-se e saiu, indiferente aos protestos do cliente por aquele adiamento. Através da porta aberta do escritório ouvi o gemido do elevador no *hall*, mal Wolfe entrou e bateu a porta.

Llewellyn Frost virou-se para mim; observei-o: tinha o cabelo ondulado, castanho-claro, penteado para trás; os olhos castanhos, muito grandes, em matéria de inteligência davam azo a meras conjecturas; o nariz grande e o queixo largo eram de dimensões desproporcionadas, embora o rapaz medisse mais de um metro e oitenta.

Abri o caderno de notas na primeira página em branco e disse:

— Muito bem. Agora, vamos ao caso do assassinio em que o senhor está interessado. Tem a palavra.

¹ Lawrence Barrett (1838-1891) e Edwin Booth (1833-1893), dupla de atores de teatro norte-americanos conhecidos por representarem papéis de antagonistas em várias peças de Shakespeare. (*N. do R.*)

CAPÍTULO II

Na manhã seguinte, partindo da casa da Rua 35, nas proximidades do rio Hudson (onde Wolfe morava há mais de vinte anos e eu há uns dez) para a Rua 52, guiei o *sedan* com a preocupação de imprimir-lhe uma marcha suave como o dedilhar de um violinista. Só uma vez não resisti: na Quinta Avenida, perto da Rua 43, avistei uma pequena cova; pois bem, fiz uma manobra de modo a passar mesmo por cima do buraco, provocando um bom solavanco. Pelo espelho, dei uma olhadela a Wolfe, no assento traseiro, e vi-lhe no rosto uma expressão de amargura e furor.

— Sinto muito, senhor — disse-lhe. — Andam a esburacar as ruas.
Ele não respondeu.

Pelo relato que Llewellyn Frost me fizera na véspera — que eu anotara integralmente no meu caderno de notas e lera a Nero Wolfe na noite de segunda-feira — não me fora possível imaginar que na loja da firma Boyden McNair Inc. houvesse tamanho luxo. Encontrámos Llewellyn Frost na loja, logo à entrada, e tomámos o elevador. O pavimento superior era tão sumptuoso como o térreo, porém, mais tranquilo. De ambos os lados de um corredor comprido e largo havia portas com placas e letreiros. E o espaçoso salão, por onde passámos logo à saída do elevador, estava guarnecido de cadeiras estofadas de seda, cinzeiros dourados e grossos tapetes de cores vivas. Relanceei um olhar em torno e concentrei a minha atenção no lado da sala oposto ao corredor, onde duas beldades estavam sentadas num sofá. Uma delas, loura de olhos azul-escuros, era de uma formosura tão exuberante que tive de dominar-me para não pestanejar; a outra, esbelta, morena, embora menos notável, ganharia pela certa um concurso para escolha da «Miss Rua 52». A loura cumprimentou-nos com uma vénia. A morena disse:

— Olá, Lew!

Llewellyn voltou a cabeça.

— Olá, Helen. Falarei consigo depois.

Frost levou-nos até à última porta do lado direito. Entrámos numa sala razoavelmente estreita mas comprida, onde o luxo era aliviado apenas para dar lugar aos objetos indispensáveis num escritório. Os

tapetes eram tão espessos como os da outra sala e a mobília tinha a marca *Decorators Delight*. Pesadas cortinas de seda amarela velavam a luz das janelas, roçando, em dobras, pelo soalho. Do teto pendiam lustres de vidro, grandes como tonéis.

— Mr. Nero Wolfe. Mr. Goodwin. Mr. McNair — apresentou Frost.

O homem que estava sentado a uma mesa de pernas trabalhadas levantou-se e estendeu a mão, sem entusiasmo.

— Como têm passado, cavalheiros? Sentem-se. — McNair dirigiu-se a Frost: — Muito bem, Lew. Você sabe que estou ocupado. Você disse a estes cavalheiros que concordei em conceder-lhes quinze minutos?

— Eu disse-lhes que o persuadira a recebê-los. Não creio que quinze minutos sejam suficientes...

— Têm de ser. Estou ocupado. É uma época de muito serviço. — McNair tinha uma voz esganiçada e mudava constantemente de posição na cadeira. Continuou: — Já contei ao inspetor Cramer tudo o que sei. Trabalhei catorze horas por dia ultimando o plano de produção para a primavera, o que já bastava para dar cabo de um homem, e em seguida sobrevém mais esse caso de homicídio. Creio que ainda vou ter um colapso, essa é que é a verdade!

McNair tirou o lenço da algibeira, passou-o pela testa e pelo nariz, esboçou um movimento para metê-lo de novo na algibeira e acabou por atirá-lo para cima da mesa. Dirigiu-se a Wolfe:

— Foi Lew Frost quem o arrastou para este caso. Mas o que sabe ele? — Olhou para Frost. — Tive de repisar o que contei à Polícia a ponto de me dar náuseas. Em dez minutos posso dizer tudo o que sei. Ora isto, justamente, como disse a Cramer, é que é o pior: ninguém sabe nada. E Lew Frost ainda sabe menos. — Tornou a olhar para o rapaz. — Você não ignora que ele quer servir-se deste meio para afastar Helen daqui.

Wolfe não tirava os olhos do rosto de McNair. Frost começou a falar, mas, com um aceno, pedi-lhe que se calasse. McNair segurou o lenço, passou-o pela testa e tornou a largá-lo. Abriu a gaveta de cima, no lado direito da mesa, olhou lá para dentro e murmurou: «Onde diabo estão as aspirinas?» Procurou na gaveta da esquerda, de onde tirou um frasco; colocou dois comprimidos na palma da mão e

despejou num copo, até metade, a água de uma garrafa-termo; meteu os comprimidos na boca e engoliu-os com a ajuda da água. Mirou Wolfe e queixou-se, ressentido:

— Tenho andado com uma dor de cabeça infernal, há duas semanas. Já tomei uma tonelada de aspirinas, sem conseguir alívio. Ainda vou ser vítima de um colapso...

Ouviu-se uma pancada e a porta abriu-se. A intrusa era uma mulher alta e bonita de vestido preto com fileiras de botões brancos. Entrou, olhou cortesmente em volta e disse numa voz cheia de requinte:

— Desculpem-me, por favor. — Dirigiu-se a McNair: — O modelo mil duzentos e quarenta e um, o de caxemira e tafetá liso, com listas na diagonal ao meio, pode ser feito em lã de duas cores, com bordados em vez do tafetá?

McNair, de cara carrancuda, contemplou a mulher e indagou:

— Quê?

Ela tomou fôlego:

— O modelo mil duzentos e quarenta e um...

— Ah! Já ouvi. Não, não pode. Os modelos são fixos consoante o plano de produção, Mrs. Lamont. A senhora sabe-o.

— Sim. Foi Mrs. Frost que pediu.

— Mrs. Frost? Ela está aí? — A inquietação de McNair abrandou de chofre e a sua voz, embora ainda meio esganiçada, soava mais natural. — Ah! Ela está aí. Preciso de ver Mrs. Frost. Pergunte-lhe se não a incomoda esperar até que eu conclua este assunto aqui.

— E o modelo mil duzentos e quarenta e um, em lã de duas cores...?

— Sim. Naturalmente. Com um acréscimo de cinquenta dólares.

A mulher inclinou a cabeça, tornou a pedir desculpas e retirou-se. McNair consultou o relógio de pulso, dirigiu um olhar fulminante ao jovem Frost e voltou-se para Wolfe:

— O senhor dispõe ainda de dez minutos.

Wolfe abanou a cabeça.

— Não é preciso. O senhor está nervoso, McNair. Está transtornado. O senhor, sem dúvida, leva uma vida muito agitada, correndo de um lado para outro a fim de fornecer vestidos a mulheres.

— Wolfe estremeceu. — Coisa horrível! Eu gostaria de lhe fazer duas perguntas. A primeira: no que diz respeito à morte de Molly Lauck, o senhor tem alguma coisa a acrescentar ao que já contou a Mr. Cramer e a Mr. Frost? Estou perfeitamente a par de tudo o que lhes disse. Não há mais nada?

— Não. — McNair estava sisudo. Tomou o lenço e enxugou o suor da fronte. — Não. Nada mais.

— Muito bem. Nesse caso, será inútil roubar-lhe mais tempo. A outra pergunta: não há aí uma sala onde eu possa conversar com algumas das suas empregadas? Procurarei ser tão breve quanto possível. Especialmente Miss Helen Frost, Miss Thelma Mitchell e Mrs. Lamont. E Mr. Perren Gebert não estará aí, porventura?

McNair perguntou com raiva:

— Gebert? Por que razão estaria ele aqui?

— Não sei. — Wolfe encolheu os ombros ligeiramente. — Eu é que pergunto. Disseram-me que ele esteve aqui há uma semana, no dia em que Miss Lauck faleceu, quando se realizou um desfile de modelos. É assim que se diz, não é?

— Realizei um desfile, sim. Gebert veio por casualidade. Vieram dezenas de pessoas. Quanto à sua entrevista com as empregadas e Mrs. Lamont, pode realizá-la aqui mesmo, uma vez que o senhor diz que não vai demorar muito. Vou descer à loja.

— Eu preferia um lugar menos... mais modesto, se for possível.

— Como queira. — McNair levantou-se. — Lew, conduza os cavalheiros a uma das salas. Avisarei Mrs. Lamont. O senhor deseje vê-la em primeiro lugar?

— Eu gostaria de começar por Miss Frost e Miss Mitchell. As duas de uma só vez.

— Muito bem. Chame as empregadas, Lew.

McNair olhou em redor, tirou o lenço de cima da mesa, enfiou-o no bolso e precipitou-se para fora da sala.

Frost conduziu-nos ao longo do corredor e abriu a última porta da esquerda. Acendeu as luzes, declarou que voltaria imediatamente e saiu. Inspecionei o compartimento. Era uma sala pequena, com uma mesa, cinzeiros, enormes espelhos e graciosas cadeiras com estofos de seda. Frost e as duas beldades chegaram pouco depois. Acerquei-me

do rapaz e pedi-lhe que trouxesse três garrafas de cerveja bem fria e um copo. Frost arregalou os olhos de assombro. Expliquei-lhe que isso era indispensável para manter Wolfe em plena forma. Frost saiu. Acomodei-me numa cadeira, com a loura estonteante de um lado e a sílfide do outro. Wolfe, abancado junto à mesa, perguntou:

— As senhoras são modelos?

— É como nos chamam — respondeu a loura. — O meu nome é Thelma Mitchell. Esta é a minha colega Helen Frost.

Wolfe inclinou a cabeça e voltou-se para a sílfide:

— Porque trabalha aqui, Miss Frost? A senhora não tem necessidade. Não é assim?

Helen Frost fixou sobre Wolfe os seus olhos horizontais, agora separados por uma ligeira ruga. Disse calmamente:

— O meu primo informou-nos de que o senhor queria fazer-nos algumas perguntas a respeito... a respeito de Molly Lauck.

— Com efeito. Compreenda isto, Miss Frost: sou detetive. Portanto, podem acusar-me de incompetência ou estupidez, mas não de impertinência. Por absurdas ou despropositadas que, aparentemente, sejam as minhas perguntas, podem envolver a significação mais profunda e as ilações mais sinistras. É a tradição da minha profissão. Na realidade, apenas fiz um esforço para travar relações consigo.

— Estou a fazer apenas um favor ao meu primo Lew. Ele não me pediu para travar relações com ninguém. Pediu-me para responder a algumas perguntas sobre o que aconteceu na segunda-feira passada.

Wolfe inclinou-se para a frente e disse com energia:

— Apenas um favor ao seu primo? Molly Lauck não era sua amiga? Não foi assassinada? Não se interessa em ajudar a esclarecer o caso?

Estas palavras pouco efeito produziram em Miss Frost. Engoliu em seco, mas conservou-se firme.

— Interesse-me, sim. Naturalmente. Mas já contei à Polícia... Não compreendo o que Lew... Não compreendo o que o senhor... — Calou-se, depois levantou a cabeça e continuou: — Eu já não disse que responderei às suas perguntas? É horrível... é uma coisa horrível...

— Assim é. — Wolfe voltou-se abruptamente para a loura: — Miss Mitchell, estou informado de que às quatro horas e vinte minutos da tarde da segunda-feira passada, há uma semana e um dia, a senhora e

Miss Frost tomaram juntas o elevador lá em baixo e vieram para este andar. É verdade?

Miss Mitchell acenou afirmativamente.

— E não havia ninguém aqui, isto é, a senhora não viu ninguém. Caminharam ao longo do corredor para a quinta porta do lado esquerdo, do lado oposto ao do escritório de McNair, e entraram na sala que é destinada ao repouso das quatro modelos que trabalham aqui. Molly Lauck encontrava-se nessa sala. É verdade? Pois bem. Conte-me o que aconteceu.

A loura tomou fôlego.

— Bem, começámos a conversar sobre o desfile, sobre as clientes, e assim por diante. Nada de especial. Assim estivemos uns três minutos e, de repente, Molly declarou que se esquecera de uma coisa. Enfiou a mão por debaixo do casaco e tirou uma caixa...

— Um momento. Quais foram exatamente as palavras proferidas por Miss Lauck?

A loura encarou Wolfe com espanto.

— Deixe-me ver. Bom, parece que foram estas: «Oh, esqueci-me de uma coisa, meninas. Cometi um furto! Surripiei isto com a perícia de um larápio.» Enquanto falava, puxou a caixa, que estava debaixo do casaco...

— E onde estava o casaco?

— O casaco era o dela e estava em cima da mesa.

— E onde estava a senhora?

— Eu? Estava de pé, à direita de Molly. Ela sentara-se em cima da mesa.

— Onde estava Miss Frost?

— Estava... diante do espelho, alisando os cabelos. Não era, Helen? A sílfide limitou-se a fazer um gesto afirmativo. Wolfe continuou:

— E depois? Peço rigorosa exatidão. As palavras textuais.

— Bem, Molly entregou-me a caixa; agarrei-a, abri-a e disse...

— A caixa fora aberta antes?

— Não sei. Não vi nenhum invólucro, fita ou coisa semelhante. Abri a caixa e disse: «Oh! São finos bombons, completamente intactos. Onde é que arranjou isto, Molly?» Ela respondeu: «Já disse: furtei-os. Não é uma maravilha?» Ofereceu a Helen...

— As palavras exatas!

Miss Mitchell franziu a testa.

— Não me lembro bem. Se não me engano, as palavras dela foram: «Tire um bombom, Helen» ou «Junte-se à festa, Helen»... mais ou menos isso. De qualquer forma, Helen recusou...

— E, ao recusar, que disse?

— Não sei. Que disse você, Helen?

— Não me recordo. Eu tinha acabado de beber alguns *cocktails* e não aceitei nenhum bombom.

— Mais ou menos isso — prosseguiu a loura. — Foi então que Molly tirou um bombom e eu tirei outro...

— Por favor. — Wolfe agitou um dedo na direção da jovem. — A senhora segurava na caixa?

— Sim. Molly passara-a para as minhas mãos.

— Miss Frost, não teve oportunidade de segurar a caixa?

— Não. Como já disse, ela recusou a oferta. Nem sequer olhou para os bombons.

— E a senhora e Miss Lauck tiraram um bombom, cada uma....

— Sim. Servi-me de um pedaço de abacaxi cristalizado. Eram bombons sortidos: chocolates, nozes, frutas cristalizadas, tudo. Comi o bombom. Molly pôs o dela inteirinho na boca e depois de trincá-lo disse... disse que era forte...

— As palavras exatas, por favor.

— Bem. Espere... Ela expressiu-se deste modo: «Meu Deus, isto é violento, mas não é mau, suporta-se.» Fez uma careta, mastigou e engoliu. Depois... bom... o senhor não acreditaria na rapidez com que tudo se passou... Não foi mais que meio minuto. Garanto. Tirei outro bombom e pus-me a comê-lo, enquanto Molly olhava para dentro da caixa e falava em tirar o gosto ruim da boca...

Calou-se porque a porta se abriu com um repelão. Surgiu Llewellyn Frost, trazendo um saco de papel. Ergui-me para receber a encomenda. Abri o saco, dispus o copo e as garrafas diante de Wolfe. Este agarrou numa das garrafas e encheu o copo. Helen Frost dizia ao primo:

— Então foi por isso que você saiu. O seu detetive quer saber com exatidão o que eu disse, as palavras exatas que pronunciei, e

perguntou a Thelma se eu segurei na caixa de bombons...

Frost afagou-lhe o ombro.

— Ora, Helen. Seja boazinha. Ele sabe bem o que faz...

Uma garrafa já estava vazia e o copo também. Frost sentou-se. Wolfe limpou os lábios.

— A senhora dizia, Miss Mitchell, que Miss Lauck falava em tirar da boca o gosto ruim...

A loura confirmou, com uma inclinação de cabeça.

— Sim. Depois... Bem... De um instante para outro, Molly inteiriçou-se e emitiu um ronco. Não gritou, foi positivamente um ronco, um som horrível. Afastou-se da mesa, depois apoiou-se novamente nela e o seu rosto ficou todo contraído... sim... contraído. Contemplava-me de olhos parados, abria e fechava a boca, mas não conseguia articular uma só palavra. E, de repente, uma convulsão sacudiu-lhe o corpo todo, segurou-se a mim, agarrou-me os cabelos e... e... — a loura suspirou. — Bem, quando caiu, arrastou-me consigo, porque se agarrara aos meus cabelos. Nessa altura, como é natural, assustei-me. Dei um pulo para o lado. Mais tarde, quando o médico... quando chegou gente, Molly tinha uma mecha do meu cabelo nos dedos crispados.

Wolfe encarou-a.

— A senhora tem bons nervos, Miss Mitchell.

— Não sou covarde. Chorei muito quando cheguei a casa naquela noite, chorei bastante. Mas no momento não chorei. Helen, de pé junto à parede, tremia e esgazeava os olhos sem conseguir mover-se, como ela mesma lhe dirá. Corri até ao elevador e gritei por socorro. Depois voltei a correr e recoloquei a tampa na caixa de bombons, que conservei nas minhas mãos até que Mr. McNair chegou e eu lha entreguei. Percebi que Molly morrera. Ela estava completamente encolhida. Quando caíra, já estava morta.

— Então, Miss Mitchell, a senhora, tendo comido dois bombons, não sentiu perturbação nenhuma, ao passo que Miss Lauck comeu um apenas.

— Exatamente. — A loura estremeceu. — É terrível pensar que existe uma substância capaz de matar com tanta rapidez. Cianeto de potássio... disseram os jornais. Molly nem sequer conseguiu falar. Via-

se o esforço que fazia para dizer algo enquanto estrebuchava. Apoderei-me da caixa, mas dela me livre e abalei no mesmo instante em que pus os olhos em Mr. McNair.

— Então, pelo que ouço, a senhora retirou-se?

— Sim, precipitei-me para o lavatório. — Fez uma careta. — Tratei de vomitar. Tinha comido dois bombons.

— Realmente. Muito prático. — Wolfe já abrira outra garrafa. — Voltemos um pouco atrás. A senhora não vira a caixa de bombons antes de Miss Lauck a ter tirado debaixo do casaco?

— Não.

— Na sua opinião, que sentido tinham as palavras de Miss Molly quando declarou que surripiara a caixa?

— Ora... ela quis dizer que vira a caixa algures e levava-a consigo.

— Miss Mitchell — insistiu Wolfe. — Na sua opinião, que sentido tinha a expressão usada por Miss Lauck?

— Na minha opinião, tinha o sentido que sempre teve. Ela surriprou a caixa. Roubou-a.

— Mas Miss Molly tinha esse hábito? Era uma ladra?

— Claro que não. Apenas se apropriou de uma caixa de bombons. Por brincadeira, creio eu. Molly gostava de se divertir assim, fazendo partidas desse género.

— Se não estou mal informado, nesse dia a senhora almoçou na companhia de Miss Lauck. Fale-nos a esse respeito.

— Molly e eu saímos juntas, por volta da uma hora, mais ou menos. Estávamos famélicas porque o trabalho fora duro, o desfile durava desde as onze horas da manhã, mas contentámo-nos em ir ao bar da esquina, pois tínhamos de regressar dentro de vinte minutos, a fim de permitir uma folga a Helen e às outras modelos. O desfile, de acordo com o programa, deveria prolongar-se das onze às duas; sabíamos, porém, que só por acaso esse horário seria respeitado. Comemos sanduíches e um leite-creme e voltámos imediatamente.

— Não viu Miss Lauck surripiar a caixa de bombons no bar?

— Claro que não. Ela não fez isso.

— E a senhora, não se apoderou da caixa no bar, trazendo-a consigo?

Miss Mitchell fixou com espanto o detetive. Respondeu, com

desgosto:

— Pelo amor de Deus! Não!

— A senhora tem a certeza de que Miss Lauck não se apoderou da caixa, em qualquer sítio, durante a saída para o almoço?

— Está visto que tenho a certeza. Não me separei dela.

— E ela não tornou a sair durante a tarde?

— Não. Trabalhei juntamente com ela até às três e meia, quando se verificou uma interrupção. Molly subiu imediatamente para este andar. Pouco depois, Helen e eu fizemos o mesmo e viemos encontrá-la aqui. Estava na casa de banho.

— E Miss Lauck comeu um bombom e morreu; a senhora comeu dois e não morreu. — Wolfe suspirou. — Resta, sem dúvida, uma possibilidade: a de ter trazido a caixa consigo quando chegou de manhã para começar a trabalhar.

A loura meneou a cabeça.

— Também pensei nisso. Todos nós temos falado a esse respeito. Molly não trazia nada consigo. E, mesmo que trouxesse, onde teria ficado o embrulho toda a manhã? Não se encontrava na casa de banho e não havia outro lugar...

Wolfe fez um gesto de compreensão.

— Isso é que é o diabo! É uma história gravada em disco. A senhora, na realidade, não me está a contar as suas recordações do que aconteceu aqui, na segunda-feira passada. Limita-se a repetir apenas o que ficou convencionado dizer sobre o caso. Por favor, não se ofenda; a senhora não o pode evitar. Eu deveria ter vindo aqui segunda-feira à tarde, ou melhor, não deveria ter vindo nunca. Nem mesmo agora.

Encarou Llewellyn Frost, depois lembrou-se da cerveja, encheu o copo e bebeu. Olhou um pouco para uma das jovens, depois para a outra.

— As senhoras sabem, naturalmente, em que consiste o problema. Segunda-feira passada, mais de uma centena de pessoas afluíram para aqui, a fim de assistir ao desfile. A maioria eram mulheres, havia poucos homens. O dia estava frio, razão por que todas se apresentaram de casacos de abafo. Quem trouxe a caixa de bombons? A Polícia, praticamente, já interrogou todos os que estavam presentes

no desfile. Interrogou, também, todas as pessoas que, de qualquer modo, estão ligadas a esta loja. Não encontraram ninguém que tivesse visto a caixa vez alguma, ou que soubesse da sua existência. Ninguém tampouco viu Miss Lauck com a caixa, e ninguém faz a menor ideia de como tal objeto foi ter às mãos da rapariga. Uma situação inconcebível! — Apontou o indicador para Frost. — Declaro-lhe, senhor, que este caso transcende os limites da minha especialidade. Posso servir-me de um dardo ou de um espadim, mas não posso armar alçapões por todo o distrito metropolitano. Quem trouxe o veneno para cá? E a quem estava destinado? Só Deus o sabe. Não estou em condições, porém, de fazer súplicas a Deus, por maior que seja o número de cultivadores de orquídeas que se prestem a assinar cartas idiotas. Acho que não vale mesmo a pena fazer uma tentativa para ganhar a segunda metade dos honorários, visto que a sua prima, sua prima paralela, se recusa a travar relações comigo. Quanto à primeira metade, o esclarecimento da morte de Miss Lauck, é tarefa que eu só poderia realizar mediante entrevistas com todas as pessoas que estiveram nesta casa na segunda-feira passada. E duvido que o senhor consiga persuadir mesmo as mais ingénuas a comparecer no meu escritório. — Wolfe abriu a terceira garrafa. — Parece-me que ainda não lhe agradei a oferta desta cerveja. Muito obrigado. Asseguro-lhe, caro senhor, que o problema está perfeitamente ao alcance da minha capacidade, desde que me seja possível aplicá-la. Desde que seja possível... Tomemos, por exemplo, o caso de Miss Mitchell. Ela disse a verdade? Foi ela quem assassinou Molly Lauck? Descubramo-lo. — Voltou-se e indagou num ímpeto: — Miss Mitchell, a senhora costuma comer muitos bombons?

— É coisa que como raramente — disse a jovem. — Tenho de ter cuidado. Sou modelo e tenho de cuidar de mim.

— E que qualidade prefere?

— Frutas cristalizadas. Também gosto de nozes.

— Foi a senhora que abriu a caixa, segunda-feira passada. De que cor era? E que dizia na tampa?

— Era castanha. Uma espécie de castanho-dourado. E na tampa dizia... dizia: *Sortido*. Mais ou menos isso.

— Mais ou menos? — vociferou Wolfe. — Quer dizer que a

senhora não se lembra do que estava escrito na tampa?

Miss Mitchell enrugou a testa ao olhar para Wolfe.

— Não... Não me lembro. Tem graça. Eu teria pensado...

— O mesmo que eu penso. A senhora olhou a caixa, retirou a tampa, depois tornou a colocá-la e ficou com a caixa na mão, sabendo que ela continha um veneno mortal, e mesmo assim não teve curiosidade bastante para...

— Espere um momento. O senhor não é tão esperto como pensa. Molly estava morta, caída no soalho, todos se apinhavam na sala, enquanto eu olhava em redor, à procura de Mr. McNair, a fim de lhe entregar a caixa, ansiosa por me livrar do malfadado objeto. Sem dúvida, não era ocasião para pensar em coisas capazes de despertar a curiosidade. — Franziu a testa mais uma vez. — Por isso, tem graça o facto de que eu não tenha realmente lido o que estava escrito na tampa.

Wolfe mexeu a cabeça. Voltou-se abruptamente para Lew Frost:

— O senhor vê como isto está a andar?! Que se pode deduzir do depoimento de Miss Mitchell? Ela simula astuciosamente ignorar o que estava escrito na tampa ou é crível que não o tenha notado? Estou a fazer apenas uma demonstração. Para outro exemplo, tomemos a sua prima. — Os seus olhos luziram ao encarar a rapariga. — A senhora, Miss Frost. Costuma comer bombons?

Miss Frost olhou para o primo.

— Isto parece-me uma futilidade... Enfim, está bem. Eu como bombons. Prefiro caramelos. Limito-me, aliás, aos caramelos, pois, devido à minha profissão de modelo, tenho de ter cuidado, também, para não engordar.

— Caramelos de chocolate? De nozes?

— De toda a espécie. Caramelos. Gosto de mastigá-los.

— Quantas vezes costuma comê-los? É a senhora que os compra?

— Costumo comê-los uma vez por semana, mais ou menos. E não os compro. Por enquanto ainda não foi preciso. O meu primo, sabendo da minha preferência, envia-me caixas de caramelos *Carlatti*. E envia de mais. Sou obrigada a oferecer a maior parte.

— A senhora gosta mesmo muito de caramelos?

— Muito.

— Não lhe é difícil recusar quando lhe oferecem algum?

— Às vezes, sim.

— Não trabalhou muito na segunda-feira à tarde? Estava cansada? O seu almoço foi ligeiro e insatisfatório?

Ela mostrava-se tolerante.

— Sim.

— Então, quando Miss Lauck lhe ofereceu caramelos, porque não aceitou um?

— Ela não me ofereceu caramelos. Não havia caramelos na... — interrompeu-se. Relanceou um olhar ao primo e depois voltou a encarar Wolfe. — Isto é, creio que não havia...

— Crê? — A voz de Wolfe adquiriu uma repentina mansidão. — Miss Mitchell não se conseguiu lembrar do que estava escrito na tampa da caixa. E a senhora, Miss Frost?

— Não. Não sei.

— Miss Mitchell declarou que a senhora não tocou na caixa. A senhora estava diante do espelho, alisando o cabelo, e não dirigiu sequer um olhar para a caixa. É ou não verdade?

Miss Frost mirava fixamente o detetive.

— Sim.

— Miss Mitchell disse também que colocou a tampa na caixa e ficou com ela na mão até ao momento de a entregar a Mr. McNair. É verdade?

— Não sei. Eu... não notei.

— Não notou. É natural, naquelas circunstâncias. Mas, desde o momento em que a caixa passou para as mãos de Mr. McNair até à ocasião em que ele a entregou à Polícia, a senhora não a viu? Não teve oportunidade de inspecioná-la?

— Não a vi. Não.

— Só mais uma pergunta, Miss Frost, para encerrar a demonstração: tem a certeza de que não sabe o que estava escrito na tampa? Não era uma marca bem conhecida da senhora?

Ela abanou a cabeça.

— Quanto a isso, não tenho a menor ideia.

Wolfe descansou o corpo no espaldar da cadeira e suspirou. Segurou na terceira garrafa, encheu o copo e contemplou a espuma

em efervescência. Ninguém falava. Apenas olhávamos para ele enquanto bebia. Depôs o copo em cima da mesa, enxugou os lábios e arregalou os olhos na direção do seu cliente.

— Aí está, Mr. Frost — declarou com calma. — Mesmo numa breve demonstração, de que não se poderiam esperar resultados, há algo fora dos eixos. De acordo com o testemunho da sua prima, ela nunca chegou a ver o conteúdo da caixa que Miss Lauck surripiou. Não sabe de que marca eram os bombons e, conseqüentemente, não pode dizer se eram de algum tipo com que ela esteja familiarizada. E, não obstante, sabia, muito positivamente, que na caixa não havia caramelos. Portanto, ela viu o conteúdo da caixa, algures, a certa hora, antes de Miss Lauck surripia-la. Isto, meu caro senhor, é uma dedução. É o que queria dizer quando falei em entrevistar todas as pessoas que estiveram nesta casa na segunda-feira passada.

Lew Frost dirigiu a Wolfe um olhar feroz e rugiu:

— O senhor quer dizer... que diabo quer o senhor dizer? A minha prima...

— Já lhe expliquei, é uma dedução.

A sílfide, sentada, lívida, contemplava fixamente o detetive. Abriu a boca algumas vezes, mas tornou a fechá-la sem falar. Thelma Mitchell intrometeu-se:

— Helen não afirmou que sabia positivamente não haver caramelos na caixa. Apenas disse...

Wolfe interrompeu-a com um gesto:

— Miss Mitchell, a senhora quer ser leal? Que vergonha! A lealdade primordial aqui deveria ser para com a morta. Mr. Frost arrastou-me até esta casa por causa da morte de Molly Lauck. Contratou-me para descobrir como e porquê se verificou a tragédia. Então, meu caro senhor? Não foi isso?

Frost falou atabalhoadamente:

— Não o contratei para vir fazer brincadeiras de mau gosto com duas raparigas nervosas! Seu imbecil, seu gordalhão de uma figa, escute! Já sei mais sobre este caso do que o senhor seria capaz de descobrir em cem anos! Se pensa que vou pagar-lhe para... Mas que é isso? Onde vai? Que nova brincadeira é essa? Ordeno-lhe que volte para aquela cadeira...

Wolfe levantara-se, sem pressa, contornara a mesa e passava de lado, próximo aos pés de Thelma Mitchell. Frost deu um pulo e estendeu um braço rígido na direção do detetive.

Ergui-me e barrei-lhe o caminho.

— Não empurre, cavalheiro. — Eu poderia derrubá-lo sem dificuldade, mas ele cairia sobre uma das jovens. — Acalme-se, por favor. Vamos, recue!

Lançou-me um olhar furibundo, mas deixou-se levar. Wolfe parou junto à porta e disse:

— Archie, pagou a cerveja? Dê um dólar a Mr. Frost. É o suficiente para reembolsá-lo.

Puxei da carteira e tirei uma nota de dólar que coloquei sobre a mesa. Com um rápido olhar, apercebi-me de que Helen Frost estava pálida, Thelma Mitchell parecia interessada e Llewellyn Frost tinha no rosto uma expressão sinistra. Wolfe saíra. Fiz o mesmo e juntei-me a ele no momento em que premia o botão do elevador. Descemos ao rés do chão e avançámos sem nos deter por entre o movimento da loja. McNair estava num canto a conversar com uma senhora morena, não muito alta, de porte empertigado e boca orgulhosa; voltei a cabeça para contemplá-la mais uma vez, conjecturando se seria a mãe de Helen Frost. Uma beldade que eu não vira ainda passeava garbosamente, envergando um casaco castanho, diante de uma cliente jovem que se fazia acompanhar por um cãozinho; mais três ou quatro pessoas vagueavam nas proximidades. Encontrávamo-nos já a curta distância da porta da rua, quando por ela entrou um homenzarrão possante, com uma cicatriz na face. Eu conhecia bem a história dessa cicatriz. Acenei para o recém-chegado.

— Viva, Purley!

Ele deteve-se e olhou, não para mim, mas para Wolfe.

— Santo Deus, que vejo eu! Este homem fora de casa! Você meteu-o num canhão, fazendo-o sair com um tiro?

Sorri e cheguei à rua, seguindo atrás de Wolfe. Na viagem de regresso a casa, fiz algumas tentativas para entabular uma conversa amistosa, por cima do ombro, mas sem resultado. Arrisquei:

— Aquelas modelos são criaturas lindas, hein?

Nenhuma resposta. Arrisquei de novo:

— Não reconheceu aquele cavalheiro que encontrámos à saída? É o nosso velho amigo Purley Stebbins, da Brigada de Homicídios, da Polícia de Nova Iorque. É um dos subordinados de Cramer.

Nenhuma resposta. Passei então a olhar em frente, à procura de um buraco bem fundo na rua...

CAPÍTULO III

A chamada telefónica de Llewellyn Frost foi recebida cerca da uma e meia. Fui eu que atendi. Frost parecia preocupado e ofendido. Queria saber se poderia encontrar Wolfe às duas e meia, e respondi que sim. Após ele ter desligado, demorei-me à minha escrivaninha, a manusear ociosamente alguns objetos. Instantes depois entrou Wolfe, pacífico e afável, como sempre se mostrava depois de uma boa e demorada refeição. Sentou-se à secretária, soltou um suspiro de felicidade, enquanto o seu olhar percorria as paredes: estantes de livros, mapas, quadros de Holbein, mais estantes, uma estampa de Brillat-Savarin². Passado um tempo, abriu a gaveta do centro e começou a tirar cargas de garrafas de cerveja, empilhando-as em cima da secretária. Começou a dividir as cargas em pilhas de cinco.

— Mesmo excluindo as três garrafas que bebi fora, já estou com um excesso de quatro esta semana — comentou.

— Ora, isso é normal. Mas escute: esclareça-me antes que Frost chegue. Por que motivo amedrontou Helen Frost?

— Por raiva. Aquilo foi o protesto de um rato fechado na ratoeira. Estava ali, encerrado num cubículo, a lidar com um caso que não tem ponta por onde se lhe pegue. Ou melhor, tem até de mais. Além disso, antipatizo com homicídios por descuido. Quem quer que seja que deitou veneno nos bombons é um chapado asno. Não pude conter a raiva, simplesmente. Mas o resultado foi notável. E conclusivo. Que ironia se ganhássemos a segunda metade dos honorários, enviando Miss Frost para a prisão! Não que eu considere provável tal desenlace.

— Nenhum júri condenaria Miss Frost, por crime nenhum.

— Creio que não. Porque haveria de condenar? Também aos jurados é permitido prestar tributo à beleza. Mas, se Miss Frost se submetesse a uma prova realmente severa, o resultado talvez fosse diferente. Notou o enorme diamante do anel que ela usava? E o outro, incrustado no estojo de maquilhagem?

— E que tem isso? Ela está noiva?

— Não sei. Reparei nos diamantes porque não se harmonizam com a figura dela. Já lhe disse uma vez que tenho intuição para fenómenos. Com a personalidade que a caracteriza, com aquela reserva, mesmo

pondo de lado circunstâncias anormais, não é natural que Miss Frost use diamantes. Consideremos ainda a hostilidade feroz de McNair, tão pouco natural quanto desagradável, embora ele talvez odeie Mr. Llewellyn Frost. Quais as razões desse ódio? Mais transparente se afigura a razão que leva Mr. Frost a mostrar-se familiarizado com uma expressão tão pouco usada como «primos paralelos», em rigor só empregada pelos antropologistas, apesar de aí haver margem para múltiplas especulações... Denominam-se «primos direitos» aqueles cujos pais são do mesmo sexo, isto é, os filhos de dois irmãos ou de duas irmãs; por outro lado, recebem a designação de «primos cruzados» aqueles cujos pais são irmão e irmã. Em certas tribos, os primos cruzados podem casar-se, mas os primos direitos não. É evidente que Mr. Frost investigou a questão exaustivamente. Sem dúvida, é possível que nenhuma destas particularidades tenha qualquer relação com a morte de Molly Lauck, mas são dignas de nota, assim como várias outras.

Veio do *hall* um rumor de passos em direção à porta da rua; pouco depois, ressoavam de novo os passos em sentido contrário. Abriu-se a porta do escritório e apareceu Fritz. Anunciou Mr. Frost. Wolfe fez um aceno e pediu cerveja. Fritz retirou-se. Pouco depois, Llewellyn entrou num ímpeto. Mas os olhos revelavam que ele estava intimidado. Precipitou-se para a secretária de Wolfe e começou a falar como alguém que já está atrasado para nove compromissos.

— Eu podia ter falado consigo pelo telefone, Mr. Wolfe, mas gosto de resolver os assuntos cara a cara. Tenho de lhe pedir desculpas. Descontrolei-me e cometi uma asneira. — Estendeu a mão. Wolfe olhou para a mão e depois para o rosto do visitante. Frost recolheu a mão, corou e prosseguiu: — O senhor não deve zangar-se comigo apenas porque não consegui dominar-me. Seja como for, o senhor precisa de compreender uma coisa, sobre a qual insisto: não deve dar importância ao que aconteceu. Helen... A minha prima estava simplesmente confusa. Conversei com ela. O que se passou nada significa. Mas, como é natural, ela ficou muito aflita... já o estava, aliás; analisámos o caso e concordamos com ela em que eu não tinha o direito de me intrometer no que o senhor fazia. Talvez eu não me tenha propriamente intrometido, mas pensei... bem... não importa o

que pensei. Assim, apreciei a atitude do senhor e a sua bondade ao transportar-se até lá, contrariando os seus hábitos... Desta forma, demos isto por encerrado e o senhor diga-me quanto lhe devo...

Calou-se e sorria para Wolfe e para mim, como um caixeiro-viajante a tentar impingir a alguém uma velha bugiganga, que lhe garante boa comissão. Wolfe contemplou detidamente o visitante e convidou-o a sentar-se. Frost acomodou-se numa cadeira. Tirou o livro de cheques de uma algibeira e uma caneta de tinta permanente de outra.

— Quanto? — perguntou.

— Dez mil dólares.

Frost teve um sobressalto e levantou os olhos:

— O quê?

Wolfe confirmou com um aceno de cabeça.

— Dez mil dólares. É o preço total da tarefa que o senhor me confiou; metade para esclarecer o assassinio de Molly Lauck e a outra metade para afastar a sua prima daquela casa fatídica.

— Mas, prezado cavalheiro, o senhor não fez nem uma coisa nem outra. O senhor está doido. Não pense que me deixo roubar. Não pense que...

Wolfe retrucou:

— Dez mil dólares. E terá de esperar enquanto mando certificar o cheque.

— O senhor está louco! Não tenho dez mil dólares. A minha peça está a render dinheiro, mas eu tinha muitas dívidas, e ainda as tenho. E mesmo que dispusesse dessa quantia... Que ideia é a sua? Chantagem? Se o senhor pertence a essa classe...

— Por favor, Mr. Frost. Rogo-lhe. Posso falar?

Llewellyn mirou com espanto o detetive. Wolfe acomodou-se na cadeira.

— Aprecio três atributos na sua pessoa, meu caro, mas o senhor possui diversos hábitos que são péssimos. Um deles é a ideia que você tem de que as palavras são pedaços de tijolo que se arremessam às pessoas para atordoá-las. O senhor precisa de perder essa mania. Outro mau costume seu é a pressa infantil com que se atira a um empreendimento sem medir as consequências. Antes de me contratar

definitivamente para realizar uma investigação, o senhor devia ter examinado com cuidado as suas possibilidades. O facto é que o senhor me contratou. E deixe-me dizer que o senhor conseguiu o impossível, forçando-me a fazer a malfadada visita à Rua Cinquenta e Dois. Esse sacrifício terá de ser compensado. O senhor e eu assumimos obrigações contratuais; a minha obrigação é levar a cabo um determinado inquérito; e a sua, pagar-me honorários razoáveis e adequados. E quando, por razões pessoais e particulares, o senhor se arrepende de ter subscrito o contrato, o que faz? Vem ao meu escritório e tenta derrubar-me da cadeira, arremessando-me palavras como «chantagem»! Caramba! É insolência de um menino malcriado!

Deitou cerveja no copo e bebeu. Llewellyn Frost contemplava-o. O cliente falou, por fim:

— Mas escute, Mr. Wolfe. Não concordei de antemão em que o senhor fosse à loja de McNair e... isto é... não fazia a menor ideia da maneira como o senhor ia proceder... — calou-se e mudou de rumo. — Não renego o contrato. Não vim aqui para atirar tijolos. Apenas perguntei, para liquidar o caso, quanto lhe devia.

— E eu dei-lhe a resposta.

— Mas não posso obter dez mil dólares, pelo menos de momento. Só dentro de uma semana, talvez. Aceita um cheque com data da semana vindoura?

Wolfe abanou a cabeça.

— O senhor poderia cancelar o pagamento. Não confio em si... A única solução é...

Foi interrompido pelo toque do telefone. Ergui-me e fui até junto da minha escrivaninha para atender. Declinei o meu nome em resposta à indagação de uma áspera voz masculina, aguardei um minuto e ouvi o timbre bem conhecido de uma outra voz masculina. As suas palavras obrigaram-me a sorrir.

Virei-me para Wolfe:

— O inspetor Cramer diz que um dos seus subordinados o viu esta manhã, na loja de modas de McNair, e quase morreu de assombro. O mesmo aconteceu ao próprio Cramer, quando teve notícia do facto. Diz que folgaria muito em discutir o caso consigo por instantes, pelo telefone.

— Não. Estou ocupado.

Voltei para o telefone. Cramer mostrava-se tão amável como um automobilista que nos detém num caminho solitário, para pedir um pouco de gasolina. Voltei-me novamente para Wolfe:

— Cramer diz que gostaria de dar um pulo até aqui, por volta das seis horas, para fumar um charuto. Diz que quer comparar as suas notas com as nossas. Na verdade, está a lançar um SOS.

Wolfe fez um gesto de assentimento. Transmiti a decisão a Cramer, comunicando-lhe que poderia aparecer, e desliguei. O cliente erguera-se. Olhava para mim e para Wolfe, alternadamente; depois disse, sem um resquício de animosidade:

— Era o inspetor Cramer? Ele... ele vem cá?

— Sim, mais logo — respondi eu, porque Wolfe reclinara-se para trás e fechara os olhos. — Passa por aqui para se distrair um pouco, pois fica aborrecido quando tem um caso demasiado fácil.

— Mas ele... eu... — Llewellyn cambaleava. Endireitou-se. — Escute, não leve a mal. Preciso de fazer uma chamada.

— À vontade. Pode sentar-se na minha cadeira.

Cedi o lugar e ele aproximou-se. Começou a marcar sem olhar para os números. Os seus movimentos eram espasmódicos, mas parecia saber o que estava a fazer. Fiquei de pé à escuta.

— Está lá? É você, Styce? Daqui é Lew Frost. O meu pai ainda está aí? Procure-o no escritório de McNair. Sim, por favor... Olá, é o papá? Daqui é Lew... Não... Não, espere um momento. A tia Callie ainda se encontra aí? À minha espera? Sim, eu sei... Agora, escute, estou a falar do escritório de Nero Wolfe, Rua Trinta e Cinco Oeste, número novecentos e dezoito. Preciso que o papá e a tia Callie venham aqui, imediatamente... É inútil explicar pelo telefone, mas têm de vir... Não posso evitar... Bem, traga-a de qualquer maneira... Ora, papá, estou a fazer tudo o que posso... Está bem. Poderá chegar dentro de dez minutos... Não, é uma residência particular...

Wolfe continuava de olhos fechados.

CAPÍTULO IV

Chegaram pouco depois das três horas. Fritz conduziu-os ao escritório. Calida Frost, a mãe de Helen, a tia Callie de Lew — embora eu julgue que teria sido mais distinto apresentá-la como Mrs. Edwin Frost, dado que nunca tivera intimidade com ela —, entrou em primeiro lugar. Era uma senhora não muito alta, de porte empertigado e boca orgulhosa. Era simpática e elegante, de olhos profundos mas calmos, de cor estranha, um tanto semelhante ao castanho-avermelhado da cerveja preta; ninguém diria que ela já era mãe de uma bela e robusta rapariga. Dudley Frost, o pai de Lew, pesava noventa quilos, mas tinha mais estatura que gordura. Os cabelos eram grisalhos e ostentava um bigode, também grisalho, muito bem cuidado. Devido, certamente, a algum choque violento, tinha o nariz um pouco torto, mas só um observador atento como eu notaria tal particularidade. Envergava um fato às riscas cinzentas e exibia uma flor vermelha na lapela. Llewellyn encaminhou-se para a porta do escritório, acompanhou-os até meio da sala e fez as apresentações. Fui buscar cadeiras para eles. Dudley Frost dirigiu-se ao nosso cliente:

— O que há? Meteu-se nalguma trapalhada, filho? Cuidado, Calida, a sua mala está quase a cair. Que aconteceu, Mr. Wolfe? Eu pretendia jogar um pouco de bridge esta tarde. Há algum problema? Pelo que me disse o meu filho e a Mrs. Frost, minha cunhada, achámos melhor vir diretamente aqui...

Llewellyn disse, abruptamente:

— Mr. Wolfe quer dez mil dólares.

Dudley Frost chasqueou:

— Meu Deus, o mesmo quero eu! Embora já tenha gozado bastante a vida... mas isso acabou. — Olhou para Wolfe e, mudando de cadência, descarregou todas as palavras de um jato: — Para que quer dez mil dólares, Mr. Wolfe?

— Para depositar na minha conta bancária.

— Ah! Muito bem. Muito bem, mesmo, se considerarmos a maneira como formulei a pergunta. Falando com justeza, era a única resposta adequada. Eu deveria ter dito... vamos ver... por que motivo espera o senhor receber dez mil dólares de alguém, e de quem espera recebê-

los? Julgo que não é de mim, porque não os tenho. O meu filho explicou-nos que, num acesso de estupidez, contratou o senhor, provi... provisoriamente para um certo trabalho. O meu filho é um burro, mas decerto o senhor não acredita que ele lhe dará dez mil dólares pelo simples facto de ser burro... Creio que não, até porque ele não possui essa importância. A minha cunhada também não a tem, não é, Calida? Que diz a isto, Calida? Levamos o caso para diante? Acha que haverá maneira de conseguir essa quantia?

Mrs. Edwin Frost olhava para Wolfe e não se deu ao incómodo de se voltar para o cunhado. Disse numa voz grave, de timbre agradável:

— Sou de opinião que o mais importante é explicar a Mr. Wolfe que ele tirou uma conclusão errada do que Helen disse. — Sorriu para Wolfe. — A minha filha Helen. Antes, porém, uma vez que Lew julgou necessária a nossa presença aqui, talvez nos seja permitido ouvir o que Mr. Wolfe tenha para dizer.

Wolfe volveu para Mrs. Edwin Frost os olhos semicerrados.

— O que tenho a dizer é muito pouco, minha senhora. O seu sobrinho confiou-me a realização de uma investigação e persuadiu-me a praticar um ato sem precedentes, para mim bastante penoso. Nem sequer dera ainda início ao trabalho e já ele me vem participar que estava cancelado, perguntando quanto me devia. Disse-lhe o preço e, levando em conta as circunstâncias extraordinárias, exigi o pagamento em dinheiro. Apavorado, telefonou ao pai.

Mrs. Edwin Frost enrugara a testa.

— O senhor pediu dez mil dólares?

Wolfe confirmou com a cabeça.

— Mas, Mr. Wolfe... — Ela hesitou. — Como é natural, não estou bem a par da sua atividade... — Sorriu. — Ou será uma profissão? O certo é que é uma importância considerável. É o seu preço habitual?

— Agora, escutem. — Dudley Frost continuava desinquieto na sua cadeira. — No fim de contas, o caso é simples. Consta de alguns pontos que podemos analisar. Em primeiro lugar, foi tudo com carácter experimental. Tinha de ser, pois de que maneira poderia Mr. Wolfe especificar o que seria capaz ou não de descobrir antes de ir ver as coisas com os seus próprios olhos? Em segundo lugar, calculemos o tempo de Mr. Wolfe a vinte dólares por hora: a dívida de Lew fica em

quarenta dólares. Menos do que isso tenho eu pago a bons advogados. Em terceiro lugar, não tem cabimento estarmos a falar em dez mil dólares, porque não os temos. — Inclinou-se para a frente e descansou a mão sobre a secretária. — Isto é ser-lhe franco, Mr. Wolfe. A minha cunhada não possui um cêntimo, ninguém sabe disso melhor do que eu. A sua filha, minha sobrinha, herdou tudo o que ficou da fortuna do meu pai. Somos uma família pobre, com exceção de Helen. O meu filho pensa ter dado início a um negócio lucrativo, mas já tem pensado isso muitas vezes, sem resultado. Duvido que o senhor consiga receber o que pede, mas é evidente que o único caminho a seguir é levar a questão para tribunal. A solução será adiada e o senhor acabará por transigir...

O nosso cliente chamara o velho por diversas vezes: «Papá!... Papá!», num esforço inútil para fazê-lo calar. Por fim, Llewellyn atravessou a sala e agarrou o joelho do pai:

— Escute-me por um momento, sim? Dê-me uma oportunidade... Mr. Wolfe não permitirá o adiamento da solução! O inspetor Cramer vem cá às seis horas para trocar ideias com ele. Sobre este caso.

— Ah, sim? Não é preciso esmagar a minha perna. E quem diabo é o inspetor Cramer?

— O senhor conhece-o muito bem. O chefe da Brigada de Homicídios.

— Oh, aquele sujeito. Como é que sabe que ele vem cá? Quem lho disse?

— Ele telefonou. Pouco antes de eu lhe telefonar a si. Foi por isso que pedi ao senhor e à tia Callie para virem aqui.

Notei um brilho fugaz nos olhos de Dudley Frost, tão rápido que fiquei na dúvida se Wolfe também reparara. Desapareceu tão depressa como surgiu.

Perguntou Dudley Frost ao filho:

— Quem foi que falou com o inspetor Cramer? Você?

Informei, um tanto bruscamente:

— Não. Eu.

— Ah! — Dudley Frost contemplou-me com um largo sorriso e com um ar de compreensão; olhou para Wolfe e depois para mim, outra vez. — Pelo que vejo, o senhor armou uma boa enrascada aqui.

Compreendo perfeitamente que o melhor meio de manter de pé a ameaça era arranjar um telefonema enquanto o meu filho estivesse neste escritório. Mas a verdade é que...

Wolfe explodiu:

— Acompanhe-o até à porta, Archie.

Larguei o lápis e o caderno de notas sobre a escrivaninha e levantei-me. Llewellyn ergueu-se e ficou de pé, atarantado. Notei que a reação da tia do rapaz foi, apenas, erguer um pouco uma sobrelanceira. Dudley Frost riu.

— Ora, Mr. Wolfe! Sentem-se, rapazes. — Entortou um olho na direção de Wolfe. — Por amor de Deus, não o censuro por tentar impressionar-me. É muito natural...

— Mr. Frost! — Wolfe brandiu o indicador. — A sua sugestão de que inventei um telefonema para impressionar o seu filho é altamente injuriosa. Retire-a ou abandone esta casa.

Frost riu novamente.

— Bem, digamos que o senhor adota a presente atitude para me impressionar.

— Isso, senhor, é ainda pior.

— Ou então a minha cunhada. Você ficou impressionada, Calida? Confesso que eu fiquei. Exponho o meu ponto de vista. Mr. Wolfe quer dez mil dólares. Se não lhe dão o dinheiro, ele resolve encontrar-se com o inspetor Cramer, onde e quando não importa, para declarar que Helen disse ter visto a caixa de bombons antes de Molly Lauck. É claro que Helen não disse semelhante coisa, mas tal circunstância não a colocará a salvo das importunações policiais que, possivelmente, nos atingirão a todos nós; e é provável, mesmo, que a história se vá repercutir nos jornais. Na qualidade de curador dos bens de Helen, a minha responsabilidade é tão grande como a sua, Calida, embora ela seja sua filha. A culpa é sua, Lew. Inteiramente. Você é que proporcionou a oportunidade a este Wolfe. Já lhe tenho dito repetidas vezes...

Wolfe inclinou-se para a frente, na cadeira, e estendeu a mão até tocar com a ponta do dedo no casaco de Mrs. Frost, dirigindo-lhe este apelo:

— Por favor, faça com que este homem se cale!

Ela encolheu os ombros. O cunhado, infatigável, continuava a falar. De súbito, Mrs. Edwin Frost ergueu-se, passou por detrás dos outros e acercou-se de mim. Aproximou-se suficientemente para perguntar quase em segredo:

— O senhor tem aí um bom uísque irlandês?

— Claro! — retruquei. — É então isso que é preciso?

Ela acenou afirmativamente.

— Puro. Duplo. E um copo de água.

Fui ao armário e peguei na garrafa de *Old Corcoran*. Servi um bom duplo, arranjei um copo de água e coloquei tudo sobre uma mesinha de rodas, que deixei ao pé da cadeira do orador. Ele olhou para os copos e depois para mim.

— O que é isto? Onde está a garrafa? — Levou o copo ao nariz torto e cheirou. — Ah! Ótimo! — Percorreu o grupo com um olhar. — Não são servidos? Calida? Lew? — Tornou a aspirar o aroma do uísque irlandês. — Não? Aos Frosts, mortos e vivos, que Deus os abençoe! — Não saboreou nem deu estalos com a língua; emborcou o copo como se fosse leite. Depois, pegou no copo de água, provou com um pequeno gole, equivalente a meia colher de chá, colocou-o sobre a mesa, acomodou-se na cadeira e, pensativo, começou a cofiar o bigode com a ponta dos dedos. Wolfe contemplava-o como um abutre.

Mrs. Frost perguntou com a maior calma:

— O que há relativamente ao inspetor Cramer?

Wolfe respondeu:

— Nada, minha senhora, além do que o seu sobrinho acabou de contar.

— O senhor costuma... o senhor costuma conferenciar com a Polícia sobre assuntos que digam respeito aos seus clientes?

— Costumo conversar com qualquer pessoa que me possa fornecer alguma informação útil. — Wolfe consultou o relógio. — Vejamos se é possível encurtar o assunto, Mrs. Frost. Faltam dez minutos para as quatro. Não consinto que nada interfira no meu costume de passar duas horas, das quatro às seis, com as minhas plantas, lá em cima. Conforme o seu cunhado disse, com espantosa coerência, este caso é simples. Não apresentei um ultimato a Mr. Llewellyn Frost, apenas lhe ofereci uma alternativa. Ou ele me paga imediatamente a soma que

lhe cobraria para levar a cabo o encargo que me confiou... ele sabia, antes de vir aqui, que costumo cobrar preços elevados pelos meus serviços... e me dispensa, ou espera, até eu concluir a investigação, que lhe envie a conta. Está visto que, para mim, será mais difícil se a própria família dele tenta obstruir...

Mrs. Frost abanou a cabeça.

— Não queremos obstruir — disse ela, gentilmente. — Mas é evidente que o senhor interpretou mal uma observação da minha filha Helen, na altura em que a interrogou, e nós... e é natural que estejamos preocupados com isso. E depois... se a Polícia vem consultá-lo, seria desejável, sem dúvida, que compreendesse...

— Compreendo, Mrs. Frost. — Wolfe consultou o relógio. — Gostaria de lhe assegurar que não comunicaria ao inspetor Cramer a interpretação que dei à observação da sua filha. Sinto muito em lhe dizer, porém, que não me é possível assumir esse compromisso, a não ser que os meus serviços sejam dispensados, desde já, com pagamento integral, ou que Mr. Llewellyn Frost, e também a senhora e o seu cunhado, dadas as circunstâncias, me autorizem a prosseguir na investigação. Devo acrescentar que a vossa família se alarmou sem motivo algum, o que não é de estranhar em pessoas de prestígio social. É, na verdade, muito pouco provável que a sua filha tenha alguma ligação de culpabilidade com o assassinio de Molly Lauck; e se, por acaso, ela possui qualquer informação importante, que a discrição aconselhou a ocultar, quanto mais cedo a revelar melhor, antes que a Polícia faça estardalhaço a respeito disso.

Wolfe arrastou para trás a cadeira e ergueu-se; deteve-se diante de Llewellyn e disse:

— Tenho de me retirar. Graças a Deus! Pode comunicar a Mr. Goodwin a sua decisão.

Avançou para a porta sem dar ouvidos aos chamamentos de Dudley Frost:

— Venha cá! Não pode desertar assim! Está bem, está bem, sim, senhor! Está bem! — Desaparecera o alvo dos seus brados, pelo que se voltou para a cunhada: — O essencial, Calida, num caso destes...

Mrs. Frost não se dignara sequer mexer-se na cadeira para seguir com o olhar a saída de Wolfe. Llewellyn levantara-se para se agarrar

mais uma vez ao joelho do pai e exclamava:

— Papá, faça uma pausa! Escute-me um instante...

Mrs. Frost voltou-se para o sobrinho, mostrando-se algo severa:

— Lew, foi você que começou com isto. Parece que terá de continuar.

Llewellyn respondeu e o pai interveio também, mas não prestei mais atenção. Coloquei uma folha de papel na máquina. Escrevi a data no alto da folha e redigi o seguinte:

A Mr. Nero Wolfe:

É favor continuar, até nova ordem, a investigação em torno do assassinio de Molly Lauck, em conformidade com o acordo que firmámos ontem, segunda-feira, 30 de março de 1936.

Retirei o papel da máquina, coloquei-o sobre um canto da secretária de Wolfe e ofereci a minha caneta a Llewellyn. Ele curvou-se sobre o papel e leu-o. O pai deu um pulo e procurou arredar o rapaz para o lado.

— Não assine isso! O que é? Deixe-me ver! Não assine nada, absolutamente...

Llewellyn submeteu o papel à apreciação do velho, que o leu duas vezes, de cara sisuda. Mrs. Frost estendeu a mão, segurou na folha datilografada e percorreu-a com os olhos. Encarando-me, observou:

— Creio que o meu sobrinho não precisa de assinar coisa alguma...

— Creio que precisa. Todos vocês parecem não ter ainda compreendido que, se Mr. Wolfe se julgar livre de obrigações para com o cliente e transmitir ao inspetor Cramer o seu ponto de vista em relação ao depoimento de Miss Frost, será depois inútil discutir a esse respeito. Cramer, quando trabalha uma semana inteira num caso vulgar de assassinio sem nada descobrir, costuma ficar tão furioso, que chega a engolir charutos inteiros. É claro que ele não fará mal algum a Miss Frost, mas ela será conduzida à sede da Polícia e atormentada toda a noite. Não querem que isso...

— Está bem. — Dudley Frost olhava-me com cara carrancuda. — O meu filho quer que Mr. Wolfe continue. Pensei no caso e acho que é a melhor solução.

Lew Frost olhou para a tia, para o pai e depois para mim.

— Que grande confusão! — A sua face tomou a expressão de quem está profundamente descontente. — Se eu tivesse dez mil dólares neste momento, juro por Deus...

— Cuidado, essa caneta às vezes borra — observei. — Ande, assine.

Enquanto os outros dois me fitavam carrancudos, Lew curvou-se sobre o papel e garatujou o seu nome.

CAPÍTULO V

Eram seis e quinze. Wolfe voltara ao escritório bastante calmo, depois de duas horas de convívio com as suas orquídeas, ao lado de Horstmann, e estava agora na segunda garrafa de cerveja. Eu instalara-me com todo o conforto, descansando os pés sobre a borda da última gaveta de baixo, convenientemente aberta, e com o caderno de notas sobre os joelhos para taquigrafar a conversa do inspetor Cramer.

— Este caso de Molly Lauck! — dizia o inspetor a Wolfe. — Após oito dias de aturados esforços, o que pensa o senhor que eu descobri? Pergunte-me. Descobri que Molly Lauck morreu! Quanto a isso, não há dúvida. Foi uma confissão que consegui arrancar ao médico-legista... Meu Deus, estou num redemoinho! Agora que já contei o que sei, porque não faz o mesmo? Quem o contratou?

— Mr. Llewellyn Frost.

— Aquele sujeitinho, hein? — grunhiu Cramer. — Para averiguar a inocência de alguém?

— Não. Para esclarecer o assassinio.

— Não me diga! Por que motivo está Lew Frost tão interessado na elucidação do crime? Não compreendo. Não era dele que a menina Lauck gostava e, sim, daquele francês, Perren Gebert. Eu soube que você, Wolfe, ao fazer a sua inacreditável visita ao teatro do crime, teve oportunidade de conversar com McNair e com as duas raparigas que viram Miss Lauck comer o bombom envenenado.

Wolfe acenou afirmativamente.

— Relataram-me os detalhes óbvios.

— Muito bem. «Óbvios» é palavra bem empregada. Dez vezes conversei com as duas jovens. Tive reuniões com todos os empregados. Vinte homens saíram com ordens minhas para procurar todas as pessoas que compareceram ao desfile de modelos, e eu próprio falei com dezenas delas. Metade dos meus subordinados esquadrinhou a cidade, fazendo uma relação das vendas de caixas «Sortidos Royal» da Baley, durante o mês passado, com a outra metade envidando esforços para descobrir as compras de cianeto de potássio. Enviei dois homens a Darby, Ohio, onde moram os pais de

Molly Lauck. Mandeí seguir dez ou doze pessoas, sempre que parecia haver probabilidade de fazer qualquer descoberta.

Mr. Cramer atirou fora o charuto e imediatamente acendeu outro, que tirou do bolso interno do casaco.

— Mas, decorridos oito dias — continuou —, nem sequer tenho a certeza de que Molly Lauck foi morta por um veneno destinado a outrem. E também não consigo descobrir ninguém que tivesse qualquer motivo para desejar matar Molly Lauck. Ao que parece, andava caída pelo tal Perren Gebert e este não a suportava, mas não há provas de que ela constituísse um incómodo para ele. Gebert também estava presente na loja naquele dia, mas não atino com nada que o comprometa. Não há a mais leve sombra de motivo para o assassinio, no caso de o veneno ter sido destinado a Molly Lauck. Na minha opinião, não era. Parece plausível que ela tenha de facto roubado a caixa. E a partir do momento em que se admite essa teoria, onde é que a gente se mete? Numa barafunda! Mais de uma centena de pessoas compareceram na loja, naquele dia, e a qualquer delas podia estar destinado o veneno, assim como qualquer uma delas poderia ter levado o veneno para lá. É fácil ver a bela perspectiva que se apresenta. Quando soube que você comparecera no local da tragédia, naturalmente ignorava o que fora lá fazer, mas percebi que ia haver zaragata. Depois, ocorreu-me que poderia dar um pulo até aqui, pois talvez você me oferecesse uma indicação qualquer, como lembrança da minha visita. Qualquer coisa me serve...

— Bom... Deixe ver. — Wolfe recostou-se no espaldar da cadeira, de olhos semicerrados. — Você não conseguiu atinar com o móbil do crime. É de opinião que não havia razões para envenenar Miss Lauck, e, se a intenção era de envenenar outra pessoa, você não pode saber quem seja essa pessoa, já que tantas havia na loja. Nada pôde descobrir acerca da compra dos bombons ou do veneno. Em suma, você não descobriu absolutamente nada e não tem um ponto de partida. Mas, na realidade, tem um: a única coisa que, fora de qualquer dúvida, tem ligação com o assassino. A caixa de bombons. A esse respeito, que fez você?

— Foi objeto de análise, está visto. Era uma caixa de quatrocentos gramas, de um tipo vendido em profusão por toda a cidade, fabricada

pela firma Bailey, de Filadélfia. O preço de venda ao balcão, nos retalhistas, é de um dólar e sessenta centimos. O nome é *Sortido Royal*, consistindo numa mistura de frutas cristalizadas, nozes, chocolates e assim por diante. Antes de mandar os bombons para exame químico, telefonei à fábrica Bailey e indaguei se todas as caixas de *Sortido Royal* eram perfeitamente iguais. Responderam que sim; o conteúdo de todas as caixas é idêntico, acondicionado rigorosamente de acordo com uma lista; leram-me a lista. Depois, para conferir, mandei buscar algumas caixas de *Sortido Royal*, que abri para confrontar os bombons com a lista. Tal e qual. Fazendo a mesma coisa com a caixa de Molly Lauck, verifiquei que faltavam três bombons: um de abacaxi cristalizado, um de ameixa cristalizada e um de amêndoa de Málaga. Isto confere com a história de Miss Mitchell.

— Frutas, nozes, chocolates... Não havia caramelos?

— Caramelos? — Cramer contemplou com espanto o interlocutor.
— Porquê caramelos?

— Por nada. É que gosto de caramelos.

— Não pense que me engana — resmungou Cramer. — Seja como for, não há caramelos nas caixas de *Sortido Royal*. Lamentável, não?

— Talvez. O certo é que com isso diminui o meu interesse por essa marca de bombons. A propósito, esses detalhes acerca dos bombons... foram publicados? Alguém mais sabe disso?

— Não. contei-lhe agora a si. Confio em que saberá manter sigilo. É o único indício de que dispomos.

— Ótimo. E a análise química?

— O químico não descobriu nada de anormal nos bombons que sobraram na caixa, com exceção dos de amêndoa da camada de cima. Numa caixa de *Sortido Royal*, a camada de cima contém cinco bombons de amêndoa, e Molly Lauck comeu um. Cada um dos quatro restantes continha mais de seis grãos de cianeto de potássio. De modo que só estavam envenenados os de amêndoa, e é fácil saber porque foram esses os escolhidos. O cianeto de potássio tem cheiro e gosto semelhantes aos das amêndoas de Málaga, apenas mais pronunciados. O químico declarou que o sabor teria ficado mais forte, mas não tanto que alarmasse quem goste de amêndoas. Conhece esse tipo de amêndoas? As amêndoas de Málaga são cobertas de uma camada dura

de açúcar, de várias cores. Fizeram pequenos orifícios que encheram de cianeto de potássio e depois tornaram a cobrir com açúcar, de maneira que dificilmente se notaria, a não ser que se estivesse prevenido. Você disse que a caixa de bombons era um ponto de partida? Pois foi desse ponto que eu parti e onde me encontro agora?

— Mas, Mr. Cramer, o senhor não chegou a partir; apenas realizou os preparativos para a partida. Talvez não seja tarde de mais. Se, por exemplo...

Wolfe recostou-se no espaldar da cadeira, fechou os olhos e notei o movimento dos seus lábios: para fora e para dentro, uma pausa, para fora e para dentro de novo. Depois, repetiu...

Cramer olhou para mim, expectante; pisquei-lhe o olho. Ao cabo de alguns minutos, Wolfe mexeu-se, abriu os olhos e falou:

— Mr. Cramer, isto é apenas um convite para tentar a sorte. Pode encontrar-se com Mr. Goodwin amanhã, às nove horas da manhã, na loja de McNair, levando cinco caixas de *Sortido Royal*?

— Claro que posso. E depois?

— Bem... Experimente o meu plano. Tem aí o caderno de notas, Archie?

Abri o caderno de notas numa página em branco.

Três horas mais tarde, após o jantar, às dez da noite, fui à Broadway, comprei uma caixa de *Sortido Royal* e regressei ao escritório, onde permaneci até à meia-noite, diante da escrivaninha coberta de bombons, a decorar um código.

CAPÍTULO VI

Na manhã do dia seguinte, encaminhei-me para a loja de Boyden McNair, por volta das nove horas. Os preparativos de Cramer tinham sido magníficos. Juntara cadeiras de todas as divisões da casa e cerca de cinquenta pessoas, muitas mulheres e poucos homens, sentavam-se na grande sala da frente, no piso superior. Andava no ar um zunzum de conversa. Quatro ou cinco detetives agrupavam-se a um canto que dava para as várias salas. Dirigi-me para o local onde o inspetor Cramer conversava com Boyden McNair. Cramer cumprimentou-me com um aceno e disse:

— Conseguimos reunir bastante gente, não acha? Sessenta e duas pessoas prometeram vir e estão aí quarenta e uma. Nada mau.

— Sim. Qual é a sala?

— A terceira, à esquerda. Conhece o capitão Dixon? Encarreguei-o de tomar conta do compartimento.

— Conheço o homem.

Percorri o corredor, abri a terceira porta e entrei. A sala era maior que a outra em que estivéramos no dia anterior. Sentado atrás da mesa, vi o capitão Dixon, um homenzinho de cabeça calva, orelhas grandes e olhos de águia. Havia blocos de papel e lápis dispostos caprichosamente diante dele e, a um lado, uma pilha de cinco caixas de *Sortido Royal*. Cumprimentei o homenzinho e voltei à sala da frente.

McNair colocara-se por detrás da assistência, acomodando-se numa cadeira. Cramer veio ao meu encontro, perguntou se convinha dar início e respondi que sim. Avancei e apoiei-me à parede, de frente para a assistência. Havia gente de todas as idades, tamanhos e feitios. Mrs. Edwin Frost sentava-se muito direita na fila da frente, e com ela as duas formosas modelos, uma de cada lado. Llewellyn e o pai estavam exatamente atrás delas. Cramer dirigiu-se ao auditório com as seguintes palavras:

— ... Em primeiro lugar, desejo agradecer a Mr. McNair por ter fechado a sua loja esta manhã, permitindo-nos realizar aqui a presente reunião. Quero agradecer também a todas as pessoas que aqui se encontram, à sua comparência. É possível que alguns considerem

absurdo o que vamos fazer; será esse, talvez, o juízo da maioria, se não de todos, mas acredito que cada um realizará a sua parte sem se importar com o resto. Poderão, depois, comentar com os amigos a estupidez da Polícia, mas nós estaremos satisfeitos. Agora, direi o que temos a fazer. Cada um dos presentes será convidado, quando chegar a hora, a ir ao corredor e entrar na terceira porta à esquerda. Providenciámos tudo, no sentido de tomar o mínimo tempo possível. É essa a razão por que pedimos que escrevam os seus nomes duas vezes, em dois diferentes pedaços de papel, ao entrarem. O capitão Dixon e Mr. Goodwin estarão naquela sala, e eu com eles. Faremos uma pergunta, e é tudo. Ao saírem, pedimos que abandonem imediatamente o edifício, ou permaneçam ali, ao fundo desta sala, se tiverem de esperar por alguém, sem falar com os que ainda não tenham ido à sala onde se encontra o capitão Dixon.

Juntei-me a Cramer e seguimos pelo corredor até à sala, onde encontrámos o capitão Dixon. Resolvi manter-me de pé para ver melhor. Escondi quatro das cinco caixas de bombons debaixo da mesa, no soalho, e segurei a quinta.

— Como ficou combinado? — perguntei a Cramer. — É a mim que compete falar?

Ele acenou afirmativamente. Abriu-se a porta e um dos polícias acompanhou uma mulher de meia-idade, que trazia um chapéu aerodinâmico posto à banda. Estendi a mão à recém-chegada, pedindo-lhe os papéis. Entregou-me as tiras de papel; passei uma ao capitão Dixon e guardei a outra.

— Agora, Mrs. Ballin, tenha a bondade de fazer o que lhe vou pedir, com naturalidade, como se fosse em circunstâncias vulgares, sem hesitação ou nervosismo... — Retirei a tampa e apresentei-lhe a caixa. — Tire um bombom.

Sem olhar, ela tirou um bombom de creme de chocolate, ergueu-o entre os dedos e ficou-se a contemplar-me.

— Muito bem — disse eu. — Reponha-o na caixa, por favor. É só isso. Muito obrigado. Passe bem, Mrs. Ballin.

Ela olhou em redor para cada um de nós e murmurou: «Ora vejam!», num tom de mansa e amistosa surpresa, e retirou-se. Inclinei-me sobre a mesa, assinaliei um X a um canto do papel e o número seis

por baixo do nome da mulher.

A porta abriu-se para dar passagem a uma rapariga esbelta, de casaco preto muito apertado e uma raposa prateada que em vida sofrera, por certo, de gigantismo. Manteve-se de boca fechada e cravou em nós um olhar de funda concentração. Recebi os papeluchos contendo o seu nome e entreguei um deles a Dixon.

— Agora, Miss Claymore, tenha a bondade de fazer o que lhe vou pedir, com naturalidade, como se fosse em circunstâncias habituais, sem hesitação ou nervosismo. Promete?

A jovem encolheu-se um pouco, mas fez um gesto de aquiescência. Apresentei-lhe a caixa e pedi-lhe que tirasse um bombom.

— Oh! — Um estremecimento percorreu-lhe o corpo. Olhou, assustada, os bombons. — É essa a caixa... — Tremeu, recuou, levou à boca a mão crispada e deixou escapar um grito de pavor.

— Muito obrigado — declarei secamente. — Passe bem, minha senhora. Por favor, senhor agente.

O polícia tocou no braço da dama e acompanhou-a à porta. Observei, inclinando-me para anotar o papel:

— Aquele grito foi apenas uma amostra de dotes artísticos. Ela é Beth Claymore, tão afetada no palco como fora dele. Não a viram representar *O Preço da Loucura*?

A porta abriu-se mais uma vez e entrou outra mulher. E assim prosseguimos a tarefa, que se prolongou por cerca de duas horas. A mesma cena repetiu-se com algumas variantes: alguns clientes tiraram três bombons; outros, dois ou apenas um; e houve mesmo quem não tirasse nenhum. Quando a primeira caixa começou a acusar sinais de desgaste, substitui-a por outra nova, das quatro de reserva. Helen Frost chegou pálida e pálida continuou, sem tocar em nenhum bombom. Thelma Mitchell cravou-me um olhar penetrante e tirou três bombons de frutas cristalizadas, a morder o lábio inferior. Dudley Frost declarou que aquilo era um absurdo, travou uma discussão com Cramer e foi convidado a retirar-se pelo polícia. Llewellyn não proferiu palavra e escolheu três bombons. A mãe de Helen tirou um bombom fino de chocolate, um de amêndoa de Málaga e um bombom de jujuba e, depois de devolvê-los à caixa, limpou os dedos delicadamente no lenço. Um cliente que me despertou interesse, pelo

que tinham contado a seu respeito, foi um sujeito de casaco cintado e ombros enchumachados. Tinha aspeto de quarentão, embora talvez fosse um pouco mais velho, possuía nariz fino, cabeleira reluzente e uns olhos escuros e buliçosos. O nome inscrito na tira de papel era Perren Gebert. Vacilou por momentos, como a refazer-se da surpresa e depois, com um sorriso de aprovação, escolheu os bombons a esmo. Os empregados vieram, por fim, e o último de todos foi o próprio Boyden McNair. Depois de eu o ter atendido, o inspetor Cramer levantou-se.

— Muito obrigado, Mr. McNair. Foi um grande favor que nos prestou. Sairemos imediatamente e o senhor pode reabrir a loja.

Retirei-me na companhia de Cramer. Mal puséramos o pé na rua, o inspetor desabafou, despejando sobre mim todo o seu desapontamento. Surpreendeu-me a profundidade do seu desgosto e depois, quando insistiu no assunto com veemência crescente, compreendi como era elevada a estima em que tinha Nero Wolfe. Aproveitei a primeira oportunidade que me concedeu para dizer-lhe:

— Disparates, inspetor. O senhor acreditou que Wolfe era um mágico e que, só porque nos recomendou a realização desta experiência, viria alguém cair de joelhos aos seus pés, agarrando-se à bainha das suas calças, para confessar-se culpado do crime. Tenha paciência. Vou agora para casa expor a Wolfe o que acabamos de ver e ouvir, e o senhor, por seu turno, discutirá o mesmo assunto com o capitão Dixon.

— Eu devia ter agido com mais bom senso — resmungou Cramer. — Se aquele rinoceronte gordo está a fazer pouco de mim, casso-lhe a licença e duvido que consiga outra.

Subi para o *roadster*, agarrei-me ao volante e o carro arrancou. Mal previa eu o que me aguardava na Rua 35 Oeste. Cheguei mais ou menos às onze e meia e ouvi vozes na cozinha. Para lá me dirigi, a fim de interrogar Fritz; mal transpus o limiar, estaquei e o coração caiu-me aos pés e rolou pelo soalho... Wolfe, de lápis em punho, estava sentado à mesa da cozinha, juncada de papéis. Fritz achava-se de pé em frente do patrão, tendo no olhar um brilho que eu conhecia muito bem. Nem prestaram atenção ao barulho que fiz ao entrar.

— ... Mas não conseguiremos um bom pavão — dizia Wolfe. — O

ganso para esta noite, com o recheio preparado como está, ficará perfeitamente satisfatório. O cabrito ficará ótimo para amanhã. Podemos telefonar em seguida a Mr. Salzenback para ele abater o cabrito e Archie, de manhã, cedinho, dará um pulo a Garfield a fim de trazê-lo no carro. Você continue a preparar o molho. Sexta-feira é um problema. Os pombos servirão como petisco, mas permanece a dificuldade principal. Quer saber uma coisa, Fritz? Vamos experimentar pratos inteiramente novos. Conhece o *shish kabab*? Comi esse acepipe na Turquia. Marinam-se finas fatias de carne macia de carneiro em vinho tinto e especiarias, durante muitas horas. Quanto aos temperos, posso citar: tomilho, noz-moscada, pimenta em grão, alho...

Fiquei de pé e esperei. A lengalenga não tinha fim. Não havia dúvida de que era o começo de uma recaída grave. Há muito que tal não acontecia; podia durar uma semana ou mais e, enquanto subsistisse a ação daquele feitiço, seria mais fácil conversar sobre negócios com uma boca de incêndio do que com Nero Wolfe. Por isso, quando estávamos ocupados com um caso, eu não gostava de sair deixando-o a sós com Fritz. Ah, se eu tivesse voltado uma hora mais cedo! Parecia-me agora que a coisa já avançara muito para que fosse possível detê-la. E, desta vez, não teria sido difícil a previsão do que ia acontecer: Wolfe, na realidade, não esperava nenhum resultado da embrulhada que armara para mim e para Cramer, e considerava-se escudado. Rangi os dentes e aproximei-me da mesa. Wolfe continuou a falar e Fritz não me olhou.

— Tenho uma informação a prestar — disse eu. — Quarenta e cinco pessoas comeram bombons daquelas caixas e todas morreram em cruel agonia. Cramer morreu. Morreram as fascinantes modelos. Estou apavorado.

— Cale a boca, Archie. O carro está aí em frente? Fritz tem de sair para ir buscar umas encomendas.

Eu sabia que, uma vez debatendo a entrega de fornecimentos, nada mais poderia conseguir. Sabia também que as lisonjas de nada serviam e as ameaças tampouco. Em desespero de causa, passei mentalmente em revista as fraquezas de Wolfe e escolhi uma. Desferi, gritando:

— Que devo dizer a Miss Frost, quando ela chegar aqui às duas

horas?

Wolfe calou-se, apertou os lábios e voltou a cabeça. Fixou os olhos nos meus. Ao cabo de alguns instantes, perguntou calmamente:

— Qual Miss Frost?

— Miss Helen Frost. Filha de Mrs. Edwin Frost, prima do nosso cliente, Mr. Llewellyn Frost, sobrinha de Mr. Dudley Frost. Não se recorda?

— Não acredito. É um truque. Uma armadilha.

— Muito bem. Não vamos discutir. Está certo. Quando ela chegar, direi que não tinha autoridade para marcar um encontro. Não almoçarei em casa, Fritz. — Dei meia-volta e saí, dirigindo-me para o escritório, onde me sentei à escrivaninha. Tirei do bolso os papeluchos, a imaginar se a artimanha produziria efeito e, em caso afirmativo, o que me conviria fazer. Passaram dois minutos, pelo menos, até que ouvi barulho na cozinha: Wolfe arrastava a cadeira. Em seguida, escutei o rumor dos seus passos, cada vez mais próximos. Continuei ocupado com os papéis, de maneira que não o vi realmente entrar no escritório, aproximar-se da sua secretária e afundar-se na cadeira. Depois de algum tempo, ouvi-o suspirar.

— Muito bem, Archie. Conte-me o que aconteceu.

Sentia-se embaraçado. Pela primeira vez, conseguira interromper uma daquelas conferências culinárias, e já no capítulo da ementa; mas era como se me deixasse decapitar para curar uma dor de cabeça. Era forçoso prosseguir, porém. Apresentei-lhe um relato sobre os acontecimentos da manhã na loja de McNair, referi a desilusão e a cólera de Cramer, e falei sobre o comportamento dos examinandos, de acordo com as notas em código que lançara nos papeluchos. Terminei por dizer que a atitude de Boyden McNair me parecera um tanto singular e frisei:

— Você recomendou que observasse se alguém do grupo daria a ideia de que os bombons de amêndoa de Málaga são diferentes de qualquer outro bombom; pois se Boyden McNair não é esse alguém, mudem-me o nome...

Wolfe permaneceu pensativo, por instantes. Não me admirei, porém, quando ele, numa voz terrível, me desmascarou completamente:

— Mr. Goodwin, preste atenção ao que lhe vou dizer. Pensa que não dei pela sua falsidade, lá na cozinha? Já não lhe disse que a sua capacidade de dissimulação não vale nada? Muito bem. Tenho a dizer-lhe três coisas. A primeira é um lembrete: teremos para o almoço bolinhos de arroz, compota de groselha e endívias com estragão. A segunda é uma informação: você não terá tempo de almoçar aqui. A terceira é uma ordem: você irá à loja de McNair para ver Miss Frost e trazê-la aqui, a este escritório, às duas horas.

— Muito bem — respondi. — Prestei atenção a todas as suas palavras. Miss Frost tem artes de ser obstinada. Dá-me liberdade de ação? Posso estrangulá-la? Trazê-la aqui amarrada?

— Mas, Mr. Goodwin! — falou num tom que raramente usava; dir-se-ia uma queixa sarcástica. — Ela ficou de comparecer aqui às duas horas. Decerto, não haverá a mínima dificuldade...

Enveredei a toda pressa para o *hall*, a fim de apanhar o chapéu.

CAPÍTULO VII

Uma vez chegado em frente da loja de McNair, fui informado pelo porteiro de que Miss Frost não tardaria a sair para o almoço. Conservei-me pelas imediações e, decorrido algum tempo, vi a jovem sair da loja. Ia só e encaminhou-se na direção leste. Rapidamente, atravessei a rua e abordei-a. Poucas vezes tenho visto numa fisionomia humana tanta indignação como a que vi estampada no belo rosto de Helen Frost. Travámos um verdadeiro duelo verbal, até que a minha teimosia derrotou a dela. Miss Frost disse-me então:

— Costumo almoçar no Moreland's. Lá poderemos conversar, e o senhor fará as perguntas que quiser.

Fomos ao Moreland's. Deixei Helen Frost escolher a mesa e, assim que ela se sentou, instalei-me à sua frente. Ela olhou para mim e disse:

— Estou às suas ordens. Que é que o senhor quer de mim?

Um perfeito caso sério. Mas mantive-me agradável.

— Quero levá-la à Rua Trinta e Cinco Oeste, número novecentos e dezoito, para conversar com Nero Wolfe.

Olhou-me com assombro.

— Isso é ridículo. Para quê?

Retruquei suavemente:

— Temos de estar lá às duas horas, de modo que não dispomos de muito tempo. Na verdade, Miss Frost, seria muito melhor que a senhora comesse qualquer coisa e me permitisse fazer o mesmo, enquanto entro em explicações. Não sou tão repulsivo como um cantor de rádio ou um representante da American Liberty League³.

— Eu... não tenho fome. Estou a ver que o senhor é engraçado. Há um mês tê-lo-ia achado divertido.

— Sou um sujeito notável. — Acenei para a empregada e consultei a lista. — Que prefere, Miss Frost?

Ela encomendou uma gosma qualquer e chá quente e eu pedi porco com feijões e um copo de leite. Logo que a empregada se afastou, comentei:

— Eu podia fazer isto de muitas outras maneiras. Poderia atemorizá-la. Pode crer. Ou então tentar persuadi-la de que, uma vez que o seu primo é nosso cliente, e sendo Nero Wolfe tão correto com

os clientes como a senhora o seria com a sua irmã gêmea, se a tivesse, seria do seu próprio interesse ir visitar o meu patrão. Mas há uma razão melhor do que qualquer outra para que a senhora vá. O simples decoro. Não importa que Wolfe esteja certo ou errado sobre o que a senhora disse ontem na loja de McNair. O importante é que guardamos o caso para nós. A senhora viu esta manhã quais as relações que mantemos com a Polícia; foi a Polícia que me encarregou de realizar aquele teste. Mas a Polícia importunou-a sobre o que a senhora disse ontem? Não. Por outro lado, esse é um caso que a senhora terá de discutir com alguém, mais cedo ou mais tarde. Por mais reservada que seja, não arranjará escapatória. E com quem precisa a senhora de discutir o assunto? Se aceita o meu conselho, com Nero Wolfe, e quanto mais cedo melhor. Não se esqueça que Miss Mitchell é testemunha, e mesmo que seja uma boa amiga da senhora...

— Por favor, não fale mais.

Olhava para o garfo, com o qual arranhava a toalha, e pude observar como os seus dedos agarravam com força aquele utensílio. Reclinei-me na cadeira e olhei para o outro lado. A empregada chegou e principiou a colocar os pratos na nossa frente. Helen Frost esperou até que ela se afastasse e então disse, mais para si mesma do que para mim:

— Não me apetece comer.

— Mas deve.

— Não toquei nos meus talheres.

— Deve-se sempre comer. De qualquer maneira, experimente. Eu já almocei, pedi estas coisas para lhe fazer companhia. O meu carro está estacionado na Rua Cinquenta e Dois, a meio caminho da Park Avenue, na baixa. Lá ficarei à sua espera até às duas menos um quarto.

Não me deu resposta. Retirei-me, encontrei a empregada, a quem pedi a minha conta; fui pagar à caixa e deixei o restaurante. Na rua, pouco adiante, encontrei um bar com balcão para almoço; entrei e comi duas sanduíches de presunto e bebi dois copos de leite. Não me preocupava muito a respeito de Helen Frost porque, no meu entender, era assunto decidido. Ela não tinha outro caminho a seguir.

E não teve mesmo. Chegou às duas menos dez, quando me encontrava na rua, ao lado do *roadster*. Abri a porta, entrou, sentei-me a seu lado e arranquei. Enquanto o carro rodava, perguntei-lhe se havia comido alguma coisa. Acenou afirmativamente.

— Um pouco. Telefonei a Mrs. Lamont informando aonde ia e avisando que estaria de volta às três horas.

Chegámos às duas e um minuto. Conduzi Helen Frost ao escritório, onde não encontrámos ninguém; deixei-a numa cadeira e saí, temendo a pior das hipóteses. Mas tudo estava bem. Encontrei Wolfe na sala de jantar, diante da chávena de café já vazia, a irradiar a sua beatitude digestiva. Parei no limiar e disse:

— Faço votos para que os bolinhos de arroz tenham estado intragáveis. Miss Frost pede desculpas por chegar um minuto atrasada. Conversámos durante um almoço delicioso e o tempo passou simplesmente a voar.

— Ela está aí? Oh, diabo!

Tomei-lhe a dianteira para abrir a porta do escritório. Avançou para a sua secretária mais determinado do que nunca, contornou a cadeira de Miss Frost e, antes de fazer propriamente uma curvatura, inclinou a cabeça diante da rapariga, sem dizer palavra. Acomodei-me na minha cadeira, com o caderno de notas, sem tentar dissimular o que fazia. Wolfe perguntou polidamente à visitante:

— Desejava ver-me, Miss Frost?

Os olhos dela dilataram-se um pouco. Respondeu com indignação:

— Eu? O senhor é que mandou esse homem buscar-me.

— Oh, eu é que mandei. — Wolfe suspirou. — Agora que se encontra aqui, tem alguma declaração especial a fazer-me?

— Não.

Wolfe semicerrou os olhos e imobilizou-se numa posição confortável. Por fim, perguntou:

— Que idade tem, Miss Frost?

— Vou completar vinte e um anos no dia sete de maio.

— Ouvi dizer que trata McNair por «tio Boyd». Ele é seu tio? Conhece-o há muito tempo?

— Não é meu tio. Conheço-o desde que existo. É um velho amigo da minha mãe.

— Deve conhecer-lhe as preferências, nesse caso. Em matéria de bombons, por exemplo, que tipo prefere ele?

Helen Frost empalideceu, mas conservava a serenidade nos olhos e na voz. Não pestanejou.

— Eu... não sei. Sinceramente. Eu não o saberia dizer...

— Por favor, Miss Frost. Sobre detalhes como esse poder-se-ia consultar muita gente: os íntimos de McNair, os conhecidos, os criados, as lojas onde costuma comprar bombons, se os compra. Se, por exemplo, se dá o caso de ele preferir bombons de amêndoa de Málaga, essas pessoas poderão dizer-me. No momento, por casualidade, a pessoa consultada é a senhora. Haverá alguma razão que a induza a ocultar esse facto?

— Claro que não. Não tenho motivos para ocultar nada. Que Mr. McNair gosta de bombons de amêndoa de Málaga é absolutamente verdade. Mas não vim aqui para falar sobre os bombons preferidos de Mr. McNair. Vim para lhe dizer que o senhor está inteiramente equivocado a respeito do que eu disse ontem.

— Nesse caso, a senhora tem uma declaração especial a fazer-me.

— Decerto que tenho. — Helen Frost começava a exaltar-se. — Aquilo foi um mero ardil e o senhor não o ignora. Eu não queria que a minha mãe e o meu tio viessem aqui, mas o primo Lew perdeu a cabeça, como de costume; preocupa-se sempre muito com tudo o que me diz respeito, como se eu não tivesse juízo suficiente para cuidar de mim. O senhor apenas usou de um ardil para me forçar a dizer algo... não sei o quê... e dar-lhe oportunidade de insinuar...

— Miss Frost — interrompeu Wolfe. — Poupeemos tempo. O que o seu primo declarou ontem torna evidente que a senhora conhecia o conteúdo daquela caixa de bombons antes de Miss Mitchell retirar a tampa.

— Não é verdade! Eu não disse isso...

— Oh, disse, sim! — Wolfe falou num tom enérgico: — Apesar de o ter dito, julga que vou discutir com uma criança como a senhora? Ou acredita que a sua beleza tem o condão de anular-me a inteligência? — Wolfe virou-se para mim e rugiu: — Archie! Chame Mr. Cramer.

Peguei no telefone que estava na minha escrivaninha e marquei o

número. A voz de Cramer ressoou no auscultador:

— Viva! É Goodwin? Conseguiu alguma coisa?

— Inspetor Cramer? Espere um momento. Mr. Wolfe quer falar com o senhor.

Acenei a Wolfe, que estendeu a mão para o outro aparelho, na sua secretária. A jovem, porém, pusera-se de pé, num estado de desespero que a obrigava a transigir. Antes de levantar o auscultador, Wolfe declarou à jovem:

— Por cavalheirismo, dou-lhe a liberdade de fazer uma escolha. Quer que Mr. Goodwin a conduza à Polícia ou que Mr. Cramer a mande buscar?

A voz de Helen Frost tinha um tom de lamento:

— Não... não... Confesso que conhecia o conteúdo da caixa... Não posso explicar agora... Mas concordo... em ser interrogada...

Wolfe falou ao telefone:

— Mr. Cramer? Como tem passado? Estava a pensar se o senhor teria tirado algumas conclusões do teste desta manhã... Sim, senhor... Eu não diria isso... Não, não tenho nenhuma novidade para lhe dar, mas demos início a uma série de indagações que possivelmente produzirão os seus frutos mais tarde... Não, nada tenho a comunicar; como sabe, costumo usar de discrição nestes assuntos... Deixe o caso por minha conta...

Assim que ele desligou, Helen Frost tornou a sentar-se, fitando o detetive, de lábios apertados. Wolfe reclinou-se no encosto da cadeira.

— Muito bem, Miss Frost, a senhora acaba de reconhecer que possui informações referentes ao instrumento de um crime, as quais se recusa a revelar. Conhece a mentalidade dos homens da Polícia? Uma das crenças mais arraigadas, entre eles, é que a sonegação de informações sobre um crime implica culpabilidade direta ou indireta. É uma crença absurda, mas, por pura formalidade, terei de perguntar: a senhora adicionou o veneno aos bombons, ou sabe quem foi que o fez?

Miss Frost recobrou a tranquilidade. Respondeu em voz calma, vagamente medrosa:

— Não fui eu e não sei quem foi.

— A senhora está noiva?

— Isso não é da sua conta! Em todo caso, posso responder que não.

— Foi a senhora que comprou esse anel de diamantes?

Involuntariamente, Helen Frost olhou para a joia.

— Não. É um presente de Mr. McNair.

— E aquele outro diamante incrustado no seu estojo de maquiagem ... quem lho deu?

— Mr. McNair.

— É espantoso. Nunca imaginaria que a senhora gostasse tanto de diamantes. — Wolfe abriu uma garrafa de cerveja e encheu o copo. — A senhora gosta dessas pedras?

— Não... Habitualmente, não.

— E Mr. McNair gosta de diamantes? Costuma oferecê-los mais ou menos a esmo?

— Não, que eu saiba.

— E, apesar de não ser apreciadora de diamantes, a senhora usa esses... em atenção a Mr. McNair? Afeição por um velho amigo?

— Uso-os porque quero.

— Muito bem. Deve compreender que são muito escassas as informações que tenho sobre Mr. McNair. Ele é casado?

— Como lhe disse, ele é um velho amigo da minha mãe. Amigo de toda a vida. Tinha uma filha que seria hoje mais ou menos da minha idade, mais velha um mês, quando muito, e que morreu com dois anos. A esposa faleceu na altura em que nasceu a criança. Mr. McNair é o melhor homem que já conheci. É... é o meu melhor amigo.

— E, mesmo assim, oferece-lhe diamantes. Perdoe-me se repiso a questão dos diamantes. Acontece que não gosto dessas gemas. Ah, sim! Eu queria perguntar-lhe: conhece mais alguém, além de Mr. McNair, que goste de bombons de amêndoa de Málaga?

— Não, não conheço.

— Soube que o seu pai já faleceu. Foi o que depreendi das palavras do seu tio, Mr. Dudley Frost, ao declarar que é curador dos seus bens.

— O meu pai morreu quando eu tinha apenas alguns meses de idade. De modo que nunca tive pai.

— A quanto montam os seus bens?

— Acho que andam aí por uns dois milhões de dólares. É tudo o que o meu pai me deixou.

— O seu tio disse-me ontem que a sua mãe não possui um cêntimo. Foi essa a expressão que empregou. Nesse caso, a senhora é a única herdeira de toda a fortuna do seu pai?

— Sim. Assim é. Não tenho nenhum irmão ou irmã.

— E a senhora vai entrar na posse de... Desculpe-me. Faça o favor, Archie.

Era o telefone. Segurei no auscultador da minha escrivaninha. Em seguida, dirigi-me a Helen Frost:

— Minha senhora, a sua mãe deseja falar-lhe.

Ergui-me para ceder a minha cadeira à jovem, que se aproximou.

— Sim, mãe... Sim... Não... Sei que me disse isso, mas naquelas circunstâncias... Não posso explicar tudo agora... Não pude falar com o tio Boyd a esse respeito, porque ele ainda não voltara do almoço, de modo que comuniquei a Mrs. Lamont aonde vinha... Ora, mãe, isso é ridículo; não acha que já tenho idade suficiente para saber o que faço? Não posso; não posso explicar senão quando a vir e quando sair daqui irei diretamente para casa, mas não sei ainda a que horas... Não se preocupe e, pelo amor de Deus, acredite que tenho um pouco de bom senso... Não... Adeus...

Um ligeiro rubor subiu-lhe ao rosto, ergueu-se e voltou à sua cadeira. Wolfe prosseguiu:

— Presumo que entrará na posse dos bens quando chegar à maioridade, a sete de maio. Faltam apenas cinco semanas, a contar de amanhã. Dois milhões de dólares. Mais uma responsabilidade para si. Continuará a trabalhar? Porque trabalha? Decerto que não é por causa do salário.

— Trabalho porque gosto. Acho estúpido uma pessoa não fazer nada. E o tio Boyd, Mr. McNair, por coincidência, tinha um trabalho que eu podia executar.

— Há quanto tempo... Ora, bolas! Desculpe-me.

Era o telefone de novo. Peguei no auscultador e reconheci logo a voz de Dudley Frost, como um rumor de tempestade. Exigiu que ligasse para Wolfe, perguntou furiosamente pela sobrinha, rugiu ameaças e acabei por cortar a ligação, depois de lhe responder à letra. Larguei o auscultador e puxei o caderno de notas. Helen Frost disse com uma voz constrangida, de quem não gosta de fazer perguntas:

— O meu primo?

— Não. O seu tio. O seu primo não há de demorar.

Wolfe recomeçou:

— Eu ia perguntar-lhe há quanto tempo é que trabalha?

— Há uns dois anos, aproximadamente.

Wolfe olhou para o relógio.

— São três e um quarto. Às quatro horas convidá-la-ei a acompanhar-me na visita às minhas plantas, lá em cima; achará divertido contemplar as orquídeas. Calculo que às seis horas estará terminada a visita. Pretendo enviar um convite a Mr. McNair para que me visite esta noite. Se ele julgar inconveniente, então amanhã. Se recusar, Mr. Goodwin irá à loja pela manhã para ver o que é possível fazer. A propósito, preciso de ter a certeza que a senhora se encontrará lá amanhã. Confirma?

— Claro. Permaneço na loja todos... Oh! Não. Amanhã não. A loja estará fechada. É dois de abril. O dia em que faleceu a esposa de Mr. McNair e também o dia em que lhe nasceu a filha. Ele fecha sempre a loja nesse dia.

— E visita o cemitério?

— Oh, não! A esposa dele morreu na Europa, em Paris. Mr. McNair é escocês. Veio para os Estados Unidos há uns doze anos, pouco depois de a minha mãe e eu termos chegado aqui.

— Então a senhora passou parte da infância na Europa?

— A maior parte. Os oito primeiros anos. Nasci em Paris, mas o meu pai e a minha mãe eram americanos. Eu sou americana.

— E vinte anos depois Mr. McNair ainda fecha a loja no dia dois de abril em memória da esposa. Então não irá à loja amanhã.

— Não, mas estarei na companhia de Mr. McNair. Eu... passo sempre o dia com ele. É devido a um pedido que Mr. McNair fez há muito tempo e, com o consentimento da mamã, todos os anos assim acontece. A minha idade e a da filha dele eram quase as mesmas. É claro que não me lembro dela, porque era muito pequenina.

— De modo que a senhora passa o dia com Mr. McNair em substituição da filha. — Wolfe sobressaltou-se. — No seu dia de luto. Macabro! E ele oferece-lhe diamantes. Apesar de tudo...

Ouvimos o zumbido da campainha da porta e o som dos passos de

Fritz no *hall*; o criado ia atender quem chegava. Era o nosso cliente. Fritz entrou e anunciou-o; e, a um aceno de Wolfe, tornou a sair para reaparecer com o visitante. Este não vinha só. Trazia consigo um sujeitinho rechonchudo, mais ou menos da mesma idade de Lew, com um rosto redondo e rosado, olhos buliçosos e matreiros. Lew Frost acompanhou esse exemplar até meio da sala, depois largou-o e voltou-se para a prima:

— Helen! Você não devia ter feito isto...

— Ora, Lew, pelo amor de Deus, que veio você fazer aqui? De qualquer modo, é por sua culpa que aqui estou. — Olhou para o gordinho. — Você também, Bennie? — Parecia furiosa, carrancuda. — Está armado?

Lew Frost voltou-se para Wolfe com um ar de jogador de futebol, sem tirar nem pôr.

— Que diabo quer o senhor conseguir à força? Pensa que pode continuar a proceder desta maneira? Que diria se eu o derrubasse dessa cadeira...?

O amigo travou-lhe o braço, com autoridade. Falou, de mau humor:

— Nada disso, Lew. Acalme-se. Apresente-me.

O nosso cliente dominou-se com esforço.

— Mas, Ben... Enfim, vá lá. Aquele é Nero Wolfe. — Olhou para Wolfe. — Este é Mr. Benjamin Leach, meu advogado. Experimente aplicar-lhe um dos seus truques.

— Muito prazer em conhecê-lo, Mr. Leach. Nada entendo de truques, Mr. Frost. Seja como for, não está a complicar um pouco as coisas? Primeiro, contrata-me para executar um serviço... Que há, Fritz?

Fritz batera à porta e entrara, e dirigia-se agora para a secretária, com o seu passo gingão de marujo, levando a bandeja de estanho. Dobrou a espinha e apresentou a bandeja ao patrão. Wolfe segurou no cartão de visita e examinou-o. Mandou Fritz introduzir o visitante. Fritz tornou a inclinar-se e saiu. O advogado fixou os olhos na porta. Llewellyn voltou a cabeça, mas Miss Frost não se mexeu na sua cadeira. Entrou o novo visitante e, ao ver-lhe o nariz, afilado, os cabelos rebrilhantes e os olhos escuros e inquietos, conteve um sorriso

e murmurei para mim mesmo: «Temos mais barafunda.» Levantei-me.

— Tenha a bondade, Mr. Gebert.

Lew Frost avançou e vociferou para o recém-chegado:

— Você? Que diabo veio cá fazer?

Wolfe falou incisivamente:

— Mr. Frost! Estamos no meu escritório!

O advogado segurou o nosso cliente — e dele também, é claro — e continuou a segurá-lo. Perren Gebert não prestou atenção a qualquer um dos dois. Passou à sua frente e deteve-se para inclinar o torso na direção de Wolfe.

— Mr. Wolfe? Muito prazer em conhecê-lo. Dê-me licença. — Virou-se e curvou-se de novo, para Helen Frost, porém com uma técnica diferente. — Está aqui! Como vai? Está tudo bem?

— Decerto que estou bem! Pelo amor de Deus, Perren, por que razão veio você?

— Vim para levá-la para casa. — Gebert voltou-se e cravou em Wolfe os olhos escuros. — Permita-me, senhor. Vim para acompanhar Miss Frost até casa.

— Verdade? — murmurou Wolfe. — Com carácter oficial? À força? Seja como for?

— Bom... — Gebert sorriu. — É com carácter semioficial. Como poderei exprimir-me... Miss Frost é quase minha noiva.

— Perren! Não é verdade! Eu pedi-lhe para não dizer isso!

— Eu disse «quase», Helen. — Ergueu as mãos, de um modo suplicante. — Incluí o «quase» e permito-me dizer que só a esperança...

— Está bem, não é preciso repetir. Porque veio?

— Para dizer a verdade, foi a sua mãe quem o sugeriu.

— Ah! Foi ela. — Miss Frost olhou em torno, para todos os seus protetores. Parecia extremamente exasperada. — Sem dúvida, foi ela também quem sugeriu o mesmo a si, Lew? E a si, Bennie?

— Ora, Helen. — O advogado falava num tom persuasivo. — Não se aborreça comigo. Vim porque, quando Lew me falou a respeito do caso, pareceu-me que era o melhor que tínhamos a fazer. Cale-se, Lew! Julgo que, se pudéssemos discutir o assunto com calma...

Soou a campainha do telefone e voltei à minha cadeira para

atender. Leach continuou a falar, aplicando paninhos quentes. Logo que percebi quem falava do outro lado do fio, usei o máximo de discrição. Não pronunciei nomes e tratei de abafar a voz. Pedi ao interlocutor invisível que esperasse um momento, cobri com a mão o bocal do aparelho e rabisquei num pedaço de papel: «McN quer fazer-nos uma visita.» Entreguei o papel a Wolfe. Wolfe leu o bilhete, escondeu-o no bolso e disse calmamente:

— Muito obrigado, Archie. Assim está melhor. Diga a Mr. Brown que torne a telefonar dentro de quinze minutos.

Quando desliguei, comuniquei a Wolfe que tudo estava bem. Wolfe realizava preparativos para se levantar. Uma vez de pé, contemplou os visitantes e falou com o seu tom mais áspero:

— Cavalheiros! Já são quatro horas e preciso de deixá-los. Miss Frost teve a bondade de aceitar o meu convite para apreciar as minhas orquídeas, lá em cima. Devo esclarecer que não sou um papão e lamento a tola invasão dos senhores à minha residência. Os cavalheiros vão agora retirar-se e, por certo, Miss Frost tem toda a liberdade de acompanhá-los, se ela assim o quiser. Miss Frost?

A jovem ergueu-se. Apertava os lábios, mas abriu-os para dizer:

— Vou ver as orquídeas.

Começaram todos a falar ao mesmo tempo. Levantei-me e preparei-me para intervir, a fim de restabelecer a ordem, em caso de necessidade. Llewellyn desvencilhhou-se do advogado e voltou-se para a prima, com ares de quem ia colocá-la à garupa e partir a galope. A jovem lançou-lhe um olhar destemido:

— Pelo amor de Deus, cale-se! Não acha que já tenho idade para cuidar de mim mesma? Pare com isso, Lew!

Saiu ao lado de Wolfe. Nada mais podiam fazer os outros senão ficar a olhar, com cara de parvos. O advogado coçava o minúsculo nariz cor-de-rosa. Perren Gebert enterrou as mãos nos bolsos e conservou-se em posição ereta. Llewellyn caminhou para a porta por onde haviam passado os apreciadores das orquídeas, e pudemos ver-lhe o belo dorso possante. Veio do *hall* o ruído da porta do elevador a fechar-se, seguido da zoadada do aparelho em ascensão.

— De momento, os senhores nada mais têm a fazer aqui e aviso já que não gosto de cenas — anunciei. — Atacam-me os nervos.

Perren Gebert já se pusera em movimento. Lew Frost colocou-se de lado, quando ele passou, e lançou-lhe um olhar sinistro. Depois, Leach tomou o braço do amigo e saíram. Acompanhei-os para abrir-lhes a porta da rua. Llewellyn resmungava, mas não lhe dei ouvidos. Ele e o advogado, quando chegaram à rua, seguiram para leste. Gebert subira para um descapotável pequeno e limpo, que estava estacionado atrás do *roadster* e arrancou. Fechei a porta e voltei para dentro. Sentei-me no escritório, à espera de McNair.

³ Organização política americana, fundada em 1934, que se opôs ao *New Deal* do presidente Franklin D. Roosevelt. (*N. do R.*)

CAPÍTULO VIII

McNair chegara havia quase uma hora. Palrou um pouco e acabou por se sentar em silêncio. Trazia no bolso o frasco de aspirinas e já engolira dois comprimidos. Forneci-lhe a água. Julguei que Nero Wolfe tivesse já acompanhado a sua visitante, Miss Frost, até à porta da rua, onde deveria tomar o táxi que Fritz chamara pelo telefone da cozinha.

E não me enganei, pois a porta abriu-se e entrou Nero Wolfe. McNair ergueu prontamente a cabeça. Enxergou Wolfe, piscou os olhos, levantou-se e olhou em redor.

— Onde está Miss Frost? — perguntou.

Wolfe respondeu, sentando-se à sua secretária:

— Lamento tê-lo feito esperar, Mr. McNair. Miss Frost voltou para casa.

— Quê? — McNair ficou boquiaberto. — Voltou para casa? Não acredito. Quem a levou? Gebert e Lew Frost estiveram aqui.

— Estiveram, com efeito. — Wolfe brandiu o indicador: — Peço-lhe, senhor. Esta sala encheu-se de idiotas hoje à tarde, e gostaria de tratar com alguém que tenha o juízo perfeito, para variar. Não sou mentiroso. Meti Miss Frost num táxi, não há dez minutos, e foi diretamente para casa.

— Há dez minutos... Mas eu estava aqui! Exatamente aqui, nesta cadeira! O senhor não sabia que eu queria ver Miss Frost? Que espécie de arдил...

— Eu não queria que o senhor a visse e ela encontra-se em perfeita segurança, salvo se sobrevier algum acidente durante o trajeto do táxi. Não desejava que o senhor se avistasse com Miss Frost antes de falar comigo. Ardil, sim, mas tenho o direito de usá-los. E que diz o senhor dos seus próprios ardis? Que lhe parecem as mentiras flagrantes que vem contando à Polícia desde o dia em que Molly Lauck morreu? Então, senhor? Responda-me!

Por duas vezes McNair abriu a boca para falar, mas continuou calado. Contemplava Wolfe. Sentou-se. Tirou o lenço do bolso, onde tornou a colocá-lo sem o usar. O suor brotava-lhe da fronte.

Por fim, falou com voz aguda e fria:

— Não sei de que é que o senhor está a falar.

— Naturalmente que sabe. — Wolfe imobilizou-o com um olhar. — Falo da caixa de bombons envenenados. Sei como Miss Frost tomou conhecimento do seu conteúdo. Sei que o senhor não ignorava esse detalhe desde o começo e que deliberadamente sonegou à Polícia informações vitais num caso de homicídio. Não seja idiota, Mr. McNair. Miss Frost confessou; ela não tinha nada a fazer. Se eu contasse à Polícia o que sei, o senhor seria preso. Por enquanto não conto, porque quero ganhar os meus honorários e, se o senhor fosse preso, não me seria possível falar-lhe. Rendo-lhe uma homenagem, ao presumir que possui alguma inteligência. Se o senhor envenenou os bombons, aconselho-o a nada dizer, a sair daqui imediatamente e a ter cuidado comigo. Se não foi o envenenador, fale sobre o caso, sem distorcer a verdade. — Wolfe recostou-se na cadeira e murmurou: — Abomino ultimatoss, mesmo os meus. Mas isto já vai longe de mais.

McNair continuou imóvel na cadeira. Depois, observei-lhe um ligeiro tremor no ombro esquerdo, um rápido movimento espasmódico, ao mesmo tempo que, sobre o braço da cadeira, se lhe crispavam os dedos da mão esquerda. Olhou os dedos, com a outra mão segurou-os, enquanto notava outro tremor no ombro esquerdo e uma repentina palpitação dos músculos do pescoço, no mesmo lado. Os nervos do homem estavam nitidamente numa perfeita miséria. Derramou olhares em torno, depois fixou o copo vazio na borda da secretária de Wolfe, voltou-se para mim e pediu, como se fosse um grande favor:

— Poderia dar-me mais um pouco de água?

Peguei no copo, fui enchê-lo e trouxe-o de volta e, como ele não ergueu a mão para agarrá-lo, coloquei-o sobre a secretária, novamente. Não prestou atenção a nada.

Murmurou, sem se dirigir a nenhum de nós em particular:

— Eu estava decidido. Pensei que estava, mas não esperava por isto.

— Se o senhor fosse inteligente, teria chegado a essa decisão antes de ser forçado por um imprevisto — disse Wolfe.

McNair puxou do lenço e desta vez enxugou o suor. Falou calmamente:

— Santo Deus, não sou inteligente! Sou o mais completo imbecil que já veio ao mundo. Arruinei toda a minha vida. — Tremeu-lhe o ombro mais uma vez. — De nada valeria o senhor contar à Polícia o que sabe, Mr. Wolfe. Não envenenei os bombons.

— Continue — disse Wolfe.

McNair fez um gesto de assentimento.

— Continuarei. Não censuro Helen por lhe haver falado disso, depois da cilada que o senhor lhe armou, ontem de manhã. Não consigo atinar com os motivos que a trouxeram hoje aqui, mas também não o responsabilizo por isso. Já estou para além dos ressentimentos comuns, que para mim nada significam. Deve ter notado que nem sequer tentei descobrir o que Helen lhe contou. Sei que, se lhe disse alguma coisa, foi a verdade.

Ergueu a cabeça, para melhor fixar Wolfe.

— Não envenenei os bombons. Quando subi ao escritório, mais ou menos às doze horas daquele dia, para me livrar da multidão por alguns momentos, a caixa encontrava-se sobre a minha escrivaninha. Abria-a e observei-lhe o conteúdo, mas não tirei nenhum bombom porque estava com uma dor de cabeça danada. Quando Helen entrou, pouco depois, ofereci-lhe os bombons, mas, graças a Deus, ela não aceitou nenhum, pois não havia caramelos na caixa. Quando tornei a descer, deixei a caixa na escrivaninha e, com certeza, Molly viu-a depois no mesmo lugar e surriprou-a. Ela... gostava dessas travessuras — calou-se e tornou a enxugar a fronte.

— Que fez o senhor com o papel e a fita que envolviam a caixa? — perguntou Wolfe.

— Não tinha. A caixa não estava embrulhada.

— Quem colocou a caixa em cima da sua escrivaninha?

— Não sei. Vinte e cinco ou trinta pessoas entraram e saíram do escritório, onde foram ver alguns modelos *Crenuit* que não quis exhibir publicamente.

— Na sua opinião, quem levou a caixa para lá?

— Quanto a isso, não tenho a menor ideia.

— Na sua opinião, quem poderia desejar matá-lo?

— Ninguém queria matar-me. Por isso, estou certo de que o veneno se destinava a outra pessoa e foi deixado no escritório por engano.

Seja como for, não há razão para supor...

— Não estou a supor. — Wolfe falou em tom de desgosto. — O senhor, sem dúvida, tem razão quando diz que não é inteligente. Mas decerto que tolo não é. Considere o que acaba de me contar: encontrou a caixa na sua escrivaninha, não suspeita de quem a levou para lá, está convencido de que o veneno não era para si e não faz ideia de quem pretendiam envenenar e, sem embargo, ocultou prudentemente da Polícia o facto de que viu a caixa no seu escritório. Jamais ouvi maior absurdo; uma criança de colo rir-se-ia do senhor. — Wolfe soltou um fundo suspiro. — Tenho de beber um pouco de cerveja. Parece-me que isto vai exigir toda a minha paciência. Aceita um pouco de cerveja?

McNair não se deu conta do convite e declarou calmamente:

— Sou escocês, Mr. Wolfe. Admito que sou um tolo. Em certo sentido, sou fraco. Mas saberá o senhor como um fraco pode, às vezes, tornar-se obstinado? Eu posso tornar-me obstinado. — Inclinou-se um pouco para a frente e engrossou a voz: — O que acabei de contar-lhe acerca da caixa de bombons é o que contarei até morrer.

— Está bem. — Wolfe observou-o. — Assim é. O que o senhor parece não compreender é que, conquanto não possa jamais deparar com nada mais formidável do que a minha paciência, poderá pela certa encontrar algo mais desagradável. Se eu não esclarecer convenientemente este assunto de imediato, terei de contar o que sei à Polícia; devo comunicar tudo a Mr. Cramer, uma vez que aceitei a sua cooperação. Se o senhor se apegar a essa ladainha absurda que me narrou, a Polícia acreditará na sua culpabilidade; o senhor será conduzido a uma cela e submetido a vexames, sem contar talvez até com algumas bofetadas, hipótese pouco provável, todavia, dada a sua posição social; mas eles arruinarão a sua dignidade, os seus negócios e a sua digestão. Enfim, com um pouco de sorte e perseverança, talvez consigam electrocutá-lo. Duvido que o senhor seja tão tolo a ponto de continuar teimando diante de tudo isto.

— Sou teimoso o suficiente — disse McNair. Tornou a inclinar-se para a frente. — Mas escute. Não sou tão tolo que não saiba o que estou a fazer. Embora cansado, verdadeiramente esgotado, sei o que faço. Crê o senhor que me obrigou a fazer uma confissão, porque

conseguiu trazer Helen até si e intimidá-la; a verdade é que eu confessaria de qualquer modo. E há outra coisa. Praticamente, disse-lhe que a minha história sobre a caixa de bombons é falsa, mas que insistirei nela. Não precisava de o fazer. Poderia ter-lhe contado a história, fazendo-o crer que eu queria que acreditasse nela. Mas não queria que o senhor me considerasse mais imbecil do que na realidade sou. Quis que formasse a meu respeito o juízo mais favorável possível nas presentes circunstâncias, porque tenho de pedir-lhe um favor dos mais importantes. Vim aqui para ver Helen, é verdade, e para ver como... como estava ela, mas também para pedir o favor a que aludi. Desejo que aceite um legado no meu testamento.

Wolfe não se surpreendia com facilidade, mas aquilo excedeu todos os limites. Esbugalhou os olhos de assombro. O caso escapava também à minha compreensão; tive a impressão súbita de que McNair tentava realmente subornar Wolfe para que este se desinteressasse da investigação, uma ideia que me despertou admiração pelo visitante. Os meus olhos voltaram-se para ele com renovado interesse.

— O que desejo deixar-lhe constitui uma responsabilidade — continuou McNair. — Um... um pequeno objeto e uma responsabilidade. É espantoso que lhe venha fazer tal pedido. Moro em Nova Iorque há doze anos e compreendi, há dias, ao meditar no assunto, que não tenho um só amigo em quem possa confiar. Em assuntos triviais, é certo, muitos são dignos de confiança; não, porém, num caso vital, mais importante do que a minha vida. Hoje, no escritório do meu advogado, tive necessidade de designar uma pessoa em quem possa confiar e dei o seu nome, Mr. Wolfe. É espantoso, porque só tivera oportunidade de encontrá-lo uma vez, ontem pela manhã. Mas o senhor parece ser o tipo de homem que... que será preciso, se eu morrer. Ontem à noite e hoje pela manhã realizei indagações e julgo que o senhor é a pessoa indicada. Tem de ser um homem de fibra, que ninguém consiga ludibriar, e honesto de forma inequívoca. Como não conhecia mais ninguém que preenchesse os requisitos, e o assunto tinha de ser resolvido hoje, decidi arriscar e designei-o.

McNair escorregou para a frente da cadeira e levou as mãos à borda da secretária de Wolfe, agarrando-a; mais uma vez, percebi-lhe

a palpação dos músculos do pescoço.

— Estabeleci uma cláusula que lhe assegura uma compensação pelo encargo, a qual consistirá em valiosos bens, pois os meus negócios estão em franca prosperidade e fui muito prudente nos investimentos que fiz. Para o senhor será apenas mais um negócio; para mim, porém, se eu morrer, será da mais absoluta importância. Se ao menos pudesse ter a certeza... a certeza, Mr. Wolfe, de que o meu espírito ficaria tranquilo! Compareci esta tarde no escritório do meu advogado, alterei o meu testamento e indiquei o seu nome. Deixo-lhe este... encargo. Eu deveria primeiro ter vindo aqui, mas quis subtrair-me a qualquer risco. Como é óbvio, não posso fazer essa disposição testamentária sem o seu consentimento. Em o senhor se declarando de acordo, estará tudo legalizado. — Tremeu-lhe o ombro e segurou com mais força a borda da secretária. — E então que venha o desenlace.

— Recoste-se na cadeira, Mr. McNair. Não? — disse Wolfe. — Nessa postura pode sobrevir-lhe um ataque. Que venha o desenlace? Morte?

— Mais ou menos.

Wolfe abanou a cabeça.

— Um mau estado de espírito. Ao que parece, o seu cérebro cessou praticamente de funcionar. O senhor mostra-se incoerente. Está visto que, a partir deste momento, o senhor tornou insustentável a sua atitude relativamente aos bombons envenenados. É evidente...

McNair interrompeu-o:

— Desenhei-o. Aceita?

— Um momento, por favor. — Wolfe brandiu o dedo. — É evidente que o senhor sabe quem foi que envenenou os bombons e sabe quem é que pretendiam matar. Persegue-o o temor de que essa pessoa inimiga persista nos esforços para matá-lo, apesar do fatal engano já ocorrido. É possível, também, que outros estejam em perigo; e, não obstante, em lugar de facultar a um homem de alguma inteligência a solução do problema, consagrando-lhe a sua confiança, o senhor põe-se para aí a dizer coisas inúteis e a vangloriar-se da sua teimosia. Mais ainda: tem o arrojo de me propor um acordo que me assegura uma compensação, embora eu tudo ignore sobre a natureza do encargo e quanto ganharei com ele. Ora! Não... Permita-me continuar. Ou tudo é verdade, ou o

senhor é um assassino a ensaiar uma mistificação de tal modo complicada, que não é de admirar que lhe cause dores de cabeça. O senhor pergunta se aceito a incumbência. Se quer saber se concordo em executar um trabalho desconhecido por um salário também desconhecido, a única resposta é não.

McNair agarrava-se ainda à borda da secretária e assim continuou, enquanto Wolfe se servia de cerveja.

— Está bem — disse McNair. — Não me importo que fale assim. Era o que eu esperava. Sei que espécie de homem você é, por isso, está tudo bem. Nunca acreditei que o senhor concordasse em executar um trabalho desconhecido e vou dar-lhe os esclarecimentos necessários, pois para isso é que vim aqui. Mas seria mais fácil... se o senhor declarasse ao menos... que aceitava, se o caso não envolvesse nada de indigno... se o senhor declarasse...

— Por que motivo hei de declarar isso? — Wolfe começava a impacientar-se. — Não é preciso tanta pressa; o senhor tem tempo de sobra; não costumo jantar antes das oito horas. Não receie que o inimigo esteja escondido nesta sala; a morte não o espreita aqui. Continue e esclareça o assunto. Mas deixe-me avisá-lo: isto vai ser taquigrafado e levará a sua assinatura.

— Não! — McNair tornou-se enérgico e positivo. — Não quero que o assunto seja registado por escrito. E não permito a presença daquele homem aqui.

— Então não me é possível escutá-lo. — Wolfe apontou para mim com o polegar: — Este senhor é Mr. Goodwin, o meu secretário pessoal. Seja qual for a opinião que formou a meu respeito, ela envolve necessariamente Mr. Goodwin. A sua discrição é gémea do seu valor.

McNair contemplou-me.

— É muito novo. Não o conheço.

— Como queira. — Wolfe encolheu os ombros. — Não tentarei persuadi-lo.

— Eu sei. O senhor sabe que não precisa de o fazer. Sabe que não posso evitar... estou em apuros. Mas a verdade é que não devia escrever isto.

— Em todo caso, farei uma concessão. — Wolfe recobrava a

paciência. — Mr. Goodwin toma as suas notas e depois, se assim o resolvermos, poderemos destruí-las.

McNair deixara de agarrar a secretária. Os seus olhos dançavam de Wolfe para mim e de mim para Wolfe e, ao observar aquele olhar, se não fosse em serviço — serviço para Nero Wolfe —, teria tido piedade dele. Era evidente que ele não estava em condições de negociar com Nero Wolfe. Deslizou para o fundo da cadeira, entrelaçou os dedos das mãos, depois separou-os e segurou os braços da cadeira. Continuava a olhar de Wolfe para mim e de mim para Wolfe.

De repente, falou:

— Tenho de contar-lhe algo acerca de mim mesmo, pois caso contrário o senhor não acreditaria no que fiz. Nasci em mil oitocentos e oitenta e cinco em Camfirth, na Escócia. A minha família possuía algum dinheiro. Não frequentei muito a escola e não gozei nunca de boa saúde, se bem que não sofresse de doenças graves, apenas alguns achaques. Julguei que tinha aptidões para o desenho e, com vinte e dois anos, fui para Paris estudar Arte. Gostei bastante e bastante trabalhei, mas na verdade não realizei nada; mantinha-me em Paris, gastando o pouco dinheiro que os meus pais possuíam. Quando eles faleceram, mais tarde, a minha irmã e eu ficámos sem nada, mas depois falarei sobre isso. — Calou-se, levou as mãos às têmporas, que comprimiu e friccionou. — A minha cabeça está a estourar.

— Descanse um pouco — murmurou Wolfe. — Em breve se sentirá melhor. O que está a contar-me já o deve ter contado a alguém, há muitos anos.

— Não — disse McNair com amargura. — Uma coisa destas jamais deveria ter acontecido. E não posso contar agora, não posso contar tudo, apenas o suficiente. Talvez eu esteja realmente louco, desequilibrado, talvez esteja a destruir tudo o que salvguardei durante tantos anos de sofrimento. Não sei. De qualquer modo, não o posso evitar; decidi deixar-lhe a caixa vermelha e então o senhor viria a saber.

«Como é natural, conheci centenas de pessoas em Paris. Uma delas era uma jovem americana chamada Anne Crandall, que despossei em mil novecentos e treze. Tivemos uma filhinha. Perdi ambas. A minha esposa morreu no dia em que nasceu a menina, a dois de abril de mil

novecentos e quinze, e vim a perder a minha filha dois anos depois. — McNair interrompeu-se, encarou Wolfe e perguntou ferozmente: — O senhor algum dia teve uma filha?

Wolfe limitou-se a abanar a cabeça. McNair prosseguiu:

— Outras pessoas que conheci eram dois irmãos americanos ricos, os Frosts, Edwin e Dudley. Passavam em Paris a maior parte do tempo. Havia também uma jovem, que eu conhecia desde a infância na Escócia, chamada Calida Buchan. Também estudava Arte, não logrando melhor êxito do que eu. Edwin Frost casou-se com ela pouco depois de eu ter casado com Anne, apesar de, por algum tempo, se haver julgado que o irmão mais velho, Dudley, é que desposaria Calida. Julgo que seria esse o caminho seguido por Dudley, se não houvesse saído uma noite para ir beber.

McNair fez uma pausa e tornou a apertar as têmporas. Perguntei-lhe:

— Não quer um pouco de fenacetina?

Ele abanou a cabeça.

— Estes sempre aliviam um pouco.

Tirou o frasco de aspirinas do bolso, lançou dois comprimidos na palma da mão e atirou-os à boca. Pegou no copo de água e bebeu.

— O senhor tem razão — confessou a Wolfe. — Sentir-me-ei melhor quando isto acabar. Tenho carregado um fardo de remorsos excessivamente pesado e por demasiados de anos.

Wolfe concordou com um aceno.

— E Dudley Frost saiu para se embriagar...

— Sim, mas isso não tinha importância. Fosse como fosse, Edwin e Calida casaram-se. Pouco depois, Dudley regressou à América, onde se encontrava o seu filho. A sua esposa morrera, como a minha, de parto, uns seis anos antes. Acho que Dudley não voltou a França senão três anos mais tarde, quando a América entrou na guerra e Edwin morreu; este ingressara na aviação inglesa e faleceu em mil novecentos e dezasseis. Mas nessa época já não me encontrava em Paris. Não me aceitaram no Exército, devido à minha saúde. Não tinha dinheiro nenhum. Fui para Espanha com a minha filhinha...

Calou-se, e ergui os olhos do caderno de notas. McNair estava um pouco curvado e, com ambas as mãos, de dedos abertos, apertava o

ventre; via-se-lhe no rosto que algum mal repentino o acometera, bem pior que uma dor de cabeça.

Ouvi a voz de Wolfe, como um látego:

— Archie! Segure-o!

De um pulo acerquei-me de McNair. Mas não o alcancei porque, de repente, sobreveio-lhe um espasmo, uma convulsão agitou-lhe o corpo, saltou da cadeira e ficou de pé, contorcendo-se.

— Jesus Cristo! — gritou.

Pôs as mãos, com os punhos cerrados, sobre a secretária de Wolfe, num esforço para endireitar o corpo. Gritou novamente:

— Oh, Cristo!

Sacudiu-o outra convulsão e, arquejante, dirigiu-se a Wolfe:

— A caixa vermelha... o número... Oh, meu Deus, permiti que eu lhe conte!

Soltou um gemido como que brotado das próprias entranhas e caiu.

Eu conseguira agarrá-lo, mas deixei que tombasse no chão porque tinha apagado. Ajoelhei-me a seu lado e vi os sapatos de Wolfe aparecerem pouco adiante.

— Ainda respira — observei. — Não, parece que não. Creio que está morto.

Wolfe disse:

— Chame o doutor Vollmer. Chame Mr. Cramer. Mas primeiro deixe-me tirar-lhe do bolso esse frasco de aspirinas.

Enquanto me dirigia para o telefone, ouvi um murmúrio, entre dentes, atrás de mim... «Estava errado. A morte perseguiu-o até aqui. Sou um imbecil.»

CAPÍTULO IX

Na manhã do dia seguinte, quinta-feira, 2 de abril, já tarde, sentado à escrivaninha, ocupava-me a dobrar cheques e a colocá-los em sobrescritos, à medida que Wolfe apunha neles a sua assinatura e ia-mos passando. Pagavam-se as contas de março. Wolfe descera da sua visita às orquídeas às onze horas em ponto, e aproveitávamos o tempo, visto que tínhamos prometido uma visita do inspetor Cramer.

Quando o Dr. Vollmer chegara de sua casa, distante apenas um quarteirão, McNair já se encontrava sem vida; pouco depois aparecera Cramer, acompanhado de alguns polícias. O médico-legista adjunto veio e realizou o exame habitual; depois, levaram o cadáver, num carro, para a autópsia. Wolfe relatou a Cramer tudo o que acontecera, sem omitir nada, mas não acedeu ao pedido de uma cópia datilografada das minhas notas sobre o diálogo com McNair. O frasco de aspirinas, que originariamente continha cinquenta comprimidos, dos quais restavam ainda catorze, foi entregue ao inspetor.

Wolfe mostrava-se condoído como eu nunca vira.

Uma morte ocorrera no seu escritório, à sua frente, menos de dez minutos depois de Wolfe assegurar a vítima de que não corria perigo.

Por isso, não estranhei que não falasse, e não fiz nenhum esforço para o pressionar.

Cramer chegou na altura em que eu inseria o último cheque no sobrescrito. Fritz conduziu-o ao gabinete. Depois dos cumprimentos da praxe, o inspetor sentou-se, tirou da boca o charuto, colocou a sua pasta sobre os joelhos, abriu-a e resmungou:

— Bom. Aqui está o caso. Tenho de voltar antes da hora do almoço. Ocorreu-lhe alguma ideia, Wolfe?

— Não. Quase sofri uma indigestão depois do jantar de ontem. — Wolfe apontou para a pasta de Cramer: — Você traz aí os papéis de McNair?

— Não. Isto é apenas uma miscelânea de inutilidades. Apenas uma ou duas coisas têm algum valor. Conforme o seu depoimento, fiquei de olho atento nos Frosts, dada a maneira por que McNair começou a história que lhe contou. Os Frosts e o seu companheiro Gebert são agora objeto de investigações meticolosas. Bem, vamos ao caso. Em

primeiro lugar, o frasco de aspirinas. Continha catorze comprimidos, dos quais doze estavam perfeitos. Os outros dois eram comprimidos de cianeto de potássio, com, aproximadamente, cinco grãos em cada um, envolvidos por uma delgadíssima camada externa de aspirina; ao que parece, esta última substância foi polvilhada por cima e depois comprimida com muito cuidado. O químico informou que a camada foi adicionada hábil e uniformemente por toda a superfície, de modo que não se podia sentir o gosto de cianeto de potássio nos rápidos instantes antes de ser engolido. No frasco não se percebeu cheiro de cianeto de potássio, o cheiro característico de amêndoas amargas, porque o veneno foi muito bem encoberto. O relatório da autópsia informa que o envenenamento foi produzido por cianeto de potássio. Agora, quem pôs os comprimidos de cianeto no frasco de aspirinas? A resposta é que, por enquanto, não se pode suspeitar de ninguém. No decurso da última semana, e mesmo antes, McNair tomava aspirinas na mesma proporção que uma galinha come milho. Havia um frasco, a toda a hora, sobre a escrivaninha ou numa das gavetas. Agora não há nenhum; trouxe-o no bolso, com certeza, ao sair ontem. Dos cinquenta comprimidos, foram consumidos trinta e seis; e, calculando-se que ele tomava doze por dia, verificamos que o frasco estava em uso há três dias. Nesse período, dezenas de pessoas estiveram no escritório onde guardava o frasco. É claro que todos os Frosts lá estiveram e Gebert também. A propósito... — Cramer procurou um papel na pasta — ... o que significa em francês um *camal*... um *camallot*?

Wolfe fez um gesto de compreensão.

— *Camelot du roi*. Um membro de um grupo político monárquico de Paris.

— Ah! Pois, Gebert era um deles. Enviei um telegrama para Paris a noite passada e recebi resposta esta manhã. Gebert era um deles. Há três anos que se encontra em Nova Iorque; estamos a investigar. As primeiras informações colhidas são ainda muito vagas. Também comunicaram de Paris: «MSI.»

Wolfe arregalou um olho. Elucidei:

— Gíria policial. «Meios de subsistência ignorados.» Eufemismo para uma chatice.

Cramer prosseguiu:

— Estamos a executar todo o trabalho de rotina. Impressões digitais no frasco de aspirinas, nas gavetas de McNair e assim por diante. Compras de cianeto de potássio...

Wolfe interrompeu-o:

— Eu sei. Bolas! Isso não serve para este assassinio, Mr. Cramer. É preciso fazer mais do que o trabalho de rotina.

— E é o que vou fazer. Ou você. — Cramer atirou fora o charuto e enfiou a mão na algibeira à procura de outro. — Apenas o ponho ao corrente dos factos. Descobrimos uma ou duas coisas. Por exemplo: ontem à tarde, McNair pediu ao seu advogado que descobrisse se Dudley Frost, na qualidade de curador da sobrinha, esbanjara algum dinheiro, e recomendou ao advogado a máxima urgência. Declarou que Edwin Frost ao morrer, há vinte anos, não legara à esposa um único cêntimo, deixando toda a fortuna à filha Helen e designando o irmão Dudley como curador, sob a condição de que ninguém, nem mesmo Helen, poderiam exigir contas a Dudley; e Dudley jamais prestou contas a quem quer que seja. Isto disse McNair. Estamos a investigar esse ponto também. Que acha você? Se Dudley gastou um milhão, ou mais, do dinheiro de Helen, de que lhe valeria matar McNair?

— Não sei. Aceita um pouco de cerveja?

— Não, obrigado. Bom, ainda descobriremos alguma novidade sobre este ponto. — Tornou a mergulhar os dedos nos papéis. — A seguir, há um detalhe que lhe despertará interesse. Acontece que o advogado de McNair é um sujeito acessível, até certo ponto e, diante das indicações que você me forneceu ontem à noite, fui procurá-lo hoje cedinho. Ele citou o detalhe que mencionei sobre Dudley Frost e confessou que McNair fez um testamento ontem. Com efeito, quando lhe expliquei a seriedade deste caso de homicídio, mostrou-me o testamento e permitiu que o copiasse. McNair fez de si um dos herdeiros. Inscreveu o seu nome com rigorosa exatidão.

— Sem o meu consentimento. — Wolfe serviu-se de cerveja. — McNair não era meu cliente.

— Agora é — resmungou Cramer. — Você não pode recusar isso a um morto. Fez poucas doações e deixou os bens restantes à irmã, Isabel McNair, que mora na Escócia, num lugar denominado Camfirth.

Menciona instruções particulares que transmitiu à irmã, relativamente aos bens. — Cramer virou uma folha. — Depois você entra em cena. O parágrafo seis nomeia-o testamenteiro, sem remuneração. O parágrafo seguinte reza: «A Nero Wolfe, residente na Rua Trinta e Cinco Oeste, número novecentos e dezoito, em Nova Iorque, deixo a minha caixa de couro vermelho e o seu conteúdo. Ele já está por mim informado sobre onde se encontra a caixa, cujo conteúdo se considerará de sua propriedade exclusiva, que ele poderá usar conforme a sua vontade e a sua descrição. Declaro que qualquer conta que ele apresente, numa importância razoável, por serviços prestados, relativos a esta disposição, será considerada como simples e justo passivo do meu espólio, devendo ser paga imediatamente.»

Cramer soprou uma baforada para o ar, depois acrescentou:

— Bom. Agora ele é seu cliente. Hein? Ou será, logo a seguir à aprovação do testamento.

Wolfe abanou a cabeça.

— Não dei o meu consentimento. Tenho duas observações a fazer. Primeiro, note a espantosa cautela do escocês. Quando escreveu isso, Mr. McNair estava num desespero frenético, contratava-me para uma tarefa de tamanha importância para si, que o seu espírito não teria sossego se não resolvesse imediatamente o assunto; pois, mesmo assim, acrescentou: «numa importância razoável». Evidentemente, era mais que necessário para o repouso do seu espírito. A segunda observação é que ele comprou-me gato por lebre. Onde está a caixa de couro vermelho?

Cramer olhou-o com firmeza e respondeu calmamente:

— Tenho uma ideia.

Wolfe arregalou os olhos, desconfiado.

— Que quer dizer, cavalheiro, com esse tom? Tem uma ideia a respeito de quê?

— A respeito do lugar onde está a caixa. — Cramer levantou a mão espalmada. — Porque não? Há cem probabilidades contra uma de que o conteúdo da caixa resolva este caso. — Olhou em redor, depois encarou Wolfe: — Julgo que não há a menor possibilidade de que a caixa se encontre neste escritório, neste momento; no cofre, por exemplo, ou numa das gavetas da escrivaninha de Goodwin. —

Voltou-se para mim: — Importa-se de a procurar, meu rapaz?

— Não é necessário — respondi sorrindo. — Tenho-a escondida dentro do sapato.

— Mr. Cramer! — vocifeou Wolfe. — Contei-lhe, ontem à noite, tudo o que Mr. McNair me disse enquanto pôde falar. Se pretende ter a audácia de suspeitar...

— Escute! — Cramer falou com voz mais alta e firme: — Não me venha com isso. Já conheço muito bem a sua inocência indignada. Lembre-se da ocasião recente, quando ousei sugerir que aquela mulher, a Fox, poderia estar escondida em sua casa. Lembre-se do que McNair consignou ontem no testamento... aqui está, posso ler: «Ele já está por mim informado sobre onde se encontra a caixa.» Prestou atenção? Não tenho dúvidas, você contou-me tudo o que McNair disse ontem à tarde; mas onde foi ele buscar a ideia de empregar um verbo no pretérito antes de falar consigo? Você falou com ele na terça-feira também...

— Cavalheiro — retrucou Wolfe —, confesso que algumas vezes usei de subterfúgios, falei-lhe de modo ambíguo, mas jamais me ouviu proferir uma mentira direta e categórica. Nunca, meu caro senhor. Afirmo-lhe, agora, que nunca vi a caixa vermelha de Mr. McNair; não tenho a menor ideia de onde ela está ou esteve e não sei, nem mais ou menos, em que consiste o seu conteúdo. Assim, é favor não insistir.

— Fala com sinceridade? Não tem a caixa? Não sabe onde ela está? O que contém?

— Não.

— Então por que motivo McNair escreveu ontem no testamento que lhe havia dito onde se encontrava a caixa?

— Ele pretendia dizer. Antecipou-se.

— Então McNair não lhe chegou a dizer?

Wolfe franziu a testa.

— Caramba, senhor!

As cinzas do charuto de Cramer caíam sobre o tapete. Ele não prestava atenção. Murmurou: «Estou desesperado», e afundou-se na cadeira. Por fim, começou a queixar-se a Wolfe:

— É um caso sério, não há dúvida. Não imaginava que você me subjugasse desta forma. Afeito às suas manhas, eu tinha duas coisas

como certas. Primeiro, que a solução do caso estava na caixa vermelha. Segundo, que você possuía a caixa ou sabia onde ela se encontrava. Agora, você garante-me que a segunda falhou. Está certo, acredito. E a primeira?

Wolfe fez um gesto de assentimento.

— Creio que estamos de acordo. Na minha opinião, pode considerar-se como certo que o conteúdo da caixa vermelha revelará quem tentou matar McNair há mais de uma semana e quem o matou ontem. — Wolfe apertou os lábios por instantes, depois acrescentou: — Matou-o aqui. No meu escritório. Na minha presença.

— Sim. Claro. — Cramer lançou o charuto para o cinzeiro. — É por esse motivo que você encara o facto como um crime em vez de o considerar como um simples «caso». — Voltou-se bruscamente para mim: — Pode fazer uma ligação telefónica para o meu gabinete?

Peguei no auscultador e marquei o número. Atenderam, pedi ligação para a extensão, solicitei que aguardassem um instante e desocupe a minha cadeira. Cramer aproximou-se e sentou-se à minha escrivaninha para telefonar.

— Olá, Burke? Daqui é Cramer. Tem aí uma folha de papel? Tome nota: caixa de couro vermelho, não se sabe o tamanho nem o peso, se é velha ou nova. É provável que não seja muito grande, pois parece que contém apenas papéis, documentos. Pertenceu a Boyden McNair. Primeiro: entregue a dez homens cópias da fotografia de McNair e mande-os percorrer todos os bancos e companhias que guardam objetos particulares nos seus cofres-fortes, nesta cidade. Se descobrirem algum cofre ou depósito de objetos, da propriedade do morto, consigam uma licença do tribunal para a sua abertura imediata. Segundo: telefone aos homens que estão a passar revista ao apartamento de McNair e à loja de modas, para que procurem a caixa e avise que quem a encontrar terá um dia de folga. Terceiro: tornem a interrogar os amigos e conhecidos de McNair e perguntem-lhes se alguma vez viram a caixa, quando e onde e, em caso afirmativo, como é o objeto. Pergunte o mesmo a Collinger, o advogado de McNair. Eu estava tão convicto... que não lhe perguntei. Quarto: envie outro telegrama à Escócia, pedindo à Polícia que interrogue a irmã de McNair sobre a caixa. Comecem imediatamente. Voltarei sem demora.

— Dez homens... cem... mil... — sussurrou Wolfe. — Realmente, Mr. Cramer, com tal equipamento deveria capturar pelo menos dez culpados para cada crime cometido.

— Sim. É o que fazemos. — Cramer olhou em redor. — Oh, creio que deixei o chapéu no *hall*. Comunicar-lhe-ei assim que encontrarmos a caixa, visto que é sua. Poderei antes examiná-la, apenas para verificar se não contém alguma bomba. Ficaria muitíssimo pesaroso se a bomba explodisse aqui... De qualquer forma, já sabe que continuamos aliados no presente caso.

— Ótimo. Sendo assim, apresentarei uma pequena sugestão. Providencie para que os Frosts, todos eles, conheçam imediatamente os termos do testamento de Mr. McNair. Não se incomode com Mr. Gebert; creio que, logo que os Frosts saibam, ele o saberá também sem demora.

Cramer despediu-se e retirou-se. Wolfe tocou a campainha, pedindo cerveja. Decorrido algum tempo, Fritz veio anunciar que Mr. Llewellyn Frost desejava ver Nero Wolfe.

— O diabo — murmurou Wolfe. — Não há nada a fazer. Archie, por favor... Não. Apesar de tudo, ele é nosso cliente. Deixe-o entrar.

CAPÍTULO X

Ao que parecia, desta vez Llewellyn não viera para derrubar homens gordos de cadeiras, como na véspera. Nem se fazia acompanhar do advogado. Vinha meio brando e amável, com a gravata torta. Desejou-nos bons-dias, como que contando com a nossa benevolência, e com um ar de quem necessita desse apoio; chegou mesmo a agradecer a Wolfe por este o convidar a sentar-se. Depois de sentado, olhava de mim para Wolfe, como que esquecido do que viera fazer.

— Foi um choque para o senhor, Mr. Frost — disse Wolfe. — Para mim também. Mr. McNair estava sentado nessa mesma cadeira que o senhor agora ocupa quando engoliu o veneno.

— Eu sei. Morreu exatamente neste sítio.

— Com efeito. Dizem que três grãos daquele tóxico matam um homem em trinta segundos. Mr. McNair tomou cinco, ou dez. Sobrevieram-lhe convulsões quase imediatamente e morreu um minuto depois. Apresento-lhe os meus pêsames. Embora o senhor não estivesse de muito boas relações com ele, conhecia-o há muito tempo. Não é verdade?

— Conhecia McNair há doze anos. Nós... As minhas relações com ele não eram perfeitamente amigáveis... — interrompeu-se e meditou. — Bom, talvez fossem. Não por motivos pessoais, todavia. Quero dizer, julgo que não nos detestávamos mutuamente. Na realidade, não era mais do que um mal-entendido. Vim a saber esta manhã que eu não tinha razão quanto ao motivo principal das minhas queixas contra ele. Pensei que ele queria que a minha prima se casasse com o Gebert, e soube agora que ele não o queria de modo nenhum. Não o queria por nada deste mundo. Isso... deu-me que pensar... Quer dizer, eu não tinha razão, nesse ponto. O senhor compreende? Quando vim procurá-lo na segunda-feira... e também na semana passada... julguei ter conhecimento de alguns factos. Nada revelei a si ou a Mr. Goodwin porque sabia que ficaria prejudicado. Não queria acusar ninguém. Queria apenas que o senhor descobrisse. E quero declarar... quero pedir desculpas. A minha prima contou-me que viu a caixa de bombons, como e onde. Teria sido melhor se ela lhe tivesse contado

tudo, agora compreendo. Também ela compreende. Mas o diabo é que eu tinha em mente outro... outro... quero dizer, considerava-me sabedor de uma coisa...

— Compreendo, senhor. — Wolfe parecia impaciente. — O senhor sabia que Molly Lauck estava enamorada de Mr. Perren Gebert. Sabia que Mr. Gebert desejava casar-se com a sua prima Helen e acreditava que Mr. McNair favorecia esses projetos. O senhor achava-se mais do que pronto a suspeitar que a génese dos bombons envenenados residia nessa trama erótico-matrimonial, na qual estava diretamente interessado, pois você mesmo desejava desposar a sua prima.

Llewellyn encarou Wolfe com assombro.

— De onde lhe veio essa ideia? — Um forte rubor cobriu-lhe o rosto e exclamou: — Casar com ela, eu? O senhor está louco! Que asneira...

— Por favor, não proceda assim. — Wolfe sacudiu o dedo. — O senhor devia saber que os detetives às vezes fazem descobertas... alguns, pelo menos, fazem. Não disse que o senhor vai casar com a sua prima, disse apenas que o senhor o desejaria. Foi o que logo verifiquei pela nossa conversa de segunda-feira à noite, quando me declarou que o senhor e ela são primos paralelos. Não havia motivo para que uma expressão tão abstrusa e rara lhe estivesse na ponta da língua, como o estava evidentemente, a menos que o preocupasse a ideia de desposar a sua prima; tamanho interesse tomou pelo costume e conveniências do casamento entre primos-irmãos que estudou o assunto exaustivamente. Torna-se claro que as leis canónicas e as leis do Levítico não lhe bastaram; o senhor aventurou-se mesmo na antropologia. Ou talvez não tenham bastado a alguma outra pessoa... ela própria, a mãe dela, o seu pai... E também não seria surpresa para mim saber que, quando me visitou há três dias, o senhor vinha plenamente convencido de que Mr. McNair ou Mr. Gebert tinham envenenado Molly Lauck. Decerto, o senhor não estava em condições de discernir entre o absurdo e a probabilidade.

— Sei que não estava em condições. Mas também não estava convencido de... nada. — Llewellyn mordeu o lábio. — Agora, naturalmente, estou num dilema. O caso McNair é terrível. Os jornais começaram a fazer estardalhaço de novo. A Polícia foi procurar-nos

esta manhã, nós, os Frosts, como se... como se soubéssemos alguma coisa a respeito do caso. E, como é natural, Helen encontra-se muito aflita. Ela quis ir ver o corpo de McNair esta manhã, mas não lho permitiram, porque iam fazer a autópsia, o que foi bom. Depois, quis fazer uma visita ao senhor e, por fim, resolvi trazê-la. Entrei primeiro porque não sabia quem poderia estar aqui. Ela está lá fora, no meu carro. Posso trazê-la cá? Ela deseja vê-lo.

— Traga-a aqui — respondeu Wolfe.

Lew Frost ergueu-se e saiu. Pouco depois voltou com Helen Frost, que, de olhos entumecidos, nos cumprimentou com um aceno e ocupou a cadeira de interrogatório. A jovem lançou um olhar a Llewellyn e outro a mim e a Wolfe, como se não estivesse muito certa de que nos conhecia. Começámos uma conversa meio emperrada e Helen Frost teve um acesso de choro ao lembrar que o seu melhor amigo expirara exatamente no lugar em que agora estava sentada. Socorri-a com uma boa dose de aguardente. Ela serenou, aos poucos, e por fim surpreendeu-nos com estas palavras:

— Não sei, Mr. Wolfe, qual o assunto da conversa do tio Boyd consigo, e o que disseram de nós, os Frosts. Não podia ser nada de mal porque ele não mentia. Tampouco me preocupa que o senhor trabalhe de acordo com a Polícia. Não poderia haver nada mais... mais desagradável para um Frost do que o que aconteceu. Seja como for, a Polícia não conseguiu descobrir nada a respeito de Molly Lauck, ao passo que o senhor conseguiu.

Secaram-lhe as lágrimas e prosseguiu:

— Lamento não lhe ter contado o que sabia... claro que lamento. Julguei que guardava um segredo em nome do tio Boyd, mas lamento, de qualquer modo. Desejaria apenas que houvesse qualquer outra coisa que lhe pudesse contar... Seja lá como for... Sim, posso fazê-lo. Esta é a única vez em que me sinto verdadeiramente satisfeita por ter bastante dinheiro. Pagar-lhe-ei tudo o que pedir para descobrir quem matou o tio Boyd. A investigação que o senhor começou para Lew já não interessa ao meu primo, mas eu quero que o senhor a continue para mim. O senhor pode cobrar o que quiser... e não terá nenhuma dificuldade quando quiser receber...

Agarrei o copo e fui ao armário buscar mais um pouco de

aguardente para ela. Sorri para a garrafa, e refleti que, naquele caso, a um cliente terrível sucedia outro igual.

CAPÍTULO XI

— Pelo que ouço — disse Wolfe —, Mr. Llewellyn Frost fica doravante desobrigado do compromisso que assumira para comigo. Está bem. Uma coisa, porém, deve ficar bem entendida. A senhora confia-me essa tarefa em virtude da sua afeição por McNair e do seu desejo de que o assassino seja descoberto e punido. No presente momento, a senhora encontra-se sob o domínio de fortes emoções. Tem a certeza de que amanhã ou na próxima semana ainda estará interessada nos meus serviços? Quererá que o assassino seja preso, julgado, condenado e executado se ele for, por exemplo, o seu primo, o seu tio, a sua mãe... ou Mr. Perren Gebert?

— Mas isso... isso é ridículo...

— Talvez, mas fica de pé uma pergunta por responder. Está pronta a pagar-me para capturar o assassino, seja ele quem for?

Helen contemplou Wolfe fixamente e respondeu por fim:

— Sim. Quem quer que seja que tenha matado o tio Boyd. Sim, é o que eu quero.

— Tanto melhor. Acredito em si. Esforçar-me-ei por conseguir o que pede. Agora, desejo fazer-lhe algumas perguntas, mas é possível que a sua resposta à primeira delas torne as outras desnecessárias. Quando viu pela última vez a caixa de couro vermelho de Mr. McNair?

— A... O quê? — Helen franziu a testa. — A caixa de couro vermelho?

— Sim.

— Nunca. Não a vi nunca. Não sabia que ele tinha uma caixa.

— Está bem. E o senhor, cavalheiro, dispõe-se a responder a algumas perguntas?

— Penso que sim. Sem dúvida — respondeu Lew Frost. — Mas não a respeito de uma caixa de couro vermelho. Nunca vi essa caixa.

Wolfe suspirou.

— Então, creio que temos de prosseguir. Posso declarar-lhe, Miss Frost, que Mr. McNair previa, pelo menos, temia a sorte que o aguardava. Enquanto a senhora esteve aqui ontem, ele foi ao advogado fazer um testamento. Deixou à irmã, Isabel, que mora na

Escócia, os bens que possuía. Nomeou-me testamenteiro e legou-me a caixa de couro vermelho com o conteúdo. Fez-me uma visita para pedir que eu aceitasse a incumbência e o legado.

— Nomeou-o testamenteiro? — Llewellyn encarava Wolfe fixamente, incrédulo. — Mas como, se não conhecia o senhor?

— Assim é. Isto demonstra a extensão do seu desespero. É evidente que a caixa vermelha encerra o segredo da sua morte. Na verdade, Miss Frost, fiquei satisfeito por vê-la aqui hoje. Tinha esperança de que me desse algum esclarecimento, uma descrição da caixa, quanto mais não fosse.

A jovem abanou a cabeça.

— Nunca vi a caixa. Não sabia... mas não compreendo... Se queria deixar a caixa ao seu cuidado, porque não deu explicações?...

— Ele tinha intenção de explicar. Mas não houve tempo. As suas últimas palavras, na luta derradeira e inútil contra o destino, representaram um esforço para me dizer onde se encontra a caixa vermelha. Devo informar que o inspetor Cramer possui uma cópia do testamento e que, neste instante, dúzias de polícias procuram a caixa, de modo que, se a senhora ou seu primo puderem fornecer-me alguma pista, não há tempo a perder. Interessa-me obter a caixa antes da Polícia. Não para proteger o assassino, mas tenho cá o meu sistema de fazer as coisas, e a Polícia não tem clientes e sim cadeira elétrica. Façam um esforço mental, rebusquem a memória, ambos. A Polícia está a esquadrinhar o apartamento e a loja de modas de Mr. McNair. Ele não possuía nenhum outro pedaço de terra ou de água? Uma garagem, um barco, uma casa de campo?

Llewellyn relanceou à prima um olhar inquiridor. Ela fez um gesto afirmativo.

— Sim. Glennanne. Uma pequena casa de campo, com alguns hectares de terra, nas proximidades de Brewster. Deu esse nome à propriedade porque a esposa dele se chamava Anne e a filha Glenna. A casa foi comprada há uns seis anos.

— Onde fica Brewster?

— É um vilarejo a cerca de oitenta quilómetros a norte de Nova Iorque.

— Muito bem. — Wolfe empertigou-se. — Archie! Chame Saul,

Orrie, Johnny e Fred. Que venham cá imediatamente. Se não estiverem todos, mande os dois primeiros vasculhar Glennanne e os outros irão reunir-se a eles, logo que chegarem. Em primeiro lugar, façam uma rigorosa busca na casa de campo, rápida e completa; depois, que estendam a pesquisa ao terreno. Existe algum jardim, Miss Frost? Ferramentas?

Helen acenou afirmativamente.

— O tio Boyd costumava... cultivar algumas flores.

— Bom. Os rapazes podem ir no *sedan*. Se precisarem, que levem material sobresselente para escavações e também lanternas para continuar o trabalho quando escurecer. É provável que haja na casa algum orifício na parede, alguma tábua frouxa no soalho. Chame os rapazes. Espere. Primeiro, o caderno de notas. Taquigrafe o que vou ditar e depois passe à máquina em papel timbrado: «Autorizo o portador, Saul Panzer, a assumir inteiro domínio sobre a casa e o terreno de Glennanne, propriedade do falecido Boyden McNair, bem assim como a realizar aí certas atividades, em conformidade com instruções minhas.» Deixe espaço para a minha assinatura, por cima da especificação: «Testamenteiro do espólio de Boyden McNair.» Ainda não estou habilitado, mas cumprimos depois as formalidades legais. — Despediu-me com um gesto. — Agora, Miss Frost, talvez possa contar-me...

Encaminhei-me para o telefone e comecei a marcar números. Comuniquei sem dificuldade com Saul e Orrie, e ambos declararam que viriam sem mais demora. Fred Durkin não estava em casa; a mulher, porém, disse que sabia onde poderia encontrá-lo, de modo que eu podia aguardar uma chamada telefônica dentro de dez minutos. Johnny Keems estava a trabalhar para o escritório de Del Pritchard, numa vigia, durante todo o dia, mas ainda não acabara de datilografar a autorização para Saul quando Fred telefonou, de sorte que consegui três homens. Saul Panzer foi o primeiro a chegar e Wolfe pediu a Fritz que o conduzisse ao escritório. Ele entrou de chapéu na mão, piscou-me um olho, indagou da saúde de Wolfe, com um relancear de vista gravou na memória uma imagem imorredoura dos dois Frosts e depois, interrogativamente, apontou para Wolfe o nariz descomunal. Wolfe contou-lhe a história e falou-lhe acerca do objeto

que se pretendia descobrir. Helen Frost ensinou o caminho para Glennanne, partindo da vila de Brewster. Entreguei a Saul a autorização assinada e quarenta dólares para as despesas; ele puxou a velha carteira castanha onde guardou, cuidadosamente, o dinheiro e o papel. Wolfe deu ordem a Saul para tirar o automóvel da garagem e esperar em frente da casa a fim de levar Fred e Orrie, assim que chegassem.

— E, se encontrar a caixa — acrescentou Wolfe —, deixe o Fred a tomar conta da casa e volte de imediato para aqui, trazendo o objeto, que me pertence legalmente. E mais uma coisa: se certas pessoas aparecerem por lá pretendendo revistar a casa, não o permita, a não ser que apresentem um competente mandado judicial.

Saul retirou-se. Wolfe dirigiu-se à nossa nova cliente:

— Bem, Miss Frost, agora estamos associados num mesmo empreendimento. Necessito de factos. Vou fazer-lhe muitas perguntas tolas. Se alguma delas for sábia ou inteligente, a senhora não o saberá, mas esperemos que eu o saiba. Por favor, não perca tempo lamentando-se. Se eu lhe perguntar se a sua mãe lhe pediu recentemente para ir à farmácia da esquina comprar alguns comprimidos de cianeto de potássio, responda apenas que não e escute a pergunta seguinte. Uma vez, resolvi um caso difícil ao saber de uma jovem, interrogada por mim durante cinco horas, que lhe fora dado um jornal com um pedaço arrancado. Os seus inalienáveis direitos de privacidade ficam suspensos temporariamente. Compreende?

— Sim. Claro. Mas não me parece que eu saiba alguma coisa que o possa auxiliar...

— Talvez tenha razão. Vamos apenas tentar. Passaremos uma vista de olhos ao presente e depois reconstituiremos o passado. Devo dizer que, de facto, Mr. McNair contou-me algumas coisas ontem. Disponho, assim, de uma base para começar. Vejamos, por exemplo, o que pretendia dizer Mr. Gebert ontem ao declarar que a senhora era quase sua noiva?

Ela apertou os lábios, mas respondeu prontamente:

— Na verdade, não queria dizer nada. Ele... pediu-me, por diversas vezes, para me casar com ele.

— A senhora deu-lhe esperanças?

— Não.

— Alguma outra pessoa o encorajaria?

— Ora... quem poderia fazê-lo?

— Muita gente. A sua criada, o padre da igreja, um membro da sua família... não haveria ninguém?

Ela respondeu, depois de uma pausa:

— Não. Ninguém realmente o encorajaria. Conheço-o desde que existo, e a mamã conhecia-o antes do meu nascimento. Também o meu pai conhecia Gebert. Ele foi sempre... atencioso e divertido; sob certos aspetos, é uma pessoa interessante e gosto dele. Sob outros, porém, detesto-o extremamente. A mamã dizia-me que eu devia dominar a minha antipatia, contrabalançando-a com as qualidades boas de Gebert; disse-me que, sendo ele um velho amigo, eu não deveria ferir-lhe os sentimentos privando-o da minha amizade, que nenhum mal adviria se ele continuasse convencido de que tinha uma hipótese comigo, desde que eu não houvesse tomado uma decisão definitiva.

— E a atitude do seu tio? Mr. Dudley Frost. O curador dos seus bens.

— Oh, assuntos dessa natureza nunca os discuti com o meu tio. Mas sei qual seria a sua opinião. Não gosta de Perren.

— E Mr. McNair?

— Antipatizava com Perren mais do que eu. Exteriormente, eram amigos, mas... de qualquer modo, o tio Boyd não era homem de duas caras. Devo contar-lhe... Um dia, há um ano, mais ou menos, o tio Boyd chamou-me ao seu escritório e, quando entrei, encontrei lá Perren. O tio Boyd estava de pé, rosto pálido e resoluto. Perguntei-lhe o que havia e respondeu que somente me queria declarar, na presença de Perren, que qualquer influência que a sua amizade e afeto pudessem exercer sobre mim seria sempre contrária ao meu casamento com Perren. Fez essa declaração muito... solenemente, o que não era do seu hábito. Não me pediu que promettesse nada, ou coisa que o valha. Limitou-se a pronunciar aquelas palavras e pediu que me retirasse.

— E, apesar disso, Mr. Gebert insistiu em fazer-lhe a corte. Qual é a profissão de Mr. Gebert?

— Nenhuma. É um dos motivos por que antipatizo com ele. Não faz absolutamente nada.

— Ele tem algum rendimento?

— Não sei. Na realidade, a esse respeito não sei mesmo nada. Creio que tem... Ouvi dele vagas referências nesse sentido. Mora no Chesebrough e anda num automóvel.

— A senhora conheceu-o na Europa. Que fazia ele lá?

— Nada mais do que faz aqui, do que me recordo... É certo que eu era muito pequenina naquela época. Perren foi ferido na guerra, depois visitou-nos em Espanha, isto é, visitou a minha mãe, pois eu contava apenas dois anos de idade, e seguiu para o Egito connosco pouco depois, porém, quando prosseguimos para o Oriente, regressou...

— Um momento, por favor. — Wolfe franziu a testa. — Obedeçamos à cronologia. Parece ter havido uma grande reunião em Espanha; a julgar pelas derradeiras palavras de Mr. McNair, também ele foi a Espanha com a filha. Principiemos pelo começo da sua vida. A senhora nasceu, segundo me disse ontem, em Paris, no dia sete de maio de mil novecentos e quinze. O seu pai já se encontrava na guerra, integrado na Força Aérea Britânica, e foi morto quando a senhora contava apenas alguns meses de idade. Quando foi que a sua mãe a levou para Espanha?

— Em começos de mil novecentos e dezasseis. Ficou receosa de permanecer em Paris, por causa da guerra. Fomos primeiro para Barcelona, depois para Cartagena. Um pouco mais tarde, o tio Boyd e Glenna chegaram e reuniram-se a nós. Ele estava sem dinheiro, com a saúde abalada e a mamã... ajudou-o. Creio que Perren apareceu, não muito depois, em parte porque o tio Boyd lá se encontrava. Ambos tinham sido amigos do meu pai. Depois, em mil novecentos e dezassete, faleceu Glenna e logo a seguir o tio Boyd voltou para a Escócia e a mamã levou-me para o Egito, receosa de uma revolução ou algo semelhante em Espanha. Perren foi connosco. Estivemos no Egito uns dois anos, mais ou menos. Em mil novecentos e dezanove, quando eu tinha quatro anos, foi a minha mãe que me contou tudo isto, evidentemente, três ingleses foram mortos num motim, no Cairo, e a mamã resolveu partir. Perren regressou a França. A mamã e eu fomos

para Bombaim, depois para Bali, Japão e Havai. O meu tio, curador dos meus bens, insistia em que eu recebesse uma educação americana e, por isso, em mil novecentos e vinte e quatro, eu tinha então nove anos, partimos do Havai e viemos para Nova Iorque. Foi dessa época em diante que realmente conheci o tio Boyd; como é natural, não me recordava dele em Espanha, pois naquela altura contava apenas dois anos de idade.

— Mr. McNair tinha já o seu negócio de moda em Nova Iorque, quando a senhora aqui chegou?

— Não. Ele falou-me a respeito disso. Começou a desenhar para Wilmerding em Londres e, como foi muito bem-sucedido, tornou-se sócio da casa; depois, decidiu que Nova Iorque para ele seria melhor e para cá se mudou em mil novecentos e vinte e cinco, começando a trabalhar sozinho. Naturalmente, um dos seus primeiros cuidados foi procurar a mamã, que lhe prestou bons serviços, pois mantinha relações com muita gente; de qualquer modo, porém, ele triunfaria, pois tinha uma grande competência. Era um artista de verdadeiro talento. Paris e Londres principiaram a copiar-lhe os modelos. A gente nunca imaginaria, ao vê-lo, ao falar com ele...

Nesse momento, Fritz apareceu para anunciar o almoço. Os visitantes, depois de alguma hesitação, aceitaram o convite para partilhar a mesa connosco. Eram duas e meia quando a refeição chegou ao fim e voltámos para o escritório, onde Fritz serviu o café. Helen Frost telefonou para a mãe. Ao que parecia, do outro lado do fio explodiram enérgicos protestos maternos, pois Helen mostrou-se a princípio persuasiva, em seguida irritada e, por fim, completamente malcriada.

Wolfe recomeçou, voltando ao tema Perren Gebert, mas a primeira meia hora foi quase tempo perdido, pois o telefone causou frequentes interrupções. Dudley Frost telefonou para mandar o filho para o diabo. A seguir, veio um comunicado de Fred Durkin, informando que haviam tomado posse de Glennanne, onde não tinham encontrado ninguém, e que o serviço começara; o telefone da casa de campo estava fora de combate, por isso Saul mandara Fred à vila para transmitir a notícia. Um homem chamado Collinger telefonou, insistindo para falar com Wolfe; escutei e tomei nota do recado, como

sempre. Era o advogado de Boyden McNair e queria saber se Wolfe poderia comparecer, sem demora, no seu escritório para uma conferência a respeito do testamento. Ficou combinado que Collinger passaria pela Rua 35 na manhã seguinte. Pouco depois das três horas, o inspetor Cramer pôs-se em contacto connosco e informou que o seu exército realizava progressos uniformes em todas as frentes: isto é, não encontrara nada. Nem caixa vermelha, nem notícias sobre o objeto; nem esconderijo, nem sombra de uma pista em parte alguma; nos papéis de McNair não havia um só rabisco que pudesse implicar assassinio; nem rasto de um comprador de cianeto de potássio; nada, nada... E Cramer ficou pasmado ao saber que os jovens Frosts estavam no nosso escritório e que agora tínhamos por cliente não o rapaz mas a rapariga... Após todas essas interrupções, Wolfe retomou o fio da meada:

— Que dizia a senhora, Miss Frost? Ah, sim. Contava-me que Mr. Gebert chegou a Nova Iorque em mil novecentos e trinta e um. Você tinha dezasseis anos.

— Sim. Sabíamos que ele vinha, pois escrevera a avisar. Mas eu não me lembrava dele. A última vez que o vira tinha só quatro anos.

— Não teria ele vindo em missão política? Soube que era membro dos *Camelots du Roi*.

— Creio que não. Certeza não tenho... Mas acredito que não.

— Em todo o caso, pelo que a senhora sabe, ele não trabalha e isso não lhe agrada. Mas, indo a outro assunto: a senhora não acha um tanto singulares as disposições testamentárias do seu falecido pai?

— Bem... O que sei é que a mamã ficou amargamente ofendida com os termos do testamento do papá e julgo que tinha razões para isso. Houve um sério desentendimento entre eles, nunca soube o que foi, na época em que nasci. Não importa a gravidade da divergência... O facto é que ele nada deixou para a minha mãe. Nada, nem mesmo uma pequena renda.

— Sim. Toda a herança coube à senhora, sendo o seu tio Dudley, irmão de seu pai, o curador. Leu o testamento alguma vez?

— Uma vez, há muito tempo. Pouco depois de chegarmos a Nova Iorque, o meu tio deu-me a ler o documento.

— Com nove anos. O assunto não lhe teria merecido muita

atenção. Tanto melhor. Soube também que o seu tio foi investido de autoridade e poderes exclusivos, sem que a ninguém assista o direito de fiscalização, nem a senhora ou outra pessoa qualquer. Sendo assim, na realidade, a senhora não sabe quanto vai receber no dia do seu vigésimo primeiro aniversário; talvez sejam milhões e talvez não seja nada. Pode ser até que a senhora esteja a dever. Se...

Lew Frost interveio:

— Que quer insinuar? Quer dizer que o meu pai...

Wolfe explodiu:

— Não se meta! Não insinuo coisa alguma; apenas aduzo o facto de que a minha cliente ignora o montante dos seus bens. A herança pode ter aumentado; e pode ter-se esgotado. Miss Frost não sabe. Certo, Miss Frost? Bem. Já vamos acabar com isto. Vou deixá-los em breve. Perdoe-me mais duas perguntas sobre o testamento do seu pai: a senhora entrará na posse integral e administração dos seus bens no dia sete de maio?

— Sim.

— E caso venha a falecer antes de completar vinte e um anos, quem herda?

— Se eu fosse casada e tivesse um filho, o filho. Estando solteira, caberá metade a meu tio e a outra metade ao filho deste, o meu primo Lew.

— Com efeito. Nada para a sua mãe, então?

— Nada.

Wolfe consultou o relógio.

— Preciso de me retirar agora. Vou conviver com as orquídeas. E enquanto continuamos a marcar passo, à espera de que descubram a malfadada caixa vermelha, quero pedir um pequeno favor. Poderia a senhora convidar Mr. Goodwin para tomar chá em sua casa? E não seria possível que Mr. Gebert comparecesse também?

— Ele está lá em casa agora. Ou estava, pelo menos, quando telefonei à mamã. É claro... o senhor sabe... a mamã não aprova...

— Sei disso. Ela entende que a senhora veio mexer num ninho de vespas. O facto, porém, é que vespas são os da Polícia; a senhora evitou-os e ela não. Mr. Goodwin é um homem discreto e honesto, não desprovido de acuidade. Quero que ele converse com Mr. Gebert e

com a sua mãe também, se ela o permitir. Em breve chegará à maioridade, Miss Frost. Resolveu tentar um plano difícil e, talvez, perigoso; por certo, goza de consideração no seio da sua família e amigos íntimos. Se eles ignoram qualquer circunstância referente à morte de McNair, razões de sobra terão para reconhecê-lo e poupar-nos a tropeços no caminho que nos levará à elucidação do mistério. De modo que, se a senhora convidasse Mr. Goodwin para tomar uma chávena de chá...

Llewellyn disse asperamente:

— Julgo que o papá também lá se encontra e se demorará até voltarmos. Será muito inconveniente... Se a pessoa visada é Gebert, não seria melhor mandá-lo aqui? Ele fará tudo o que Helen pedir.

— É que nas próximas duas horas estarei ocupado com as minhas plantas.

Wolfe tornou a olhar o relógio e levantou-se da cadeira. A nossa cliente mordida o lábio. Depois, acabando com o nervosismo, fitou-me:

— Quer vir tomar chá connosco, Mr. Goodwin?

— Sim. Muito obrigado.

Wolfe, a caminho da porta, disse à jovem senhora:

— É um prazer fazer jus a honorários de uma cliente como a senhora. Espero, e acredito firmemente, que no fim não se arrependerá. — Retomou a marcha e, chegando ao limiar, voltou-se: — A propósito, Archie, se puder, tire aquele pacote que está no seu quarto antes de sair. Ponha-o em cima da minha cama.

Encaminhou-se para o elevador. Ergui-me, comuniquei à minha futura anfitriã que estaria de volta num instante, saí do escritório e subi as escadas. Não me detive no segundo andar, onde ficava o meu quarto, e continuei a subir, chegando pouco depois do elevador e da sua pesada carga. Wolfe aguardava-me à porta da estufa.

— A primeira ideia — murmurou ele — é observar as reações provocadas nos outros pelo regresso dos primos do meu escritório, antes que haja oportunidade para uma troca de informações. Outra ideia é tirar a limpo se algum deles viu a caixa vermelha alguma vez ou tem-na em seu poder agora. A terceira é uma vigilância acurada sobre as reticências durante a conversação.

Desci as escadas a correr e verifiquei que a nossa cliente pusera o

chapéu, o casaco e as luvas. O primo achava-se de pé, ao lado dela, com um ar destemido mas cético. Sorri para eles.

— Vamos, meus filhos.

CAPÍTULO XII

O apartamento dos Frosts na Rua 65 não era tão pomposo como eu esperava. Na sala de estar encontrámos várias pessoas. Dudley Frost ocupava uma cadeira a um lado, tendo ao alcance da mão uma mesa com uma garrafa de uisque, um jarro de água e dois copos. Perren Gebert, na extremidade oposta, perto de uma janela, estava de costas para a sala e com as mãos nos bolsos. Voltou-se no momento em que entrámos; a mãe de Helen veio ao nosso encontro, não dissimulando a surpresa ao ver-me.

— Oh! — exclamou ela. E, para a filha: — Você trouxe o...

Helen fez um sinal afirmativo.

— Sim, mamã. — A jovem conservava o queixo levantado, para evitar que a coragem lhe escapasse. — A senhora... já todos conheceram Mr. Goodwin. Ontem pela manhã... no teste da caixa de bombons realizado pela Polícia. Contratei Nero Wolfe para fazer investigações sobre a morte do tio Boyd e Mr. Goodwin trabalha para Nero Wolfe...

Dudley Frost berrou, da sua cadeira:

— Lew! Venha cá! Com todos os diabos, que absurdo...

Llewellyn precipitou-se para junto do pai, a fim de contê-lo. Perren Gebert aproximara-se de nós e sorria para mim.

— Ah! O sujeito que não gosta de cenas. Lembra-se, Calida, do que lhe contei? — Desviou o seu sorriso para Miss Frost. — Minha querida Helen, contratou Mr. Wolfe? Onde está a sua esperteza? Pode, então, alguém comprar tudo com dinheiro, mesmo a vingança?

Miss Frost murmurou:

— Cale-se, Perren. Não compro vingança. Mas contratei Mr. Wolfe, e Mr. Goodwin veio aqui e quer falar consigo.

— Comigo? — Perren encolheu os ombros. — A respeito de Boyd? Como é você quem pede, consinto; mas advirto que ele não deve ser muito otimista quanto ao que eu possa informar. A Polícia esteve aqui quase todo o dia e foi então que pude compreender como é pouco o que sei a respeito de Boyd, apesar de o conhecer há mais de vinte anos.

— Há muito que deixei de ser otimista — observei. — Tudo o que

o senhor disser será valioso. Pretendo conversar com a senhora também, Mrs. Frost. E com o seu cunhado. Tenho de tomar notas e sinto câibras quando escrevo de pé.

Mrs. Frost fez uma medida e voltou-se.

— Venha cá.

Adiantou-se para o lado da sala onde se encontrava Dudley Frost e acompanhei-a. As costas de Mrs. Frost eram graciosas. Ela era indiscutivelmente elegante para a idade. Llewellyn principiou a trazer cadeiras e Gebert também trouxe uma. Depois de nos sentarmos, puxei do caderno de notas e do lápis e observei que Helen conservava o queixo erguido, mas a mão não.

— O senhor deve compreender, Mr. Goodwin — disse Mrs. Frost. — É um acontecimento terrível, pavoroso, e todos nós éramos velhos amigos de Mr. McNair, motivo por que nos é penoso falar sobre o caso. Conheci Mr. McNair toda a vida, desde a infância.

— Sim. A senhora é escocesa?

Fez um gesto afirmativo.

— O meu sobrenome era Buchan.

— McNair contou-nos.

Ergui os olhos rapidamente do caderno de notas, um hábito contra a minha desvantagem de não poder manter o olhar fixo sobre a vítima. Ela, porém, não se deixava aterrorizar, apenas acenava novamente.

— Sim. Pelo que disseram os polícias, fiquei a saber que Boyden narrou a Mr. Wolfe boa parte dos começos da sua existência. Está visto que o senhor tem a vantagem de saber o que foi que ele disse a Mr. Wolfe. Eu sabia, naturalmente, que Boyden não estava bom... dos nervos...

— Ele estava reduzido ao que se pode chamar uma ruína — observou Gebert. — Num estado deplorável. Eis porque declarei à Polícia que ainda se comprovará que foi suicídio.

— O homem estava louco — resmungou Dudley Frost. — Foi o que eu disse ontem! Deu instruções ao advogado para exigir um balanço do espólio de Edwin! Com que direito? Por ser padrinho de Helen? Absolutamente fantástico e ilegal! Sempre fui de opinião que ele estava louco...

Isto deu origem a uma balbúrdia generalizada. Mrs. Frost protestava com convicção, Llewellyn com uma irritação velada de respeito e Helen com uma explosão de nervosismo. Perren Gebert contemplava-os, depois olhou-me e fez um gesto com a cabeça, como se ambos compartilhássemos de um divertido segredo; por fim, acendeu um cigarro. Pela minha parte, não tentei interrompê-los, limitei-me a observar a cena e a escutar. Dudley Frost não cedia terreno:

— ... louco, demente! Porque não haveria de ser suicídio? Helen, minha querida, adoro-a, você sabe muito bem, mas recuso-me, só para lhe ser agradável, a jurar respeito àquele pateta, pelo simples motivo de já não viver! Quanto ao facto de você trazer esse homem aqui...

Interrompi-o:

— A melhor maneira de resolvermos isto, para todos, é eu fazer umas perguntas tolas que podem ser respondidas sucintamente e, talvez até, honestamente. — Dirigi-me a Perren Gebert: — O senhor foi o primeiro a mencionar o suicídio. Que motivos teria McNair para se matar?

Gebert encolheu os ombros.

— Um motivo específico? Não sei. Ele andava muito atacado dos nervos.

— Sim. Tinha uma dor de cabeça crónica. Que diz, Mrs. Frost? Acha que ele tinha algum motivo para se suicidar?

— O senhor formula a pergunta de um modo um tanto impertinente. Não é? Se quer indagar se sei de um motivo concreto que levasse Boyden a suicidar-se, a resposta é... não.

— Acredita que foi suicídio?

Frost franziu a testa.

— Não sei o que dizer. Se penso no suicídio, é só porque conhecia Boyden intimamente, e porque é ainda mais difícil acreditar que havia alguém... que alguém o matou.

— Aqui ninguém ignora — disse, contemplando os circunstantes — que McNair morreu no escritório de Nero Wolfe. A senhora sabe que Wolfe e eu estávamos lá e, naturalmente, sabemos do que nos falava ele e como se sentia. Nero Wolfe já chegou a uma ou duas conclusões sobre este caso e a primeira é que McNair não se matou. A hipótese de

suicídio está excluída. De modo que, se tinham ideia de que essa hipótese fosse aceitável, agora ou depois, podem perder a esperança. Procurem outra. Quanto a mim, já ouvi o suficiente para saber que possuem informações importantes que não querem deixar transparecer, e estão cientes de que não ignoro isso. E notem as puerilidades que me disseram! Boyden McNair tinha uma dor de cabeça, por isso compareceu no escritório de Nero Wolfe para se envenenar! Deviam ao menos ter a polidez de me declarar com franqueza que se negavam a discutir o assunto, no qual não se querem envolver, se o puderem evitar, e depois então avançaríamos com os que estão diretamente envolvidos. — Apontei com o lápis para o nariz fino e comprido de Perren Gebert: — O senhor, por exemplo. Sabia que Dudley Frost pode dizer-nos onde está a caixa vermelha?

Concentrei a atenção em Gebert, mas como Mrs. Frost se achava a curta distância, à esquerda dele, pude também observá-la com o rabo do olho. Para Gebert, foi um choque indisfarçável. Virou o rosto a fim de mirar Dudley Frost, depois olhou para mim novamente. Mrs. Frost também desviou o olhar, observou Gebert e depois recaiu na primitiva fixidez. Dudley Frost resmungou:

— Que história é essa? Qual caixa vermelha? Aquela asneira do testamento de McNair? Com todos os diabos, você enlouqueceu também? Atreve-se a...

Sorri para ele.

— Contenha-se. Não afirmei nada. Sim, é o objeto que McNair legou a Wolfe. Está em seu poder?

Dudley voltou-se para o filho e rosnou:

— Nego-me a falar com ele.

— Está bem. Mas a verdade é que sou seu amigo. Faça-lhe uma advertência. Sabe que o procurador do Ministério Público tem poderes para lhe exigir uma prestação de contas sobre o espólio do seu irmão? Já ouviu falar em mandado judicial para buscas domiciliárias? Acredito que, quando os polícias, munidos desse documento, chegaram ao seu apartamento hoje à tarde, a fim de procurar a caixa vermelha, encontraram lá uma criada para abrir-lhes a porta. Ela não lhe telefonou? E é claro que, ao procurar a caixa, os guardas tiveram ocasião de bisbilhotar tudo o que existe na casa. Talvez eles ainda não

tenham chegado; podem estar a caminho agora. E não vá depois descompor a criada, que ela não pode evitar...

Dudley Frost ergueu-se de um pulo.

— Não é possível... seria um ultraje...

— Sem dúvida. Não lhe afirmo que os polícias tenham procedido dessa forma, digo-lhe apenas que num caso de homicídio eles farão tudo...

Dudley Frost atravessou a sala.

— Vamos, Lew... Por amor de Deus, vamos ver se...

— Mas, papá, eu não...

— Vamos, já disse! Você não é meu filho? — Chegando à extremidade da sala, voltou-se. — Obrigado pelo refresco, Calida; avise-me se houver alguma coisa que eu possa fazer. Lew, diabos, vamos! Helen, minha querida, você é uma parvinha, sempre o afirmei. Lew!

Saíram ambos e Helen aproveitou o ensejo para abandonar a sala também. Saiu por uma porta à direita, não para o *hall*, e fechou-a atrás de si. Após aquela confusão, Gebert contemplou-me com um vago sorriso:

— O senhor também se retira agora, não?

— Talvez. — Eu ainda tinha na mão o caderno de notas aberto. — Devem compreender que Wolfe e eu estamos a trabalhar. Isto para nós não é um passatempo, é o ganha-pão. — Encarei Mrs. Frost: — Como a senhora sabe, talvez descubram a caixa vermelha na casa de Dudley Frost. Até que ponto isto a afetaria?

— Truques estúpidos e absurdos — respondeu.

— Sim, acredito. Mas a Polícia talvez não seja da mesma opinião. Por exemplo, a Polícia acredita que a senhora sabe onde está a caixa vermelha. A senhora não ignora, é lógico, que a caixa é propriedade de Nero Wolfe; é um legado de McNair. Na verdade, gostaríamos de possuí-la, apenas por curiosidade.

Gebert, depois de me escutar polidamente, fitou Mrs. Frost. Sorriu para ela:

— Veja, Calida, ele acredita realmente que sabemos alguma coisa. É bastante sincero acerca disso. A Polícia também. A única maneira de nos livrarmos deles é ceder. Porque não haveremos de contar-lhes

alguma coisa? Eles querem informações a respeito de Boyd e é indiscutível que temos informações, às carradas. — Fitou-me. — Está a taquigrafar a conversa nesse caderno? Muito bem. Tome nota: McNair era um inveterado roedor de unhas, gostava mais de licores que de conhaque. Morreu-lhe a esposa no parto porque ele teimava em ser artista e era demasiado pobre e incapaz de proporcionar à mulher os cuidados adequados. O quê, Calida? Mas o rapaz quer factos! Edwin Frost, de uma feita, pagou a McNair dois mil francos, naquele tempo, quatrocentos dólares, por um dos seus quadros e no dia seguinte vendeu-o a uma florista por uma violeta, não por um ramalhete, mas por uma única violeta. McNair deu à filha o nome de Glenna, que significa «vale», porque ela emergiu do Vale da Morte, uma vez que a mãe morreu ao dar à luz: um pouco de diversão calvinista. Coração sensível, lá isso era Boyd! Mrs. Frost era a sua mais velha amiga e uma vez salvou-o do desespero e da penúria; contudo, quando se tornou um reputado figurinista e estilista de moda feminina, em geral cobrava a Mrs. Frost os mais altos preços por tudo o que ela comprava. E nunca...

— Perren! Cale-se!

— Minha prezada Calida! Calar-me quando apenas comecei? Demos ao rapaz o que ele quer e ele deixar-nos-á em paz. É uma pena que não lhe possa dar a caixa vermelha; na verdade, Boyd deveria ter-nos falado a respeito disso. Compreendo, porém, que o principal interesse do rapaz é sobre a morte e não sobre a vida de Boyd. Nesse aspeto, posso ser prestimoso também. Sabendo perfeitamente bem como Boyd viveu, decerto teria de saber como morreu. Na realidade, ao receber a notícia da sua morte na noite passada, lembrei-me de uma citação de Norboisin. A menina Denise sussurra ao expirar: *«Au moins, je meurs ardemment!»* Não poderia Boyd ter pronunciado essas mesmas palavras, Calida? Claro! Com a diferença de que Denise applicava o advérbio a si mesma, ao passo que Boyd o empregaria referindo-se à pessoa...

— Perren! — Desta vez não foi um protesto, mas uma ordem. O tom de voz e o olhar de Mrs. Frost gelaram Gebert, reduzindo-o ao silêncio. — Ela observou-o e disse: — Você é um tolo tagarela. Tem coragem de brincar com isto? Só um tolo brinca com a morte. —

Voltou-se para mim: — O senhor pode retirar-se. Nada tenho a dizer, além do que já disse à Polícia. Se lhe agradam as farsas de Mr. Gebert, deixo-o na companhia dele.

— Não, não me agradam muito. — Enfiei no bolso o caderno de notas. — De qualquer modo, tenho um compromisso, na baixa da cidade, para interrogar uma parede. Está no papo! Passem bem!

Ao que parecia, estavam revogadas as regras de etiqueta, de modo que procurei sozinho a saída e o elevador. Tinha de tomar um táxi a fim de voltar para casa, pois viera no carro da cliente. Eram seis horas quando cheguei. Encontrei Wolfe sentado à secretária, com um livro, *Os Sete Pilares da Sabedoria*, de T. E. Lawrence, que já lera duas vezes. Atirei sobre a escrivaninha o caderno de notas, e sentei-me. Pouco depois, Wolfe agarrou na delgada fita de ébano que usava para marcar as páginas, inseriu-a no livro, que fechou e afastou para um lado; tocou a campainha pedindo cerveja. Depois, recostou-se na cadeira e perguntou:

— Passou uma tarde agradável, Archie?

— O tal chá foi um inferno — resmunguei. — O único que sabia alguma coisa era Dudley Frost e, como não estava inclinado a deixar que alguém partilhasse do seu conhecimento, mandei-o para casa. A única novidade sensacional que descobri é que só um tolo graceja com a morte. Que acha disso?

Wolfe ficou sisudo.

— Conte-me.

Li-lhe as minhas notas, preenchendo as lacunas com a ajuda da memória. Chegou a cerveja de Wolfe, que cumpriu o seu destino. Concluindo, arremessei o caderno de notas sobre a escrivaninha, virei-me e abri a gaveta de baixo, sobre a qual descansei os pés.

— Eis a colheita. Está ensacada. Por onde devo começar?

— O seu francês nem sequer é engraçado. Procure nas suas notas a farsa de Mr. Gebert. A passagem em que citou Norboisin: leia a frase.

Li todo o parágrafo, a começar por «Minha prezada Calida». Perguntei-lhe se queria que repetisse.

— Não, obrigado — respondeu Wolfe. — E Mrs. Frost chamou-lhe «tagarela». Foi pena eu não estar presente, para lhe observar o tom de voz e os olhos. Mr. Gebert foi realmente sardónico ao dizer-lhe, com

tantas palavras, quem matou Mr. McNair. Foi uma mentira para se mostrar provocador? Ou a verdade para exibir a sua perspicácia? Ou uma conjectura para exercitar a própria subtileza? Opto pela segunda hipótese. De facto. Bate certo com as minhas suposições, mas isso não o poderia ele saber. Assegurada a descoberta do assassino, que podemos fazer, c'os diabos? Provavelmente, não haveria paciência que chegasse. Se Mr. Cramer deita a mão à caixa vermelha e resolve agir sem a minha participação, é capaz de apagar por completo a fagulha, deixando-nos com um combustível que não arde. — Bebeu a cerveja, depôs o copo sobre a secretária e enxugou os lábios. — Archie, precisamos da malfadada caixa.

— Sim. Vou já buscá-la. Antes, porém, diga-me, apenas para meu deleite, quando foi, exatamente, que Gebert nos declarou quem foi que matou McNair? Dar-se-á o caso de você estar a falar somente pelo prazer de ouvir as suas próprias palavras?

— Claro que não. Mas não é evidente? Ah, mas eu estava a esquecer-me... você não sabe francês. *Ardemment* quer dizer «ardentemente». A tradução da frase citada é: «Ao menos, morro ardentemente.»

— Verdade? — Arregalei os olhos. — Que diabo quer você dizer?

— Sim. E portanto... mas esqueci-me de novo. Você não sabe latim. Sabe?

— Sei, mas não tenho prática. Também não sou forte no chinês. — Eu queria fazer troça, mas não sabia bem de quê. — Talvez devamos entregar este caso à Escola de Línguas Heinemann. A citação de Gebert fornece-nos provas também, ou precisamos de arranjá-las?

Trocei de mais. Wolfe apertou os lábios e contemplou-me sem benevolência. Recostou-se na cadeira.

— Algum dia, Archie, serei obrigado a... Mas não! Não posso mudar o universo e tenho de me contentar com este. As coisas são como são, inclusive você. — Suspirou. — Deixemos o latim de lado. Informações para você anotar: telefonei esta tarde a Mr. Hitchcock, de Londres, e solicitei-lhe que mandasse um homem à Escócia para conversar com a irmã de Mr. McNair, e que remetesse instruções ao seu representante em Barcelona ou Madrid para examinar certos documentos na cidade de Cartagena. Isto representa um dispêndio de

várias centenas de dólares. Não recebi novas notícias de Saul Panzer. Precisamos da caixa vermelha. Para mim já se tornara evidente quem matou Mr. McNair, e por que motivo, antes de Mr. Gebert se dar ao desfastio de lhe prestar a informação; na verdade, ele não nos ajudou em nada e está claro que não tinha mesmo intenção de ajudar. A questão, porém, é que um facto sabido nem sempre é demonstrável. Irra! Por favor, tire uma cópia datilografada dessa declaração de Mr. Gebert, enquanto está bem viva na memória; é de crer que iremos precisar dela.

Pegou no livro, novamente. Procurou a página marcada e mergulhou na leitura até à hora do jantar. Quando acabámos de tomar o café, o relógio marcava nove horas e voltámos ao escritório. Wolfe retomou o fio da leitura. Sentei-me à escrivaninha com o relatório das plantas. Às nove e meia o telefone tocou. Atendi. Era Fred, falando de Brewster. Wolfe empunhou o auscultador da sua secretária e respondi a Fred que podia falar. Abri o caderno de notas.

— Mr. Wolfe? Aqui fala Fred Durkin. Saul mandou-me à vila para telefonar. Não encontrámos a caixa vermelha, mas surgiu uma pequena surpresa. Terminada a busca no interior da casa, onde tudo foi revistado, começámos o trabalho no terreno. É a pior época do ano, pois o degelo da primavera forma um lodaçal medonho. Quando escureceu, continuámos a trabalhar à luz das lanternas; foi então que vimos o clarão dos faróis de um automóvel que descia a estrada, e Saul mandou-nos apagar as lanternas. A estrada é má e muito estreita e não permite grandes velocidades. O carro passou o portão e deteve-se na álea da entrada. Tínhamos levado o *sedan* para a garagem. Apagaram-se os faróis, o motor parou de funcionar e um homem desceu. Vinha sozinho, de modo que ficámos quietos, atrás de uns arbustos. Encaminhou-se para uma janela, alumiou-a com uma lanterna, tentando abri-la. Orrie e eu ficámos entre o homem e o carro. Saul avançou para ele e perguntou-lhe porque não se dirigia à porta. O homem manteve-se calmo e respondeu que se esquecera da chave; depois, declarou que não sabia que vinha interromper outras pessoas e fez menção de se retirar. Saul reteve-o e disse que era melhor entrarem para tomar um copo e conversar um pouco. O sujeito deu uma risada, disse que estava de acordo e entrou na casa com Saul.

Orrie e eu entrámos em seguida, acendemos as luzes e sentámo-nos. O nome do sujeito é Gebert, G-E-B-E-R-T, um indivíduo moreno, alto e magro, de nariz fino...

— Sim, conheço o homem. Que disse ele?

— Não disse coisa nenhuma. Fala mas não diz nada. Declarou que era amigo de McNair e que na casa havia algumas coisas que lhe pertenciam e julgou que poderia ir lá buscá-las. Não ficou assustado nem perturbado. Não parou de sorrir. Saul enviou-me para perguntar o que devemos fazer com ele...

— Libertem-no. Que mais podem fazer?

— Pois, estávamos na companhia do Gerbert há uns dez ou quinze minutos, quando ouvimos outro barulho à frente da casa. Saí para ver o que era. Dois automóveis tinham parado junto do portão. Os homens apearam-se e entraram no pátio onde eu me achava. Vi uniformes da Polícia Estatal. Dei um grito para avisar Saul que fechasse a porta. Sabe quem eram os homens? Calcule! Rowcliff, o raio daquele tenente da Brigada de Homicídios, três outros detetives, dois agentes da Polícia Estatal e um sujeitinho de óculos que se intitula ajudante do procurador do Ministério Público na comarca de Putnam. Parece que eles iam à procura da tal caixa vermelha. Dirigiram-se para a porta e pretenderam entrar. Saul deixou Orrie de guarda à porta, foi a uma janela e falou com eles pela vidraça. É lógico que exigiu o mandado judicial para busca na casa e os homens não o tinham. Houve uma longa conversa, depois os polícias disseram que podiam entrar porque Saul invadira propriedade alheia. Saul colocou contra a vidraça o papel assinado por Mr. Wolfe e eles alumiarão com uma lanterna e leram. Houve mais conversa e depois Saul mandou-me à vila para lhe telefonar. Eu não podia tirar o *sedan* da garagem porque o carro de Gebert achava-se na álea da entrada e os dos polícias obstruíam o portão. Rowcliff meteu-me no seu automóvel e viemos ambos a Brewster. A distância é de cinco quilómetros apenas. Deixámos os outros à espera no alpendre. Estou na cabina telefónica de um restaurante e Rowcliff encontra-se num bar aqui perto a telefonar para a Polícia.

— E Rowcliff sabe que Gebert se encontra lá?

— Não. Se Gebert não gosta de polícias, não quererá sair, é claro.

Que fazer? Atirá-lo à rua? Deixar que os polícias entrem? Não podemos sair e escavar, tudo o que podemos fazer é estar sentados e ver Gebert sorrir.

— Um momento. — Voltei-me para Wolfe: — Parece que tenho de fazer uma viagem de automóvel, não?

Ele encolheu os ombros. Por fim, fez um gesto afirmativo e eu disse a Fred:

— Regresse. Fique com Gebert e não deixe os outros entrarem. Seguirei para lá assim que for possível.

CAPÍTULO XIII

Quando cheguei a Glennanne, parei o *roadster* junto dos dois automóveis mal estacionados à beira da estrada. Lancei a cabeça para fora e bradei:

— Venham tirar estes trambolhos do caminho! Este carro está a bloquear o portão e preciso de entrar.

Uma voz mal-humorada berrou do alpendre:

— Quem é você?

— Sou Haile Selassie — retruquei. — Está bem, eu mesmo vou desobstruir o caminho. Se houver estragos, depois não se queixem.

Saí do *roadster* e entrei no outro carro, uma viatura policial, aberta e de capota descida. Ouvi e vi indistintamente, no meio da sombra, dois indivíduos saírem do alpendre, encaminhando-se para a pequena álea. Saltaram a vedação. O da frente estava de uniforme e o outro concluí que era o meu velho amigo tenente Rowcliff. O da Polícia Estatal, com muita severidade, pretendeu assustar-me ingenuamente:

— Salte daí, camarada. Se fizer andar esse carro, amarro-o num nó.

— Não amarra — repliquei. — Compreende? É um equívoco. O meu nome é Archie Goodwin, sou representante de Mr. Nero Wolfe, tenho direitos sobre a casa e você não. Se alguém encontra um carro a obstruir a portão da sua própria casa, tem o pleno direito de afastá-lo do caminho, e é o que vou fazer; se tentar impedir-me, pode dar mau resultado, pois sou louco como o diabo.

Rowcliff resmungou:

— Está bem, saia que nós tiramos o carro do caminho. — Murmurou para o polícia: — É melhor também você tirar o carro. Este sujeito nunca foi domado.

O polícia abriu a porta. Apeei-me e voltei para o *roadster*. O polícia moveu o carro para a frente, para a estrada, depois estacionou novamente para lá do portão. As luzes do meu *roadster* incidiam sobre ele. Pus o motor a funcionar, atravessei o portão e parei atrás de um automóvel que reconheci ser o de Gebert. Apeei-me e dirigi-me ao alpendre da casa. Um magote de homens estavam lá sentados. Quando me aproximei, um deles fez um movimento brusco e projetou-me em pleno rosto a luz de uma lanterna. Rowcliff e o polícia chegaram e

pararam nos degraus da entrada.

— Quem é o chefe deste grupo? — indaguei. — Sei que não é você, Rowcliff, pois estamos fora dos limites da cidade. Quem é que possui o direito de se meter aqui numa propriedade particular?

Os homens entreolharam-se. O da Polícia Estatal avançou o queixo e perguntou:

— E você tem?

— Sabe muito bem que tenho. Já viu um papel assinado pelo testamenteiro do espólio a que pertence esta casa. Trago outro aqui no bolso. Bom, vamos, quem é o chefe? Quem é o responsável por este atentado?

Ouvi um cacarejar no alpendre vindo de uma sombra a um canto. Olhei para o lado de onde partia a voz.

— Oh, Fred! Que faz você aqui fora, ao frio?

Fred avançou devagar na minha direção.

— Não quisemos abrir a porta porque estes tipos podiam pensar que...

— Pensar, para eles, é uma impossibilidade! — vociferei. — Está bem, ninguém é responsável, não é assim? Fred, chame o Saul...

— Assumo a responsabilidade! — Ergueu-se um homenzinho e pude ver-lhe os óculos. — Sou o adjunto do procurador do Ministério Público nesta comarca. Temos o direito legal...

— O senhor tem o direito legal de ir para casa dormir. Possui um mandado judicial, uma procuração ou mesmo uma mortalha de tabaco?

— Não, não houve tempo...

— Então, cale-se. — Voltei-me para Rowcliff e para o polícia. — Pensam que sou teimoso? Não, apenas estou indignado, e com razão. É preciso ter coragem para chegar a uma casa particular em plena noite e pretender invadi-la, sem qualquer prova de que no interior existam pessoas ou factos delituosos. Que querem? A caixa vermelha? É propriedade de Nero Wolfe e, se estiver dentro dessa casa, colocá-la-ei no bolso e levá-la-ei comigo; e não se ponham com brincadeiras porque sou muito sensível ao contacto de outras pessoas.

Passei pela frente dos homens, subi os degraus do alpendre e acerquei-me da porta, à qual apliquei umas pancadas secas.

— Venha cá, Fred. Saul!

Ouvi uma voz no interior da casa:

— Olá, Archie! Tudo bem?

— Claro! Tudo bem. Abra a porta! Mantenha-se por perto, Fred!

O grupo erguera-se e aproximara-se de nós um pouco. Ouvi correr a lingueta da fechadura. A porta abriu-se de repelão e um retângulo de luz projetou-se no alpendre. Saul saiu com Orrie na retaguarda. Enfrentei o grupo:

— Ordeno-lhes que abandonem esta propriedade. Todos. Por outras palavras, desapareçam, depressa. Agora, procedam como bem ou mal entenderem; fica, porém, registado para menção futura que aqui se encontram ilegalmente. Isto de se instalarem neste alpendre constitui para nós uma ofensa, mas, se tentarem entrar, agravá-la-ão. Recue, Saul. Vamos, Fred.

Entrámos. Saul fechou a porta à chave. Olhei em torno. Vi móveis rústicos. Belas e largas cadeiras, assentos com almofadas, uma enorme e pesada mesa de madeira. Numa extremidade, o fogo crepitava numa vasta lareira. Perguntei a Saul a meia-voz:

— Onde puseram o homem?

Saul indicou uma porta.

— Na outra sala. Lá não há luz.

— Existe outra porta?

— Uma, nos fundos. Escorámo-la.

— Muito bem. Você e Fred fiquem aqui. Orrie, venha comigo.

Orrie arrastou-se para a frente e conduzi-o à outra sala. Fechada a porta atrás de nós, mergulhamos no silêncio e na treva; vagamente, porém, percebiam-se os quadrados das janelas e, ao cabo de alguns segundos, entrevi um vulto numa cadeira.

— Comece a cantar! — pedi a Orrie.

— Com todos os diabos, estou com fome de mais para cantar! — resmungou Orrie.

— Cante, seja lá como for. Se por acaso algum dos polícias resolver colar o ouvido à janela, convém que ouça alguma coisa. Cante!

— Mas como é que eu vou cantar assim no escuro...?

— Ora bolas! Canta ou não canta?

Orrie compôs o peito e começou a gorjear. Possuía uma bela voz.

Aproximei-me do vulto na cadeira e disse-lhe:

— Sou Archie Goodwin. Conhece-me?

— Sem dúvida. É o rapaz que não gosta de cenas.

— Exatamente. É o motivo por que me encontro aqui, quando devia estar na cama. Porque veio cá?

— Vim buscar o meu guarda-chuva que aqui esqueci no outono passado.

— Ah! Esqueceu. Encontrou-o?

— Não. Com certeza alguém o levou.

— É de lamentar. Escute um momento. Lá fora, no *hall*, acha-se um batalhão da Polícia Estatal, detetives de Nova Iorque e um adjunto do procurador do Ministério Público de Putnam. Gostaria de contar-lhes a história do seu guarda-chuva?

Percebi que o vulto encolheu os ombros.

— Se isso lhes proporcionar algum prazer... Não creio que saibam onde está o guarda-chuva.

— Compreendo. Julga-se perfeitamente livre, hein? Sem um só motivo de apreensão. Nesse caso, porque está sentado aqui sozinho, no escuro? Um pouco mais alto, Orrie!

Gebert encolheu os ombros novamente.

— O seu colega pediu-me que viesse para aqui. Foi muito gentil comigo, quando tentei abrir uma janela porque não trazia chave.

— E por isso quis ser gentil com ele. É bondade extrema da sua parte. Então não se importa que eu traga os polícias aqui e lhes diga que o encontrámos a tentar arrombar a casa?

— Para mim é indiferente, com efeito. — Não podia ver-lhe o sorriso, mas adivinhava-o. — Eu não estava a arrombar a casa, apenas experimentava uma janela.

Endireitei o corpo, desgostoso. Não me oferecia uma só oportunidade para lhe propor um acordo, e mesmo que a sua atitude fosse mera impostura era bastante sardónico para persistir. Orrie parou de cantar e ordenei-lhe que continuasse. Estavam más as condições para uma negociação. Tornei a inclinar-me sobre Gebert.

— Escute, Gebert. Sabemos tudo a seu respeito, eu e Nero Wolfe, mas queremos dar-lhe uma oportunidade. É meia-noite. Eis o plano: permitirei que os polícias entrem e procurem a caixa vermelha onde

quiserem. Sei que não a encontrarão. Você é um dos meus companheiros. O seu nome é Jerry. Deixaremos Fred, Orrie e Saul aqui, sairemos no meu carro e voltaremos para Nova Iorque. Você pode dormir em casa de Wolfe: há uma cama excelente no quarto que fica por cima do meu. A vantagem é você poder estar lá amanhã cedo para ter uma conversa com Wolfe. Parece-me um bom programa.

Pude vê-lo abanar a cabeça.

— Moro em Chesebrough. Obrigado pelo convite, mas prefiro dormir na minha própria cama.

— Muito bem. Você é louco. Decerto possui inteligência suficiente para compreender que terá de entrar em explicações com alguém sobre esta sua viagem de noventa quilómetros para escalar uma janela em busca de um guarda-chuva. Conhecendo Wolfe e conhecendo a Polícia, limito-me a aconselhar que se explique com o primeiro e não com a segunda. Não tenho em mente destruir a sua ousadia, que aprecio e considero atraente, mas não pense que ficarei aqui a fazer-lhe rogos a noite inteira. Daqui a dois minutos começarei a ficar impaciente.

Gebert encolheu os ombros mais uma vez.

— Confesso que não gosto da Polícia. Saio daqui consigo, incógnito. É isso?

— É isso.

— Muito bem. Irei.

— Pernoitar em casa de Wolfe?

— Já disse que sim.

— É a melhor decisão que poderia tomar. Não se preocupe com o seu automóvel; Saul cuidará dele. O seu nome é Jerry. Porte-se como um bruto e ignorante, tal como eu ou qualquer outro detetive. Muito bem, Orrie, pode parar com a cantiga. Vamos! Vamos, Jerry!

Abri a porta que comunicava com a sala iluminada e os dois seguiram-me. Reuni Saul e Fred e expliquei-lhes, resumidamente, a estratégia e, quando Saul levantou objeção à entrada dos polícias, concordei com ele sem discutir. O nosso trio deveria recomençar a busca na manhã seguinte e naquele intervalo precisava de dormir um pouco. Ficou combinado que não se permitiria a entrada a ninguém, proibindo-se escavações no terreno por pessoas estranhas. Fred iria à

vila pela manhã, a fim de comprar provisões e telefonar para o escritório. Dirigi-me à janela, coleí o nariz na vidraça e verifiquei que o grupo ainda se achava reunido nos degraus da escada. A um gesto meu, Saul abriu a porta e Gebert e eu saímos para o *hall*. À nossa retaguarda, Saul, Fred e Orrie alinhavam-se na soleira da porta. Fizemos a maior algazarra possível.

— Tenente Rowcliff? Ah, ei-lo! Jerry Martin e eu vamos voltar para a cidade. Deixo três homens aqui e eles continuam a preferir a inviolabilidade do domicílio. Precisam de dormir um pouco e os senhores também. Por simples favor, informo-o com sinceridade, que nem Jerry nem eu temos connosco a caixa vermelha, de modo que não vale a pena mostrarem os dentes. Muito bem, Saul; feche a porta e um de vocês deve ficar acordado, de sentinela. — Fechou-se a porta, o alpendre ficou novamente no escuro e voltei-me: — Vamos, Jerry! Se alguém o empurrar, aplique-lhe uma alfinetada.

No exato momento em que a porta se fechou, alguém fez um movimento, acendeu uma lanterna elétrica e focou o rosto de Gebert. Tomei-lhe o braço para arrastá-lo a toda a pressa, mas sobreveio um rebuliço à nossa frente e um vozeirão articulou:

— Agora não precisam de correr.

Um gigante achava-se diante de Gebert, iluminando-o com a lanterna. Tornou a falar:

— Olhe aqui, tenente, olhe este Jerry. Jerry uma gaita! É aquele sujeito que estava no apartamento dos Frosts, quando lá compareci com o inspetor, hoje de manhã. O nome dele é Gebert e é um amigo de Mrs. Frost.

Dei uma risadinha abafada.

— Não o conheço, cavalheiro, mas o senhor deve ser estrábico. Ou talvez sejam efeitos do ar campestre. Vamos, Jerry.

Não fomos. Rowcliff, os outros detetives e os polícias, barraram todos o caminho.

— Para trás, Goodwin — disse Rowcliff. — Você conhece Bill Northrup e sabe que ele de estrábico não tem nada.

— Tem a certeza, Bill?

— Absoluta. É Gebert.

— Não me diga. Mantenha a luz sobre ele. Que história é essa, Mr.

Gebert? Anda a querer enganar Mr. Goodwin, dizendo-lhe que se chama Jerry Martin? Hein?

Fiquei de boca fechada. Por um acaso infeliz, apanhava esta bofetada e nada mais tinha a fazer senão aguentar. Associara Gebert à complicação; mas ele, com aquela luz a incidir-lhe em cheio no rosto e aquele bando de gorilas a apontar-lhe as mandíbulas, sorria como se lhe perguntassem se preferia beber leite ou limonada.

— Não quis enganar Mr. Goodwin, de forma nenhuma — retrucou Gebert. — E como o poderia enganar? Ele conhece-me.

— Ah, conhece-o! Então posso discutir com Mr. Goodwin essa ideia de Jerry Martin. O senhor, porém, pode dizer-me o que fazia aqui na casa de McNair. Encontraram-no aqui, hein?

— Se me encontraram? — Gebert mostrava-se cortês mas um pouco aborrecido. — Claro que não. Trouxeram-me. A pedido deles, vim para mostrar-lhes o lugar onde julguei que McNair teria escondido a caixa vermelha que procuravam. Mas em vão; a caixa não estava lá. Depois, chegaram os senhores. A seguir, chegou Mr. Goodwin. Este pensou que seria mais agradável se os senhores ignorassem que eu viera prestar auxílio, e sugeriu que devia converter-me em Mr. Jerry Martin. Não vi motivos para recusar.

— Mas o senhor — resmungou Rowcliff — não mencionou esta casa ao inspetor Cramer hoje pela manhã, quando lhe perguntou se o senhor tinha ideia de algum sítio onde pudesse estar a caixa vermelha. Não foi?

Gebert deu uma engenhosa resposta a essa e às demais perguntas; escutei-as sem muito interesse. Ocupava-me a realizar um balancete. Subtraí-me à conversa porque Gebert tinha inteligência de sobra para a conduzir da melhor forma. Naturalmente, julgava ele que eu secundaria a sua história por querer levá-lo indemne à presença de Nero Wolfe. Comecei a pensar, porém, que talvez não valesse a pena. Afigurava-se-me bastante duvidoso que Wolfe pudesse obter alguma vantagem de Gebert. E, se o resultado fosse negativo, daríamos a Cramer mais um motivo de queixa e decepção, sem nos restar um consolo. Sabia que me expunha a um grave risco, pois, se Gebert assassinara McNair, ali estava uma ótima oportunidade para lhe arrancarem uma confissão na Polícia, e o nosso caso iria por água

abaixo. Mas eu não era Wolfe, pois tinha a desvantagem de não saber se Gebert era culpado. Enquanto me entregava a esses pensamentos, escutava com um ouvido o diálogo em que Gebert derrotava Rowcliff nitidamente, realizando um magnífico trabalho. Gebert encaminhara o assunto de tal forma que agora ele e eu poderíamos, se quiséssemos, entrar no automóvel e partir, sem haver mesmo necessidade de tirarem as nossas impressões digitais.

— Convém conservar-se em casa amanhã de manhã — resmungava Rowcliff a Gebert. — Talvez o inspetor queira vê-lo. Se tiver de sair, deixe um aviso, informando aonde foi. — Voltou-se para mim e do seu bafo poderia destilar-se vinagre: — Você é tão cheio de imundas mistificações que aposto que quando está sozinho aplica-as a si próprio. O inspetor comunicar-lhe-á o que julgar sobre este caso. Repugna-me dizer-lhe o que penso disto.

Sorri. Não podia ver-lhe o rosto no escuro.

— E já estou pronto para outra — disse. — Fiquei aqui a escutar a história de Gebert, apenas para verificar como ele é inteligente. É homem capaz de se escapar pelos buracos de um crivo. É melhor levá-lo à Polícia e arrumar-lhe uma cama por lá.

— Como? Porquê? Já acabou o seu pacto com ele?

— Não, nem chegámos a começar. Esta noite, pouco depois das nove horas, Gebert chegou aqui no seu automóvel. Como não sabia que havia gente na casa, porque as luzes estavam apagadas, tentou arrombar uma janela para entrar. Quando Saul Panzer lhe perguntou o que desejava, respondeu que deixara aqui o guarda-chuva no outono passado e viera buscá-lo. Talvez o guarda-chuva se encontre na Secção de Perdidos e Achados da Polícia. É melhor levá-lo até lá e dar uma vista de olhos. Poderão encontrar a prova material do que ele afirma.

— Você estava pronto para outra, na verdade — rugiu Rowcliff. — Quando imaginou esta?

— Não imaginei. A vida é mais estranha do que a ficção. Você não devia estar sempre a suspeitar de todos. Se quiser, posso chamar os homens que estão dentro da casa e pergunte-lhes; estavam aqui os três. No meu entender, se por um guarda-chuva vale a pena arrombar janelas, também valerá a pena fazer perguntas sobre o assunto.

— Hum, hum! E você deu a este indivíduo o nome de Jerry e

tentou levá-lo daqui. Para onde? Estava, também você, interessado na procura do guarda-chuva?

Isto desagradou-me. Não me sentia nada satisfeito a abandonar Gebert. Disse-lhe:

— Ora, não me aborreça! Mas que bem! Rowcliff, você parece um polícia a agarrar garotos que jogam à bola na rua. Talvez eu estivesse interessado na glória de conduzir Gebert, por minhas próprias mãos, à Polícia. Ou talvez quisesse ajudá-lo a fugir do país, metendo-o num comboio subterrâneo para Brooklyn, onde você mora, ao que me parece. Ele não está nas suas mãos, graças aos meios que coloquei ao seu alcance? Vão à fava, vocês todos. Já passa da hora em que costume deitar-me.

Avancei por entre o grupo, afastando-os como moscas, alcancei o *roadster*, entrei e fiz marcha atrás; transposto o portão, meti o carro na estrada. Sentia-me tão contrariado pela complicação dos acontecimentos, que fiz o percurso entre Brewster e a Rua 35 em menos de dois minutos.

CAPÍTULO XIV

Voltei-me na cadeira para encarar Nero Wolfe.

— Ah, sim. Esqueci-me de lhe comunicar. Aquele advogado, Collinger, informa que vão proceder com os despojos de McNair de acordo com as instruções contidas no testamento. As exéquias realizar-se-ão hoje às nove horas da noite, na Capela Belford Memorial, na Rua Setenta e Três; amanhã será cremado o corpo e as cinzas serão remetidas à irmã, residente na Escócia. Collinger dá a entender que o testamenteiro de McNair, sem dúvida, comparecerá ao ofício de encomendação. Vamos no *sedan*?

— Que pueril. — murmurou Wolfe. — Não é melhor do que um moscardo. Você pode representar-me na Capela Belford Memorial. — Encolheu os ombros. — Crepes e lividez. Homenagem lúgubre e silente ao sombrio pavor. O assassino estará presente. Raios partam, não me apoquento.

Pegou no atlas, desdobrando a página em que estava o mapa da Arábia. Era sexta-feira, meio-dia. Eu dormira menos de seis horas. Levei informações a Wolfe às nove horas, à estufa das orquídeas. Perguntou-me, antes de mais nada, se eu trouxera a caixa vermelha; o resto, escutou-o de costas voltadas para mim, ocupado a examinar um transplante de *cattleya*. Julguei que o preocupavam as notícias sobre Gebert, mas, nesse aspeto, nunca consegui discernir se a sua atitude era fingida ou natural. Quando lhe recordei que Collinger deveria aparecer às dez horas, para tratar do testamento e do espólio, e perguntei se tinha algumas instruções especiais, limitou-se a sacudir a cabeça, sem se dar ao incómodo de me olhar. Deixei-o, desci à cozinha e bebi mais café para afugentar o sono. Mais ou menos às nove e meia, Fred Durkin telefonou de Brewster. Depois da minha partida de Glennanne, na noite anterior, os invasores tinham-se retirado e o trio teve uma noite de repouso; pela manhã, entretanto, mal tinham concluído um ligeiro repasto, apareceram de novo os polícias e detetives, munidos de documentos. Disse a Fred que recomendasse a Saul para ficar de olho atento à mobília e outros objetos portáteis. Às dez horas, chegou Henry H. Barber, nosso advogado e, pouco depois, Collinger. Sentei-me a escutar o copioso palavreado sobre a aprovação

do testamento, cartórios e assim por diante; fui ao pavimento superior para obter a assinatura de Wolfe nuns papéis e datilografei outros para os advogados. Estes retiraram-se antes de Wolfe descer, às onze. Chegou, arranjou as orquídeas no vaso, tocou a campainha pedindo cerveja, experimentou a caneta, deu uma olhadela à correspondência da manhã, telefonou a Raymond Plehn, ditou uma carta e depois encaminhou-se para a estante de onde voltou com o atlas; e com o atlas se sentou. Por volta da uma hora menos um quarto, Fritz bateu à porta e entrou com um telegrama na mão. Abri-o e li o seguinte:

ESCÓCIA NEGATIVO NUGANT GAMUT
CARTAGENA NEGATIVO DESTRUIÇÃO
TUMULTOS DANNUM GAMUT

HITCHCOCK

Fui buscar o livro de códigos, fiz algumas buscas e tracei umas garatujas no caderno de notas. Wolfe continuava na Arábia. Pigarreei com toda a força e os seus olhos faiscaram para o meu lado e disse-lhe:

— Embora nenhuma notícia seja boa, aqui está um presente de Hitchcock. Declara que na Escócia ainda não colheu nenhum resultado, porque a pessoa procurada se nega a fornecer auxílio ou informações, mas continua envidando esforços. Em Cartagena, do mesmo modo, nenhum resultado, em virtude de destruições por ocasião dos tumultos há dois anos e, do mesmo modo, continua envidando esforços. Posso acrescentar, por minha conta, que Escócia e Cartagena devem ter algo em comum com a Rua Trinta e Cinco num ponto, pelo menos: Gamut. Continuam envidando esforços.

Wolfe soltou um grunhido. Dez minutos depois, fechou o atlas.

— Archie, precisamos da caixa vermelha. Sim, precisamos. Ontem telefonei novamente para Londres, depois de você sair à noite, e creio que tirei Mr. Hitchcock da cama. Soube que a irmã de Mr. McNair mora numa velha propriedade da família, uma casa pequena perto de Camfirth e julguei possível que ele tenha escondido lá a caixa vermelha por ocasião de uma das suas viagens à Europa. Pedi a Mr. Hitchcock que realizasse uma busca na casa, mas ao que parece, pelo que se depreende desse telegrama, a irmã não o permitiu. — Suspirou.

— Nunca vi caso mais importuno. Já sabemos tudo de que necessitávamos saber e não temos um fragmento de prova apresentável! A menos que se descubra a caixa vermelha, seremos realmente obrigados a enviar Saul à Escócia ou a Espanha. Valha-nos Deus! Seremos tão ineptos a ponto de ter de percorrer metade do globo terrestre a fim de demonstrar o motivo e a técnica de um assassinio ocorrido no meu próprio escritório, diante dos nossos olhos?

Pouco depois, Fritz apareceu para anunciar que o almoço estava na mesa. Interrompeu-me a refeição, a certa altura, um telefonema de Helen Frost. Dirigi-me ao escritório e levantei o auscultador sem qualquer excesso de jovialidade, pois durante toda a manhã estivera a pensar que a cada momento podia vir uma palavra de Helen Frost dando tudo por terminado. A sós com a mãe, quanta conversa persuasiva não lhe entrara no ouvido? Mas tudo o que a jovem desejava era saber notícias de Perren Gebert. Disse que Mrs. Calida Frost telefonara para Chesebrough à hora do pequeno-almoço e soube que Gebert não pernottara em casa, e depois de muitos telefonemas e preocupações durante toda a manhã, fora finalmente informada, por intermédio da Polícia, que Gebert se achava detido e que ela não poderia falar com ele. Helen declarou que o inspetor Cramer participara a Mrs. Calida Frost que Gebert estava a sonegar informações fornecidas por Mr. Goodwin, do escritório de Nero Wolfe; por esse motivo, queria saber o que acontecera.

— Está tudo bem — respondi. — Surpreendemos Gebert quando tentava escalar uma janela, em Glennanne, e a Polícia agora interroga-o sobre isso. Um interrogatório muito natural. Depois de algum tempo, ele responderá ou não e a Polícia pô-lo-á ou não em liberdade. Está tudo bem.

— Mas eles não... — Ela parecia desconcertada. — O senhor compreende... Como já lhe disse, é verdade que, sob muitos aspetos, Gebert me desagrada, mas é um velho amigo da mamã e meu também. Ele não irá sofrer vexames? Não posso compreender o que fazia em Glennanne, tentando entrar. Ele não aparecia lá... creio mesmo que nunca lá esteve... Como o senhor sabe, ele e o tio Boyd detestavam-se mutuamente. Não compreendo. Mas a Polícia não lhe pode fazer nada só porque tentou abrir uma janela. Pode?

— Pode e não pode. Talvez lhe inflijam algum aborrecimento. Mas ele não sofrerá muito.

— É terrível. — A sua voz tremeu. — É terrível! E eu que me considerava destemida. Talvez seja, mas... de qualquer modo, quero que o senhor e Mr. Wolfe prossigam. Continuem a investigação. Apenas queria pedir-lhe... Perren é de facto o mais antigo amigo da mamã... que fosse até à Polícia, a fim de ver onde ele se encontra e como está a ser tratado... Sei que a Polícia o tem em grande consideração...

— Sem dúvida. — Fiz uma careta ao telefone. — Ir até à Polícia? Esteja certa de que irei. Fique tranquila, irei com prazer. Sem demora; acabarei de almoçar e darei um pulo até lá. Depois lhe telefonarei para contar o que souber.

— Ah, ótimo! Muito e muito obrigada. Se eu não estiver em casa, estará a mamã. Eu... tenho de sair para comprar algumas flores.

— Muito bem. Telefonarei.

Já passava das duas horas quando fui buscar o *roadster* à garagem. Na baixa da cidade, na Centre Street, estacionei o carro, segui em frente e apanhei o elevador. Avancei pelo corredor do pavimento superior como se estivesse em minha casa, entrei na antecâmara do gabinete de Cramer com toda a petulância e disse ao indivíduo sentado à escrivaninha:

— Diga ao inspetor que está aqui Goodwin, do escritório de Nero Wolfe.

Esperei dez minutos e, em seguida, fui recebido. Nutria a vaga esperança de que Cramer estivesse ausente e tivesse de me entender com Burke. Mas dei de caras com Cramer. Ele estava um pouco resmungão.

— Ah, é você. Fez bem em aparecer.

— Creio que me posso sentar.

— Creio que pode. Aproxime-se. Quer a minha cadeira?

— Não, obrigado.

— Que é que você deseja?

— Bom... — inclinei a cabeça para trás a fim de contemplá-lo de cima para baixo. — Represento o testamenteiro do espólio de McNair. Vim convidar Mr. Perren Gebert para comparecer nas cerimónias

fúnebres que se celebrarão esta noite, às nove horas, na Capela Belford Memorial. Quer ter a bondade de me levar à sala onde se encontra Mr. Perren Gebert?

Cramer relanceou-me um olhar mal-humorado. Depois, soltou fundo suspiro, tirou um charuto do bolso, mordeu a ponta e riscou um fósforo. Soltou uma fumaça e acomodou o charuto no canto da boca. Indagou abruptamente:

— Que é que você soube sobre Gebert?

— Nada. Nem sequer uma contraordenação. Nada mesmo.

— Veio aqui para vê-lo? Que é que Wolfe deseja que você pergunte a Gebert?

— Nada. Tammany é meu juiz. Wolfe não tem interesse em falar com ele.

— Mas então que diabo quer você dele?

— Nada. Apenas cumpro com a minha palavra. Prometi a alguém que viria cá para perguntar como está Gebert e quais as perspectivas que se lhe oferecem para o futuro. Assim, ajude-me, que estou a falar com sinceridade.

— Talvez acredite em você. — Premiu um botão de uma fileira. — Se você tem alguma curiosidade que Gebert possa satisfazer, vá lá e aproveite. Estão a lidar com ele desde as sete horas da manhã. Oito horas. Não conseguiram nem sequer enlouquecê-lo. — Nesse momento, um sargento de ombros largos entrou e perfilou-se diante de Cramer, que lhe disse: — O nome deste senhor é Goodwin. Leve-o à Sala Cinco e diga a Sturgis que para este visitante não há reservas. — Voltou-se para mim: — Passe por aqui de novo, antes de ir-se embora. Talvez eu queira perguntar-lhe alguma coisa.

Segui o sargento pelo corredor e descemos pelo elevador para além do andar térreo. Seguimos por um *hall* sombrio e entrámos numa sala. O sargento dirigiu-se a um sujeito que estava sentado numa cadeira, a esfregar um lenço no pescoço, cochichou-lhe algumas palavras, voltou-se e saiu. A sala era de tamanho médio, quase completamente desguarnecida. Algumas cadeiras de madeira alinhavam-se, junto a uma das paredes. Via-se, mais ou menos ao centro da sala, uma cadeira maior, de braços, e nela estava sentado Gebert; banhava-lhe o rosto a luz de uma lâmpada colocada no soalho, com um enorme

refletor diante dele. De pé, frente a Gebert, achava-se um homem magro e nervoso, em mangas de camisa, com orelhas de raposa e cabelos cortados rente. O sujeito da cadeira, com o qual falara o sargento, também estava em mangas de camisa, o mesmo acontecendo com Gebert. Quando me aproximei da luz o suficiente para Gebert me ver e reconhecer, acudiu-lhe um ligeiro sobressalto e disse com uma voz divertidamente rouca:

— Goodwin! Ah, Goodwin...

O polícia magro alcançou-o e vibrou-lhe uma rija palmada no lado esquerdo do pescoço e depois, com a outra mão, no ouvido direito. Gebert estremeceu e caiu para trás.

— Sente-se ali, não quer? — perguntou-me o polícia penosamente e o seu colega, segurando ainda o lenço na mão, levantou-se e encaminhou-se para mim.

— Goodwin? O meu nome é Sturgis. Qual é o seu posto na Polícia? Sacudi a cabeça.

— Sou de uma agência privada. Trabalhamos neste caso e parece que o nosso trabalho interessa à Polícia.

— Ah! Privada, hein? Bom... Foi o inspetor que o enviou. Quer interrogar o homem?

— Por enquanto, não. Escutarei e apreciarei, enquanto penso no que devo fazer.

Avancei um passo na direção de Gebert e examinei-o. Estava com uma cor avermelhada, e com certas manchas, mas não vi propriamente equimoses. Sem gravata, a camisa rasgada no ombro, havia nele suor seco. Os olhos estavam raiados de sangue de tanto pestanejar ante a forte luz e, provavelmente, porque, quando os fechava, os homens abriam-nos a tabefes.

— Quando disse o meu nome agora, queria contar-me alguma coisa? — perguntei-lhe.

Sacudi a cabeça e soltou um gemido rouco. Voltei-me e disse a Sturgis:

— Ele nada pode dizer aos senhores, pois está impossibilitado de falar. Talvez seja conveniente dar-lhe um pouco de água.

— Ele poderia falar se quisesse — roncou Sturgis. — Demos-lhe água quando para aqui veio, há duas horas. Ele só tem um defeito. É

caprichoso. Quer fazer uma tentativa com ele?

— Mais tarde, talvez.

Encaminhei-me para a fila de cadeiras junto à parede e sentei-me. Sturgis permaneceu de pé, enxugando o pescoço pensativamente. O polícia magro inclinou-se para a frente, a fim de se aproximar mais do rosto de Gebert, e perguntou-lhe com voz ferina:

— Por que motivo ela lhe pagou aquele dinheiro?

Nem uma resposta nem um gesto.

— Por que motivo ela lhe pagou aquele dinheiro?

De novo, nada.

— Por que motivo ela lhe pagou aquele dinheiro?

Gebert abanou a cabeça debilmente. O polícia rugiu com indignação:

— Não me abane a cabeça! Compreende? Por que motivo ela lhe pagou aquele dinheiro?

Gebert imobilizou-se. O polícia acercou-se dele e aplicou-lhe mais um par de bofetadas, voltou-lhe a cabeça e vibrou mais duas palmadas.

— Por que motivo ela lhe pagou aquele dinheiro?

Assim prosseguiu, por certo tempo. Parecia-me duvidoso que obtivessem qualquer resultado. Eu deplorava a insensatez daqueles polícias; não tinham inteligência para compreender que daquela maneira insensibilizavam aos poucos o homem e, dentro de três ou quatro horas, não valeria a pena perder tempo com ele. Sem dúvida, na manhã seguinte, ele estaria refeito, mas não poderiam prolongar aquela prática por semanas, mesmo tratando-se de um cidadão estrangeiro que não podia votar. Esse era o ponto de vista prático, e, embora eu nada tenha que ver com o procedimento de ninguém, tenho os meus preconceitos. Eu mesmo sinto-me capaz de maltratar um homem, em caso de necessidade, mas prefiro fazê-lo no seu próprio terreno e sem precisar que me ajudem.

Ao que parecia, os polícias tinham abandonado as perguntas suplementares, formuladas no começo, e concentravam os seus esforços em poucos pontos principais. Ao cabo de vinte minutos, ou mais, consagrados ao motivo por que ela lhe pagara o dinheiro, o polícia magro passou a outro. Indagava o que Gebert queria em

Glennanne na noite da véspera. Gebert murmurou qualquer coisa e por isso recebeu uns bofetões. A seguir, calou-se, e tornou a receber bofetões. O nível mental do polícia era o de uma marmota; não variava, não mudava de tática, só dava trabalho às palmas das mãos, que já deviam estar moles. Demorou-se por mais de meia hora na pergunta sobre Glennanne, enquanto eu fumava cigarros, cada vez mais desagradado. De súbito, voltou-se para o colega e murmurou com ar cansado:

— Tome o meu lugar, por um momento, vou ao lavatório.

Sturgis perguntou-me se eu queria fazer perguntas e mais uma vez declinei, agradecendo. Na verdade, já me dispunha a sair, mas resolvi apreciar um pouco a técnica de Sturgis. Ele enfiou o lenço no bolso das calças, aproximou-se de Gebert e explodiu:

— Por que motivo ela lhe pagou aquele dinheiro?

Rangi os dentes para evitar o arremesso de uma cadeira ao boçal. Mas ele apresentou uma variedade: usava mais os empurrões que as bofetadas. O seu gesto preferido consistia em colocar a mão sobre a orelha de Gebert e administrar rápidas sacudidelas; em seguida, com a outra mão na outra orelha, repetia o movimento. Às vezes agarrava o rosto da vítima, empurrava-o para trás e concluía a operação com um ligeiro golpe.

O polícia magro voltou, sentou-se ao meu lado e relatou-me as suas canseiras. Decidi que a minha missão estava finda e soltava uma última baforada do cigarro, quando a porta se abriu e entrou o sargento, o homem que me conduzira para ali. Avançou para o centro da sala e dirigiu um olhar a Gebert, do mesmo modo com que um cozinheiro espreita para dentro de uma chaleira para ver se a água está prestes a ferver. Sturgis recuou, puxou o lenço húmido e começou a enxugar o suor.

— Ordens do inspetor — disse-lhe o sargento. — Levante-o, escove-o, leve-o à porta norte e espere lá por mim. O inspetor quer vê-lo dentro de cinco minutos. Tem um copo?

Sturgis encaminhou-se para um armário e voltou com um copo branco esmaltado. O sargento derramou no copo um pouco do conteúdo de um frasco e tornou a colocar o frasco no bolso.

— Façam com que ele beba isto. Ele pode andar?

Sturgis respondeu que podia. O sargento voltou-se para mim:

— Quer ir até ao gabinete do inspetor, Goodwin? Tenho um pequeno serviço no rés do chão.

Saí e segui o sargento, sem nada dizer. Não havia ali ninguém com quem pudesse trocar impressões.

Apanhei o elevador e subi. Tive de esperar bastante na antecâmara de Cramer. Ao que presumi, realizava-se uma conferência, pois três detetives saíram; em seguida, saiu um capitão de uniforme e depois um sujeito escanzelado, de cabelos grisalhos, que reconheci ser o comissário-adjunto Alloway. Logo depois, tive permissão para entrar. Cramer estava sentado, com cara de chateado, a mascar um charuto apagado.

— Sente-se, rapaz. Creio que não teve oportunidade de exhibir-nos as suas habilidades lá em baixo. Hein? E nós também pouco lhe exibimos. Pela manhã, durante quatro horas, trabalhou com Gebert um dos nossos elementos de valor, um homem muito inteligente. Não conseguiu coisa alguma. Por isso, resolvemos pôr de parte a inteligência e experimentar outra coisa qualquer.

— Ah, é isso. — Sorri. — É de facto o que são aqueles sujeitos... outra coisa qualquer. Essas palavras descrevem-nos perfeitamente. E agora vão pôr Gebert em liberdade?

— Vamos. — Cramer franziu a testa. — Um advogado começou a mexer uns cordelinhos, creio que contratado por Mrs. Frost. Foi concedido um *habeas corpus* há pouco, e sou de parecer que não vale a pena metermo-nos em complicações por causa de Gebert. Como quer que seja, não poderíamos conservá-lo detido. Também o cônsul francês entrou em ação. Gebert é cidadão francês. É evidente que será vigiado, mas isso de que nos valerá? Quando um homem possui informações sobre um crime, devia haver um meio de se extrair dele essas informações, como se extrai mel de um favo. Não acha?

Concordei com um gesto.

— Por certo, seria ótimo. Seria melhor do que... — Encolhi os ombros. — Não importa. Não chegaram notícias dos rapazes de Glennanne?

— Não. — Cramer enlaçou as mãos por detrás da cabeça, que inclinou para se firmar naquele ponto de apoio, mastigou o charuto e

fez cara feia. — Você sabe, rapaz, que não me agrada o que lhe vou dizer. Mas é o que penso. Lamentaria se você se magoasse, mas talvez colhêssemos resultados bem melhores se você tivesse permanecido todo o dia, na Sala Cinco, em lugar de Gebert.

— Eu? — Sacudi a cabeça. — Não acredito. Depois de tudo o que tenho feito pelo senhor?

— Ora, não me importune. Estou cansado, sem disposição para isso. Estive a pensar. Sei como Wolfe trabalha. Não quero dizer que possa trabalhar como ele, mas sei como ele trabalha. Sei que ele nunca trabalhou a favor da parte delinquente, mas há sempre uma primeira vez. É possível que neste caso ele tenha optado pelo lado mau. Está a trabalhar para os Frosts.

— Está a trabalhar para *uma* Frost.

— Decerto, e isso também é curioso. Primeiro declarou que fora contratado por Lew, depois pela rapariga. Anteriormente, nunca o vi mudar de clientes assim. Isso tem alguma relação com o facto de a fortuna pertencer à rapariga, administrada, porém, pelo pai de Lew durante vinte anos? E o pai de Lew, Dudley Frost, tem uma habilidade extraordinária para guardar para si as coisas que sabe. Informámo-lo que estávamos a investigar um caso de homicídio e pedimos licença para examinar o ativo dos bens legados, o que poderia ser de utilidade para nós. Pedimos-lhe para cooperar. Respondeu que a Polícia só devia contar consigo mesma. Frisbie, do gabinete do procurador do Ministério Público, tentou mover uma ação judicial, mas, ao que parece, não é possível. Agora, por que razão Wolfe, muito bruscamente, abandona Lew e transfere a sua afeição para o outro lado da família?

— Não foi isso que ele fez. Foi o que se pode chamar uma venda forçada.

— Sim? Talvez. Gostaria de ver Nero Wolfe forçado a fazer fosse o que fosse. Notei que a mudança ocorreu logo depois da morte de McNair. Muito bem. Wolfe conseguiu informações positivas de alguma espécie. E de onde as tirou? Da caixa vermelha. Você compreende, não me quero armar em esperto, estou apenas a falar. Essa busca em Glennanne foi para despistar. O jogo de você com Gebert, também. Não possuo um resquício de prova, mas estou a dizer-lhe o que penso.

E advirto-o a si e a Wolfe: não julguem que sou tão idiota para ainda ter esperança de descobrir o que havia na caixa vermelha, porque não sou.

Abanei a cabeça tristemente.

— Engana-se, inspetor. Com franqueza, o senhor está a dizer tolices. Se abandonou a procura da caixa vermelha, avise-nos, que nós nos encarregaremos do resto.

— Não deixei de procurar. Estou a fazer tudo que é possível. Não digo que Wolfe esteja deliberadamente a proteger um assassino, pois nem um bêbedo cometeria tal tolice; o que digo é que ele está a reter provas valiosas de que necessito. Não pretendo saber o que são; não pretendo saber seja o que for deste maldito caso. Mas penso que a chave do problema está na família Frost, pelo simples motivo de que não pudemos descobrir qualquer outra ligação de McNair que ofereça a mínima probabilidade. Nada conseguimos da irmã residente na Escócia. Nada obtivemos dos papéis de McNair. Nenhum esclarecimento de Paris. Nem vestígios do veneno. A minha única teoria definida a respeito dos Frosts baseia-se no que me disse um velho inimigo da família: é a história de um remoto escândalo sobre a atitude de Edwin Frost, que deserdou a esposa porque não aprovava as ideias dela a respeito da amizade com um francês, e obrigou-a a assinar um documento abdicando dos direitos ao seu quinhão de viúva, sob ameaça de divórcio. Bem, Gebert é um francês, mas McNair não era; e, então, que se conclui daí? Parece que estamos derrotados, hein? Mas Wolfe não é tolo e não iria sentar-se em cima de uma tampa que mais tarde ou mais cedo terá de ser levantada. Quer levar-lhe um recado meu?

— Sem dúvida. Devo tomar nota?

— Não é preciso. Diga-lhe que Gebert vai ser vigiado a partir deste momento e até que o caso seja solucionado. Diga-lhe que se a caixa vermelha não for encontrada, ou qualquer outro elemento comprobatório de valor correspondente, um dos meus melhores elementos irá a França, a bordo do *Normandie*, na próxima quarta-feira. E diga-lhe que descobri alguns factos. Por exemplo: nos últimos cinco anos, foram pagos a Gebert sessenta mil dólares do dinheiro da cliente de Wolfe, e só Deus sabe quanto pagaram antes.

— Sessenta mil dólares? — Arregalei os olhos. — Do dinheiro de Helen Frost?

— Sim. Creio que é novidade para si.

— Decerto que é. Que pena! Essa importância foi para um lugar onde jamais lhe perei os olhos em cima. Será que ela deu a Gebert dinheiro trocado?

— Não me venha com graças. Digo-lhe isto para transmitir a Wolfe. Gebert abriu uma conta num banco, aqui em Nova Iorque, há cinco anos, e desde então tem depositado todos os meses um cheque de mil dólares, assinado por Calida Frost. Você sabe como é fácil descobrir essas coisas nos bancos.

— Sim. É claro! O senhor tem a vantagem de ser da Polícia. Permite chamar-lhe a atenção para o facto de que Calida Frost não é nossa cliente?

— Mãe e filha, que diferença faz? A renda é da filha, mas creio que a mãe recebe metade. Que diferença faz?

— Sempre há uma certa diferença. Por exemplo, aquela jovem de Rhode Island, o ano passado, matou a mãe. Uma morreu e a outra está viva. Há uma ligeira diferença. Por que motivo a mãe dava dinheiro a Gebert?

Cramer fitou-me de olhos semicerrados.

— Quando chegar a casa, pergunte a Wolfe.

Soltei uma risada.

— Ora, vamos, inspetor! Ora, ora... O mal do senhor está em não ver Wolfe com frequência, exceto quando a cena está montada e ele surge pronto para executar passes de magia! Devia vê-lo nas condições em que o vejo muitas vezes. O senhor pensa que ele sabe tudo. Garanto-lhe que três coisas existem, pelo menos, que ele nunca saberá.

Cramer enterrou os dentes no charuto.

— Creio que sabe onde está a caixa vermelha e provavelmente tem-na em seu poder. Penso que, no interesse de um cliente, para não dizer no seu próprio, está a ocultar provas de um crime de assassinio. E sabe o que ele pretende fazer? Pretende esperar até ao despontar do dia sete de maio, data em que Helen Frost completará vinte e um anos. Como julga você que eu encaro isso? Como julga que o encararão os homens do Ministério Público?

Soltei um bocejo.

— Desculpe-me. Esta noite dormi apenas seis horas. Juro que não sei o que dizer para convencê-lo. Porque não vai até lá conversar com Wolfe?

— Para quê? Prevejo o que sucederia. Sentar-me-ia e explicaria a Wolfe por que razão o considero mentiroso. Ele diria: «Com efeito.» Fecharia os olhos e tornaria a abri-los quando quisesse tocar a campainha para pedir cerveja. Ele devia instalar uma cervejaria. Alguns grandes homens, ao morrer, deixam o cérebro para um laboratório científico. Wolfe devia deixar o estômago.

— Muito bem. — Levantei-me. — Se é tal o seu ressentimento contra Wolfe, a ponto de se aborrecer porque ele mata a sede a cada instante, será para mim inútil querer chamá-lo à razão... Limito-me a repetir que está equivocado. O próprio Wolfe diz que se tivesse a caixa vermelha liquidaria o caso — estalei os dedos — assim...

— Não acredito. Transmita-lhe o meu recado, sim?

— Muito bem. Os meus respeitosos cumprimentos.

— Vá para o inferno!

Desta vez o elevador não me conduziu muito longe, pois desci no andar térreo. Encontrei o *roadster* e dirigi-me para Centre Street.

Cramer tinha graça, sem dúvida, mas eu não me divertia muito. Não via vantagem em deixá-lo tão absurdamente desconfiado a ponto de não acreditar na simples afirmação de um facto. O inconveniente é que ele não era atilado o suficiente para compreender que Wolfe e eu éramos intrinsecamente honestos, como qualquer outra pessoa deve ser, a menos que seja um anacoreta; e que se McNair nos tivesse, de facto, entregado a caixa vermelha ou informado onde ela estava, o melhor que tínhamos a fazer era anunciar o facto e declarar que o conteúdo constituía assunto confidencial, sem qualquer relação com o crime, negando-nos a exhibi-lo. Até eu compreendia isto e não era inspetor nem esperava sê-lo nunca.

Cheguei a casa depois das seis horas. Aguardava-me uma surpresa. Encontrei Wolfe no escritório, recostado na cadeira, de dedos entrelaçados sobre o ventre; e, sentado na cadeira de interrogatório, segurando num copo com um resto de um uísqui duplo, achava-se Saul Panzer. Cumprimentaram-me com acenos e Saul continuou a sua

conversa:

— ... A primeira extração realiza-se terça-feira, três dias antes da corrida, e elimina todos os que não têm números que coincidam com um ou outro dos inscritos. Os cavalos. Mas uma outra extração realiza-se no dia seguinte, quarta-feira...

Saul continuou com a sua lição de *sweepstake*⁴. Sentei-me à minha escrivaninha, procurei o número do apartamento dos Frosts na lista telefónica e marquei o número. Helen estava em casa. Contei-lhe que vira Gebert, que ele ficara exausto com o interrogatório, mas que fora posto em liberdade. Ela disse-me que já sabia. Ele telefonara pouco antes e Mrs. Calida Frost fora a Chesebrough para vê-lo. Começou a agradecer-me e pedi que guardasse a sua gratidão para outra emergência. Estava finda a missão; voltei-me e escutei o que Saul dizia. Os seus conhecimentos sobre *sweepstake* pareciam ser mais do que meramente teóricos. Depois de Wolfe ter escutado o suficiente para satisfazer Saul, fê-lo calar-se com um gesto e comunicou-me:

— Saul precisa de vinte dólares. Há só dez na gaveta.

Confirmei, com um gesto.

— Vou descontar um cheque, amanhã de manhã.

Puxei da carteira. Wolfe nunca trazia dinheiro. Entreguei quatro notas de cinco dólares a Saul, que ele dobrou cuidadosamente e enfiou no bolso.

Wolfe apontou com o dedo na direção de Saul:

— Você compreende, naturalmente, que não deve ser visto.

— Sim, senhor.

Saul voltou-se e saiu.

Sentei-me e fiz o lançamento no livro das despesas. Depois, fiz girar a cadeira novamente.

— Saul vai voltar a Glennanne?

— Não. — Wolfe suspirou. — Ele estava a explicar-me o mecanismo dos *sweepstakes* irlandeses. Se as abelhas trabalhassem assim, não haveria mel suficiente para o inverno.

— Mas algumas abelhas estariam a armazenar.

— Suponho que sim. Em Glennanne, os nossos enviados levantaram todas as lajes dos passeios do jardim, pode dizer-se que vasculharam tudo, sem resultado. Mr. Cramer encontrou a caixa

vermelha?

— Não. Ele diz que a caixa está em seu poder.

— Sim. E circunscreveu o caso a essa teoria?

— Não. Está a pensar mandar um homem à Europa. Ele e Saul talvez possam ir juntos.

— Saul não irá... não, definitivamente. Confiei-lhe outra incumbência. Pouco depois de você sair, Fred telefonou e ordenei-lhe que regressassem. A Polícia Estatal tomou conta de Glennanne. Dispensei Fred e Orrie quando chegaram. Quanto a Saul... Em vez de revirar o globo terrestre em busca da caixa vermelha, resolvi meditar, decidir primeiro onde ela está e depois mandar buscá-la. Incumbi Saul.

Encarei-o e disse com ar sério:

— Não me engana. Quem veio cá e lhe disse?

— Aqui não esteve ninguém.

— Quem telefonou?

— Ninguém.

— Compreendo. Está a falar por falar. Por um instante julguei que você realmente... Espere; alguém lhe enviou uma carta, um telegrama, em suma uma comunicação qualquer?

— Ninguém.

— E você mandou Saul buscar a caixa vermelha?

— Mandei.

— E quando voltará ele?

— Não sei ao certo. Creio que amanhã... ou talvez depois...

— Hum, hum... Muito bem, se não é um simples jogo de palavras. Eu devia ter compreendido. Você ganha-me sempre. Não nos convém descobrir a caixa vermelha agora, seja como for; se o fizéssemos, Cramer ficaria convencido de que a tivemos em nosso poder desde sempre e nunca mais tornaria a falar connosco. Ele está descontente e desconfiado. Gebert, nas mãos deles, foi tratado a berros e bofetadas. Você, tão convicto de que a violência é uma técnica inferior, deveria ter apreciado essa exibição; foi maravilhosa. Dizem que às vezes produz resultados, mas, ainda que seja verdade, quem poderá confiar em resultados obtidos por esse meio? E, além do mais, quem aplica algumas vezes esse método torna-se passível do desprezo de qualquer

sevandija. Cramer, porém, prestou-me uma informação, e só Deus sabe a razão: nos últimos cinco anos, Mrs. Edwin Frost pagou sessenta mil dólares a Perren Gebert. À razão de mil dólares por mês. Gebert não quis explicar os motivos aos polícias. Não sei se perguntaram a Mrs. Frost ou não. Como se ajusta esse facto aos fenómenos que você tem pressentido?

— Satisfatoriamente. Como é natural, eu não sabia a quanto montava o dinheiro.

— Ah! Não sabia. Querera dizer-me que já sabia que ela dava dinheiro a Gebert?

— Não exatamente. Apenas conjecturava. Era natural que ela lhe desse dinheiro; o homem precisa de viver... pelo menos, ele pensa assim. Espancaram-no até confessar?

— Não. Descobriram por intermédio do banco.

— Compreendo. Trabalho de detetives. Mr. Cramer precisa de um espelho para certificar-se de que tem um nariz no rosto.

— Rendo-me. — Apertei os lábios e abanei a cabeça. — Você é o rei dos detetives. Você tira mundos do nada. — Levantei-me e sacudi as pernas das calças. — Penso que nesta casa só se pode introduzir um único melhoramento: instalar uma cadeira elétrica na sala da frente para nos eletrocutarmos. Vou informar Fritz de que janto na cozinha, pois tenho de sair às oito e meia para representar Mr. Wolfe nas cerimónias fúnebres.

— É uma pena. — Wolfe falava a sério. — Você precisa mesmo de ir?

— Irei. Será melhor. Alguém nesta casa tem de fazer alguma coisa.

⁴ Tipo de aposta, normalmente em corridas de cavalos, em que o vencedor ganha todo o dinheiro em jogo. (*N. do R.*)

CAPÍTULO XV

Àquela hora, oito e cinquenta da noite, os espaços para estacionamento eram poucos e longe da Rua 73. Por fim, encontrei um lugar, mais ou menos a meio quarteirão a leste da Capela Belford Memorial, e ocupei-o. Julguei que não me era estranho o número da chapa que vi no carro que estava estacionado justamente à frente do meu *roadster*; e, com efeito, depois de sair do automóvel pude verificar, num relance, que se tratava do descapotável de Perren Gebert. O carro estava resplandecente, tendo sofrido uma limpeza depois da viagem ao condado de Putnam. Deduzi que Gebert era de constituição robusta, pois era evidente que em três horas se refizera satisfatoriamente para comparecer a um ato social.

Encaminhei-me para o pórtico da capela, entrei e encontrei-me numa antecâmara retangular apainelada, de mármore. Um homem de meia-idade, de roupa negra, veio ao meu encontro e fez uma vénia. Ao que parecia, ele estava sob o efeito de uma melancolia crónica mas aristocrática. Indicou uma porta à direita, apontando um dedo mas conservando o cotovelo unido à ilharga.

— Boa noite, senhor — murmurou. — A capela é ali. Ou...

— Ou o quê?

O homem tossiu com delicadeza.

— Como o finado não tinha família, alguns dos amigos íntimos reúnem-se na sala privada...

— Ah! Represento o testamenteiro. Não sei o que será melhor. Que acha o senhor?

— Creio, meu senhor, que, nesse caso, talvez a sala...

— Muito bem. Onde é?

— É ali.

Voltou à esquerda, abriu uma porta e inclinou-se enquanto eu entrava.

Pisei um tapete fofo. A sala era de luxo, com lâmpadas discretas, divãs e cadeiras almofadadas e um cheiro idêntico ao de uma barbearia de primeira classe. Numa cadeira a um canto, divisei Helen Frost, pálida e concentrada, muito bela num vestido cinzento-escuro e com um chapeuzinho preto. Diante dela, de pé, em atitude protetora,

estava Llewellyn. À direita, Perren Gebert acomodara-se num divã. Duas senhoras, uma das quais reconheci do teste da caixa de bombons, ocupavam cadeiras no outro lado da sala. Cumprimentei os primos paralelos com um aceno, que eles retribuíram com outro; repeti o gesto na direção de Gebert, que correspondeu da mesma forma; sentei-me numa cadeira à esquerda. Um murmúrio partiu do lugar em que Llewellyn se dobrava diante de Helen. As roupas de Gebert estavam em condições bem melhores que a sua fisionomia, com os olhos inchados e todo o aspeto de quem se expusera a uma furiosa tormenta.

No meu lugar, meditava na frase de Wolfe: «Homenagem lúgubre e silente ao sombrio pavor.» A porta abriu-se e entrou Dudley Frost. Dos presentes, era eu que me achava mais próximo da porta. O recém-chegado olhou em redor, passou por mim sem dar mostras de me reconhecer, viu as duas senhoras e berrou-lhes: «Como têm passado?» Tão forte foi o brado que as damas pularam assustadas nas cadeiras. Dudley dirigiu um ligeiro aceno na direção de Gebert, atravessou a sala e foi ter com os primos.

— Cheguei com antecedência, meu Deus! — exclamou. — Isto raramente me acontece! Helen, minha querida, onde diabo se encontra a sua mãe? Telefonei três vezes... Deus do Céu! Esqueci-me das flores, depois de tudo! Quando pensei nisso, já era tarde de mais para enviá-las, de modo que resolvi trazê-las comigo...

— Está bem, papá. Tudo está bem. Há flores em quantidade...

O ambiente talvez se conservasse lúgubre; não mais silente, porém. Principiei a imaginar como se arranjariam com Dudley Frost durante o minuto de silêncio no Dia do Armistício. Já pensara em três possíveis meios, quando a porta tornou a abrir-se e Mrs. Frost entrou na sala. O cunhado, entre exclamações, foi ao seu encontro. Mrs. Frost estava pálida, também, mas não tanto como Helen e, ao que parecia, trazia um vestido preto sob o casaco também preto e um turbante de cetim preto em lugar de chapéu. Sem abandonar por um só momento a postura empertigada, pouca atenção prestou ao cunhado, acenou para Gebert, cumprimentou as duas senhoras e foi reunir-se com a filha e com o sobrinho.

Sentou-se ao lado deles.

De súbito, outra personagem surgiu, por qualquer outra porta, tão

silenciosamente que não percebi quando entrou. Era outro aristocrata, mais gordo que o da antecâmara, mas igualmente melancólico. Avançou alguns passos e inclinou-se:

— Podem entrar agora, por favor.

Todos se levantaram. Fiquei para trás e os outros avançaram. Lew, ao que parecia, julgava que tinha de dar o braço a Helen, mas ela, ao que parecia, não era da mesma opinião. Segui na retaguarda, circunspecto como manda o decoro.

As luzes da capela eram também discretas. O nosso guia murmurou qualquer coisa a Mrs. Frost, ela abanou a cabeça e caminhou para os bancos. Havia quarenta ou cinquenta pessoas no recinto. Com um olhar, divisei muitas fisionomias que já vira antes; entre outras, a do advogado Collinger e as de dois detetives, na fila de trás. Coloquei-me no lugar mais recuado, pois notei que ficava ali a porta para a antecâmara. O esquife, de um negro funéreo, com pegadas de metal cromado, coberto de flores, achava-se mais lá para a frente, sobre o catafalco. Dali a instantes, entrou um sujeito por uma porta do fundo, colocou-se ao lado do esquife e contemplou as pessoas presentes. Envergava o uniforme da sua profissão, possuía uma boca larga e uns ares de confortável confiança em si mesmo, mas sem qualquer petulância. Depois de fitar convenientemente a assistência, começou a falar.

Para um profissional, creio que a prédica foi satisfatória. Entediei-me muito antes da peroração, porque há anos que perdi a diminuta união religiosa que possuía. Se é mister, para subir ao Céu, deslizar em cima de sabão mole, peço que me perdoem e me deixem ficar no meu plano natural. Falo apenas por mim; espero que me compreendam.

Ocupando um lugar muito perto da saída, pude retirar-me mal ouvi o «amém». Fui o primeiro a debandar. Em sinal de reconhecimento por me haver introduzido na sala privada, ofereci vinte e cinco cêntimos ao aristocrata da antecâmara, que ele aceitou por delicadeza, creio eu. Saí para a rua. Um tipo qualquer estacionara um carro à distância de sete centímetros da traseira do meu *roadster*, de modo que tive de fazer uma verdadeira ginástica para tirar dali o veículo sem arranhar o guarda-lamas do descapotável de Gebert. Depois,

encaminhei-me para o lado oeste do Central Park e dali para a baixa da cidade.

Cheguei a casa às dez e meia, aproximadamente. Uma olhadela à porta do escritório revelou-me que Wolfe se encontrava na sua cadeira, de olhos fechados, muito sisudo, a escutar pela rádio as «Pérolas da Sabedoria». Na cozinha, Fritz, sentado à pequena mesa em que eu tomara o pequeno-almoço, a fazer paciências, as chinelas para um lado e os dedos dos pés enfiados nos varões de outra cadeira. Enchi um copo de leite, de uma garrafa que retirei do frigorífico, e Fritz perguntou-me:

— Que tal foi? Bonito funeral?

— Devia envergonhar-se! — censurei. — Creio que todos os franceses são sarcásticos.

— Não sou francês! Sou suíço!

— Isso diz você. Você lê um jornal francês.

Bebi o primeiro gole de leite, levei o copo para o escritório, acomodei-me na minha cadeira e contemplei Wolfe. A sua sisudez agravara-se. Deixei-o sofrer mais um pouco, depois tive pena dele, levantei-me, desliguei o rádio e voltei para a minha cadeira. Bebia o leite e observava Wolfe. Aos poucos, foram-se relaxando os músculos do seu rosto, moveu as pálpebras e abriu um pouco os olhos. Soltou um fundo suspiro.

— Está certo, você bem o merece — afirmei. — Mas como se explica isto? Ao todo, não são mais de doze passos. Logo que a xaropada começou, você poderia erguer-se da cadeira, dar quinze passos até ao rádio, desligá-lo; depois mais quinze passos para voltar, perfazendo um total de trinta, e estaria livre do suplício. Ou, se de facto achasse muito trabalhoso, talvez devesse arranjar um daqueles comandos...

— Eu não acharia, Archie. — Estava na sua atitude paciente. — De facto, não acharia. Você bem sabe que tenho suficiente espírito de iniciativa para desligar um rádio; já me viu fazer isso; é um bom exercício para mim. Propositadamente, sintonizei o aparelho na estação que estava a transmitir as «Pérolas da Sabedoria» e suportei o programa por gosto. É disciplina. Fortifica-me para resistir às inanidades corriqueiras durante alguns dias. Confesso com prazer que,

depois de escutar as «Pérolas da Sabedoria», até a sua conversa adquire um encanto intelectual e estético. É extraordinário. — Fez uma careta. — Isto foi o que acabou de dizer uma «Pérola da Sabedoria» a propósito dos interesses culturais. Disse que são extraordinários. — Nova careta. — Meu Deus, estou com sede!

Inclinou-se para premir o botão da campainha, pedindo cerveja.

Mas a bebida tardou um pouco a vir. Logo que Wolfe a pediu, retiniu a campainha da porta, o que significava que Fritz primeiro teria de atender quem chegava. Como o relógio marcava quase onze horas e não se esperava nenhuma visita, o meu coração começou a bater descompassadamente, como sempre acontece quando lidamos com um caso intrincado e ocorre alguma pequena surpresa. Na realidade, o teatro de Wolfe dominara-me mais uma vez, pois convenci-me de súbito que Saul Panzer ia entrar sobraçando a caixa vermelha.

Depois, ouvi no *hall* uma voz que não era a de Saul. Abriu-se a porta e Helen penetrou no escritório. Ao olhar o rosto da jovem levantei-me à pressa e corri a segurar-lhe um braço, convencido de que ela ia desmaiar.

Helen abanou a cabeça e eu larguei-a. Caminhou para a secretária de Wolfe e estacou. Wolfe perguntou:

— Como passa, Miss Frost? Sente-se. — E energicamente: — Archie, ponha-a numa cadeira.

Tomei o braço da jovem mais uma vez, afastei-a um pouco, e arranjei-lhe uma cadeira na qual ela se afundou. Olhou-me e disse:

— Obrigada.

Olhou para Wolfe e continuou:

— Aconteceu uma coisa horrível. Não quis ir para casa e... e vim aqui. Estou com medo. Tenho resistido muito, na verdade, mas... agora estou com medo. Perren morreu. Agora mesmo, na Rua Setenta e Três. Caiu morto na rua.

— Com efeito. Mr. Gebert. — Wolfe sacudiu o dedo: — Tome fôlego, Miss Frost. Seja como for, a senhora precisa de respirar. Archie, traga um pouco de aguardente.

CAPÍTULO XVI

A nossa cliente sacudiu a cabeça.

— Não quero aguardente. Não acredito sequer que possa engolir.
— Ela estava lamentosa e trémula. — É como lhe digo... Estou com medo!

— Sim. — Wolfe endireitara o corpo e abrira os olhos. — Já ouvi. Se não se dominar, com ou sem aguardente, ficará nervosa e isso não a ajudará em nada. Quer cheirar um pouco de amoníaco? Quer deitar-se? Quer conversar? Pode conversar?

— Sim. — Helen levou as mãos a ambas as têmporas e acariciou-as delicadamente com as pontas dos dedos; passou à frente, depois voltou de novo às têmporas. — Posso falar. Não ficarei nervosa.

— Tanto melhor. A senhora diz que Mr. Gebert morreu em plena Rua Setenta e Três. Como foi que morreu?

— Não sei. — Helen tomou uma postura ereta, as mãos enlaçadas no regaço. — Ele ia a entrar no automóvel, depois voltou-se de repente, correu pela rua na nossa direção... e caiu; Lew disse-me, depois, que Gebert estava morto...

— Espere um momento, por favor. Será melhor relatar tudo isso com mais clareza. Julgo que o facto ocorreu depois de saírem da capela onde se celebraram as exéquias. Saíram todos juntos? A sua mãe, o seu tio, o seu primo e Mr. Gebert?

Helen acenou afirmativamente.

— Sim. Perren ofereceu-se para conduzir a mamã e eu a casa, mas eu declarei que preferia caminhar um pouco e o meu tio disse que precisava de falar com a mamã, de modo que apanhariam um táxi. Todos nós caminhávamos ao longo da rua, decidindo que...

— Na direção leste? — perguntei. — Para o lado do automóvel de Gebert?

— Sim. Eu não sabia nesse momento... eu não sabia onde estava o carro dele. Mas Perren deixou-nos, e o meu tio, a minha mãe e eu esperámos na rua enquanto Lew se afastava para chamar um táxi. E, por casualidade, fiquei a olhar na direção seguida por Perren, o mesmo acontecendo com o meu tio. Vimos Gebert parar e abrir a porta do automóvel... depois, deu um pulo para trás, deteve-se um

instante, soltou um grito e começou a correr na nossa direção... A meio caminho, tombou no chão, tentou virar-se... tentou...

Wolfe sacudiu o dedo.

— Menos vivacidade, Miss Frost. A senhora já viveu o episódio, não queira revivê-lo. Fale-nos, apenas, a respeito do acontecido; é história. Mr. Gebert caiu, quis virar-se, imobilizou-se. Acorreram pessoas a socorrê-lo. Inclusive a senhora? E a sua mãe?

— Não. A mamã agarrou-me o braço. O meu tio correu para junto de Perren, tal como um transeunte; chamei Lew e este também correu para prestar socorro. A mamã pediu-me para ficar onde me encontrava e foi ter com os homens. Começaram a chegar outras pessoas. Permaneci por instantes no meu lugar, até que Lew aproximou-se de mim, disse que achavam que Perren morrera e recomendou-me que voltasse num táxi para casa, pois ele e os outros demorar-se-iam ainda ali. Ele já tinha chamado um táxi, no qual entrei, mas, quando o veículo se pôs em movimento, decidi que não queria ir para casa e ordenei ao motorista que me trouxesse aqui. Eu... pensei que talvez...

— Não devia a senhora querer pensar. Não estava em condições de o fazer. — Wolfe recostou-se no espaldar da cadeira. — A senhora não sabe de que morreu Mr. Gebert?

— Não. Não se ouviu qualquer barulho... nada...

— Sabe se ele comeu ou bebeu alguma coisa na capela?

Helen ergueu bruscamente a cabeça.

— Tenho a certeza que não.

— Não importa. — Wolfe suspirou. — Saber-se-á. Diz a senhora que quando Mr. Gebert saltou do carro, soltou um grito. Foi apenas um grito ou articulou alguma palavra inteligível?

— Sim... Uma palavra. O nome da minha mãe. Assim como quem pede socorro.

Wolfe ergueu uma sobrancelha.

— Creio que ele gritou ardentemente. Perdoe-me fazer uma observação brincalhona; Mr. Gebert compreenderia, se estivesse aqui. Então ele gritou «Cálida». Mais que uma vez?

— Sim, por diversas vezes. Que é que o senhor quer dizer...? O nome da minha mãe...

— Não quero dizer nada, de facto. Estive a dizer tolices. A julgar

pelo que a senhora conta, Mr. Gebert deve ter morrido de ataque cardíaco, com um coágulo no cérebro ou de misantropia aguda. Mas, se não me engano, a senhora disse que ficou com medo. De quê?

Ela fitou Wolfe, abriu a boca, tornou a fechá-la e gaguejou:

— É porque... é porque... — calou-se; ergueu as mãos e deixou-as cair no regaço novamente e fez outra tentativa: — Como lhe disse... fiquei com medo...

— Muito bem. — Wolfe levantou a palma da mão. — Não é preciso explicar. Compreendo. A senhora quer dizer que durante algum tempo andou apreensiva, temendo alguma desgraça aos entes que lhe são mais íntimos e caros. Naturalmente, a sua inquietação agravou-se com a morte de Mr. McNair. Foi por isso que... Mas perdoe-me. Estou a dar largas a um dos meus vícios, em ocasião inadequada, inoportuna para a senhora. Eu não hesitaria em atormentá-la se isso servisse os nossos fins, mas agora é inútil. Não carecemos de mais nada. Pretendia casar-se com Mr. Gebert?

— Não. Nunca tive essa intenção.

— Nutria afeição por ele?

— Não. Já lhe disse... Na realidade, eu não gostava dele.

— Bem. Então, uma vez passado o choque do momento poderá encarar objetivamente o facto. Mr. Gebert tinha poucas qualidades a recomendá-lo, quer como ser pensante, quer como espécime biológico. A verdade é que a sua morte simplifica um pouco a nossa tarefa, e não sinto pesar nem pretendo senti-lo. Contudo, o seu assassinio será vingado, porque não o pudemos evitar. Asseguro-lhe, Miss Frost, que não quero mistificá-la. Mas, como ainda não estou em condições de lhe contar tudo, acho melhor não lhe contar nada; limito-me, esta noite, a dar-lhe um conselho. É claro que a senhora tem amigas, por exemplo, aquela Miss Mitchell que lhe quis dar provas de lealdade, na manhã de terça-feira. Vá agora para casa dela, sem dizer nada a ninguém, e passe lá a noite. Mr. Goodwin poderá levá-la de automóvel. Amanhã...

— Não. — Helen abanou a cabeça. — Isso não. O senhor falou... sobre o assassinio de Perren. Ele foi assassinado, então?

— Sem dúvida. Morreu ardentemente. Repito este termo porque gosto. Se a senhora tirar disto alguma ilação, tanto melhor, para lhe

preparar o espírito. Não a aconselho a passar a noite na casa de uma amiga por pensar que esteja a correr algum perigo. Não, porque não a ameaça perigo nenhum. De facto, já não resta para ninguém qualquer perigo, exceto o que é personificado por mim. Mas a senhora sabe que se for para casa agora, não conseguirá dormir muito. A Polícia lá estará a exigir pormenores da ocorrência; é provável que neste momento já esteja a importunar a sua família e o bom senso aconselha a poupá-la a esse catecismo. Amanhã, pela manhã, dar-lhe-ei informações sobre os acontecimentos.

Helen tornou a abanar a cabeça.

— Não. — Mostrava-se resoluta. — Irei para casa. Não quero desertar... Apenas vim até aqui... De qualquer modo, a minha mãe, Lew e o meu tio... Não! Irei para casa. Mas se o senhor pudesse contar-me... Por favor, Mr. Wolfe, por favor... Se o senhor pudesse contar-me alguma coisa que me fosse lícito saber...

— Não posso. Agora não. Prometo fazê-lo em breve. Entretanto...

Tocou a campainha do telefone. Atendi. Achei-me instantaneamente envolvido numa discussão. Um sujeito com uma voz de buzina intimava-me a chamar Wolfe ao telefone de imediato, sem se dar ao incómodo de me dizer quem era e por que razão desejava falar com ele. Fiz pouco do interlocutor até que ele, furioso, mandou-me esperar um momento. Em seguida ouvi outra voz, que reconheci sem demora:

— Goodwin? Daqui é o inspetor Cramer. Talvez eu não precise de falar com Wolfe. Não gosto de perturbá-lo. Helen Frost está aí?

— Quem? Helen Frost?

— Foi o nome que eu disse.

— Por que motivo Helen Frost estaria aqui? Pensa que fazemos plantão noturno? Espere um momento, eu não sabia que era o senhor e acho que Mr. Wolfe quer perguntar-lhe qualquer coisa. — Tapei o bocal do aparelho e anunciei: — O inspetor Cramer quer saber se Miss Frost se encontra aqui.

Wolfe encolheu os ombros e a nossa cliente disse:

— Está, claro! Diga-lhe que sim.

— Não, Wolfe nada tem para lhe dizer — disse-lhe ao telefone. — Mas se o senhor se refere a Miss Helen Frost, posso informá-lo que

acabo de vê-la aqui, sentada numa cadeira.

— Ah! Ela está aí. Qualquer dia ainda lhe torço o pescoço! Preciso que ela venha imediatamente para casa... Não, espere. Mantenha-a aí. Mandarei um dos meus subordinados...

— Não se incomode. Eu mesmo a conduzirei a casa.

— Quando?

— Agora mesmo. Já. Sem demora.

Desliguei e encarei a cliente:

— O inspetor Cramer encontra-se no seu apartamento, Miss Frost. Creio que estão todos lá. Vamos agora? Querendo, ainda posso declarar ao inspetor que sou míope e que não era a senhora a pessoa que vi sentada numa cadeira.

Helen Frost ergueu-se. Olhou para Wolfe, um pouco curvada, depois endireitou as costas.

— Obrigada — disse. — Se de facto o senhor nada pode...

— Sinto muito, Miss Frost. Por enquanto, nada. Talvez amanhã. Eu avisá-la-ei. Não fique magoada com Mr. Cramer mais que o necessário. Ele, sem a menor dúvida, é bem-intencionado. Boa noite.

Ergui-me, acompanhei a jovem para fora do escritório, apanhei o chapéu no *hall* e saímos.

Eu levarei o *roadster* para a garagem, de modo que tivemos de caminhar até lá. Helen aguardou-me à porta. Entrámos no carro, virámos para a Décima Avenida e eu disse-lhe:

— A senhora tem recebido golpes da direita e da esquerda e está extenuada. Recoste-se no assento, feche os olhos e respire fundo.

Helen agradeceu a sugestão, mas conservou-se de busto ereto, de olhos abertos e nada disse durante todo o percurso até à Rua 65. Eu pensava que o acontecimento provavelmente ter-me-ia dado ensejo a fazer um bom trabalho. Logo que Helen irrompera no escritório com a notícia, comecei a lamentar a precipitação com que me retirara da Rua 73. O facto ocorrera exatamente no carro de Gebert, estacionado diante do meu, menos de cinco minutos após a minha partida. Teria sido uma sorte. Eu estaria no local, mais perto que ninguém...

Mas aquela noite, decididamente, não me reservava qualquer oportunidade. A minha permanência no apartamento dos Frosts foi breve e irritante. Helen entregou-me a chave da porta do *hall* da

entrada e, mal abri a porta, dei de caras com um detetive. Havia outro, numa cadeira, ao lado dos espelhos. Helen e eu fomos avançando, mas detiveram-nos.

— Podem, por favor, esperar um momento? Ambos — disse-nos o detetive.

Desapareceu na sala de estar e, em seguida, a porta abriu-se e entrou Cramer. Parecia preocupado e nada amistoso.

— Boa noite, Miss Frost. Venha comigo, faça favor.

— A minha mãe está? O meu primo...

— Estão todos aqui. Muito bem, Goodwin, muito obrigado. Tenha sonhos agradáveis.

Sorri.

— Não estou com sono. Posso ficar por aqui, sem me meter...

— E pode também ir-se embora, sem se meter. Vou observar a sua saída.

Percebi pelo seu tom que não valeria a pena insistir; ele continuaria inflexível. Não fiz caso. Inclinei-me diante da nossa cliente.

— Boa noite, Miss Frost.

Voltei-me para o detetive:

— Atenção, rapaz, abra a porta.

O rapaz nem se mexeu. Segurei a maçaneta, abri a porta e saí, deixando-a escancarada. Aposto o que quiserem como o detetive tornou a fechá-la.

CAPÍTULO XVII

Na manhã do dia seguinte, sábado, nada indicava que sobre o espírito ou sobre a consciência profissional de Nero Wolfe pesasse fardo mais pesado do que uma pluma. Lavei-me e vesti-me ainda não eram oito, na expectativa de que, antes do pequeno-almoço, fosse chamado pelo chefe da firma para o desempenho de qualquer missão. Mas antes tivesse dormido durante todos os meus quinhentos e dez minutos. O telefone da casa conservou-se em silêncio. Como de costume, Fritz levou uma bandeja com sumo de laranja, biscoitos e chocolate ao quarto de Wolfe, no momento previsto; não surgiu qualquer indicação de que o programa do dia incluísse tarefa mais ativa do que abrir os sobrescritos da correspondência da manhã e ajudar Fritz a esvaziar o cesto dos papéis.

Às nove horas, ouvi o zumbido do elevador, indicando que Wolfe subia para passar as duas horas de convívio com as orquídeas, em companhia de Horstmann. Achava-me sentado junto de uma pequena mesa, na cozinha, fazendo as honras a uma pilha de torradas e quatro ovos cozidos a fogo lento em manteiga e um copo de xerez; e absorvia o relato que os jornais da manhã estampavam sobre a morte sensacional de Perren Gebert. Um detalhe constituía novidade para mim. A ideia era que, ao entrar no automóvel, Gebert batera com a cabeça de encontro a um prato cheio de veneno, empoleirado sobre um pedaço de fita adesiva colado ao forro interno da capota, exatamente acima do assento do condutor; e o veneno derramara-se sobre a vítima, escorrendo a maior parte sobre o pescoço. Não davam o nome do veneno. Resolvi esvaziar a minha segunda chávena de café antes de ir procurar nas estantes do escritório um tratado de toxicologia para lhe dar uma olhadela. Não haveria mais que dois ou três tóxicos capazes de produzir efeitos tão rápidos e completos, aplicados externamente.

Pouco depois das nove horas recebi um telefonema de Saul Panzer. Perguntou por Wolfe e fiz a ligação para a estufa das orquídeas. E em seguida, para meu desgosto mas não surpresa, Wolfe isolou o seu aparelho, deixando-me fora da linha. Estendi as pernas, olhei para o bico dos sapatos e disse com os meus botões que ainda chegaria o dia

em que eu haveria de entrar naquele escritório levando um assassino numa mala e Wolfe teria de me pagar regamente para poder olhar lá para dentro. Pouco depois, Cramer telefonou. Também queria falar com Wolfe, e desta vez pude ouvir e rabiscar o que ouvia no caderno de notas, o que constituiu, de resto, um puro desperdício de papel e de talento. Cramer parecia fatigado e amargo, como a necessitar de uns copos e de um sono profundo e prolongado. O que mais o arreliaava era que no gabinete do procurador do Ministério Público estava tudo em alvoroço, prestes a encetar-se uma ação drástica. Wolfe, com simpatia, murmurou votos desejando que a atitude do procurador do Ministério Público não viesse a prejudicar os progressos de Cramer no caso, e Cramer mandou Wolfe à fava. Procedimento infantil.

Peguei num tratado de toxicologia. Quem me visse julgaria que eu era um estudioso absorvido em pesquisas, mas na realidade sentia-me como um tigre na jaula. Tinha tanta vontade de dar uma lambidela, que me fazia doer o estômago. Ainda para mais, sofria com o meu passivo de dois reveses naquele caso. O primeiro quando não lograra livrar Gebert das garras dos polícias em Glennanne, e o segundo quando me retirara da Rua 73 três minutos antes da chegada de Gebert à cena da tragédia.

Tal era o meu estado de espírito, bem pouco inclinado a cativar visitas, quando, por volta das dez horas, Fritz veio trazer-me um cartão onde li o nome de Mathias R. Frisbie. Disse a Fritz que o mandasse entrar. Já me tinham falado a respeito deste Frisbie, assistente do procurador do Ministério Público, mas nunca o vira. Observei, quando ele entrou, que eu não perdera muito em não o ter visto. Parecia um manequim — colarinho alto, roupas bem engomadas, rígido e frio como um cadáver embalsamado. Nos seus olhos só se via a expressão de um amor-próprio irritante.

Declarou-me que queria ver Nero Wolfe. Respondi que Mr. Wolfe estaria ocupado, como acontecia todas as manhãs, até às onze horas. Disse-me que o assunto era urgente e importante e exigia que Wolfe o recebesse imediatamente. Sorri.

— Espere um momento.

Subi três lanços de escada e fui encontrar Wolfe, na companhia de Theodore, a experimentar um novo método de polinização para

sementes híbridas. Fez um gesto para demonstrar que dera conta da minha presença ali.

— A ação drástica está lá em baixo — informei. — O nome é Frisbie. O sujeito que tratou do furto de Clara Fox para Muir, recorda-se? Ele quer que você abandone o que está a fazer, imediatamente, e corra lá para baixo.

Wolfe não falou. Aguardei meio minuto e depois perguntei jocosamente:

— Devo dizer ao homem que você está mudo?

Wolfe soltou um resmungo e disse sem se voltar:

— E você está contente por ele ter vindo. Mesmo sendo um assistente do procurador do Ministério Público, mesmo sendo esse sujeito. Não negue. Proporciona-lhe uma desculpa para vir incomodarme. Pois bem, já me incomodou. Agora, retire-se.

— Não quer mandar nenhum recado?

— Nenhum. Retire-se.

Desci as escadas. Entendi que Frisbie talvez gostasse de uns momentos de solidão, por isso detive-me na cozinha para cavaquear um pouco com Fritz sobre os preparativos do almoço e outros assuntos interessantes. Quando regressei ao escritório, encontrei Frisbie de cara sisuda, os cotovelos fincados nos braços da cadeira, as pontas dos dedos de uma mão unidas às pontas dos dedos da outra, numa combinação perfeita.

— Ah! Sim! Mr. Frisbie — disse. — Como o senhor diz que precisa falar com Mr. Wolfe pessoalmente, talvez deseje um livro ou qualquer outra coisa para se distrair. O jornal da manhã? Mr. Wolfe descera às onze horas.

Separaram-se as pontas dos dedos de Frisbie e perguntou:

— Ele está em casa, ou não?

— Certamente. Nunca sai.

— Então... não esperarei uma hora. Já me haviam prevenido que aconteceria isto. Mas não o tolero.

Encolhi os ombros.

— Muito bem. Procurarei agradar-lhe. Enquanto não o tolera, não quer ir passando os olhos pelos matutinos?

Frisbie levantou-se.

— Escute. Isto é insuportável. Esse Wolfe teve sempre o arrojo de opor obstáculos ao trabalho do nosso gabinete. Mr. Skinner mandou-me aqui...

— Foi o que previ. Mr. Skinner não tornaria a vir aqui pessoalmente, depois do que aconteceu da última vez...

— Ele mandou-me aqui e não ficarei sentado nesta cadeira até às onze horas. Devido à indulgência excessiva com que Wolfe tem sido tratado por certos funcionários, considera-se acima da lei. Ninguém pode zombar da justiça, ninguém! — O colarinho alto tornara-se mais alto. — Boyden McNair foi assassinado há três dias, exatamente neste escritório, e tudo indica que Wolfe, sobre este assunto, sabe mais do que o que contou. Ele deveria ter sido conduzido imediatamente à presença do procurador do Ministério Público; mas não, nem sequer foi interrogado como convinha! Agora, outro homem foi assassinado e de novo há boas razões para crer que Wolfe sonegou informações que teriam, talvez, evitado essa morte. É uma grande condescendência da minha parte vir aqui procurá-lo, e quero vê-lo imediatamente. Imediatamente!

— Sim, sei que o senhor quer vê-lo, mas não perca a calma por isso. Levemos o caso para o terreno das hipóteses. Se eu lhe disser que tem de esperar até às onze, que acontecerá?

Fitou-me assombrado.

— Eu não espero! Vou para o meu gabinete e faço a cama a esse Wolfe! Hei de fazer com que a licença dele seja cassada! Ele entende que o seu amigo Morley pode salvá-lo, mas não conseguirá escapar em face desta manobra fraudulenta...

Nesse momento, esbofetei o homem. Não o teria feito, provavelmente, não fora o mau humor em que me encontrava desde cedo. Não foi mais do que uma pequena bofetada, uma simples pancada da palma da mão numa das faces; mas bastou para abatê-lo um pouco. Recuou um passo, começou a tremer e ficou de braços pendentes e punhos cerrados.

— Não tente reagir — disse-lhe. — Acalme-se ou voltarei a bater-lhe.

Estava fora de si, não conseguia articular corretamente as palavras e tartamudeou:

— Você há de arrepen... arrepender-se... Você...

— Cale a boca e saia daqui antes que me enfureça. Fala em cassar licenças! Sei qual é o seu mal, tem ilusões de grandeza, e entende que está num trono desde que lhe deram uma escrivaninha e uma cadeira para sentar-se num gabinete. Sei tudo a seu respeito. Sei por que razão Skinner o mandou aqui: quis apenas que você fizesse figura de urso, e você nem isso percebeu. Da próxima vez que abrir a boca para dizer que Nero Wolfe realiza manobras ou fraudes, não o bofetearei dentro de casa, mas em público. Rua!

De certo modo, o meu procedimento parecia-me correto, e nem poderia agir de outra forma, naquelas circunstâncias; mas a verdade é que não senti uma satisfação muito grande. O homem voltou-se e saiu, e pouco depois ouvi o barulho da porta da rua fechando-se atrás de si. Sentei-me à escrivaninha, bocejei, cocei a cabeça e derrubei o cesto de papéis com um pontapé. Sentira prazer em esbofetear Frisbie e expulsá-lo do escritório; agora, porém, sentia-me propenso a considerar-me um homem honrado, e isto tornava-me azedo e ainda mais mal-humorado do que antes. Não gosto de me considerar um homem honrado, pois isso causa-me mal-estar e dá-me vontade de dar um pontapé em qualquer coisa.

Levantei o cesto, e nele repus o conteúdo, papel por papel. Tomei o relatório das plantas, abri-o, tornei a largá-lo, fui à sala da frente e através da janela lancei um olhar para a Rua 35. Voltei, respondi a um telefonema do Ferguson's Market e encarreguei Fritz do assunto; finalmente, abanquei de novo, compulsando o tratado de toxicologia. Estava às voltas com o livro quando Wolfe desceu, às onze horas.

Wolfe avançou para a sua secretária, sentou-se e executou os movimentos habituais com a caneta, a correspondência, o vaso de orquídeas, o botão da campainha para pedir cerveja. Fritz chegou com a bandeja, Wolfe abriu uma garrafa, bebeu e enxugou os lábios. Depois, acomodou-se com gosto na cadeira e suspirou. Descansava após a extenuante atividade entre os vasos de flores.

— Frisbie tornou-se imprudente e dei-lhe uma bofetada — declarei.
— Vai cassar a sua licença, obsequiá-lo com diversas espécies de papéis e metê-lo em maus lençóis.

Wolfe abriu os olhos.

— Ele anunciou que vai revogar-me a licença antes ou depois de você lhe bater?

— Antes. Depois não falou muito.

Wolfe encolheu os ombros.

— Confio na sua discrição, Archie; às vezes, porém, parece que confio na discrição de uma avalanche. Não havia outro recurso senão bater no homem?

— Não lhe bati. Nem mesmo lhe apliquei uma bofetada propriamente dita. Foi apenas um gesto de aborrecimento. Estou muito mal-humorado.

— Compreendo. Este caso tem sido aborrecido e desagradável desde o começo. Acho que aconteceu qualquer coisa a Saul. Temos uma tarefa diante de nós. Terminará, creio eu, de forma tão desagradável como começou; mas ultimaremos o trabalho com arte, se possível, e com uma finalidade. Ah! Faço votos que seja Saul quem chega.

Tocara a campainha da porta. Mas, de novo, como na noite anterior, não era Saul. Desta vez era o inspetor Cramer. Fritz introduziu-o no escritório. Cramer tinha o aspeto de quem necessitava de um conserto, com intumescências sob os olhos, os cabelos grisalhos em desalinho e o porte não tão empinado e militar como o exigia a sua categoria de inspetor. Wolfe saudou-o:

— Bom dia! Sente-se. Aceita um pouco de cerveja?

Cramer ocupou a cadeira de interrogatório, encheu o peito com uma inspiração funda, tirou um charuto da algibeira, olhou-o com cara feia e tornou a guardá-lo. Respirou fundo mais uma vez e disse:

— Quando chego ao ponto de não querer um charuto, é porque estou mesmo numa complicação dos diabos. — Olhou-me. — Que é que você fez a Frisbie?

— Nada. Não me lembro de nada.

— Bom, ele lembra-se. Creio que você está acabado. Acho que ele vai esmagá-lo sob a acusação de traição.

Sorri.

— Ainda não tinha pensado nisso. Julgo que foi o que houve: traição. Que vão fazer, enforcar-me?

Cramer encolheu os ombros.

— Não sei e não me interessa. O que lhe possa acontecer é o que menos me preocupa. Meu Deus, gostaria de ter disposição para fumar um charuto. — Tirou um charuto do bolso novamente, examinou-o e desta vez conservou-o na mão. Não prestou mais atenção à minha pessoa. — Desculpe-me, Wolfe, não lhe respondi ainda que não quero cerveja. Você, com certeza, pensa que vim aqui para armar confusão.

— E não foi? — murmurou Wolfe.

— Não. Vim para uma conversa razoável. Posso fazer-lhe umas perguntas francas e obter respostas francas?

— Pode experimentar. Dê-me uma amostra.

— Muito bem. Se revistássemos esta casa encontraríamos a caixa vermelha?

— Não.

— Você viu a caixa alguma vez, ou sabe onde ela está?

— Não. Nem uma coisa nem outra.

— McNair disse-lhe aqui, na quarta-feira antes de morrer, alguma coisa capaz de proporcionar uma explicação para estes assassinios?

— Você já ouviu todas as palavras que Mr. McNair pronunciou nesta sala. Archie leu-lhe as suas notas.

— Sim. Eu sei. Você recebeu, de alguma outra fonte, informações sobre o móbil dos crimes?

— Ora, francamente... — Wolfe sacudiu o dedo. — Tal pergunta é absurda. Sem dúvida que recebi. Não estou a tratar do caso há quatro dias?

— De quem?

— Uma delas, de si.

Cramer esgazeou os olhos, assombrado. Levou o charuto à boca, prendeu-o entre os dentes, sem atinar com o que fazia. Levantou as mãos e deixou-as cair novamente.

— O seu mal, Wolfe — declarou —, é que não consegue esquecer por um só instante que é inteligente a valer. Diabo, sei disso. Pensa que perco o meu tempo fazendo visitas como esta a Del Pritchard ou Sandy Mollew? Quando foi que lhe dei a tal informação?

Wolfe abanou a cabeça.

— Não, Mr. Cramer. Agora, como dizem as crianças, naquele jogo infantil, está quente. Mas não toquei ainda bem no ponto. Porque não

invertemos os papéis? Também tenho as minhas curiosidades. A história estampada no jornal da manhã está incompleta. Que mecanismo foi aquele que entornou o veneno por cima de Mr. Gebert?

— Você quer saber? — resmungou Cramer.

— Tenho curiosidade. E assim o tempo passaria mais depressa.

— Sim, passaria. — O inspetor tirou o charuto da boca, examinou-lhe a ponta e verificou com surpresa que não o acendera; riscou um fósforo e tirou umas fumaças. — A coisa foi feita assim: pegaram num bocado de fita adesiva, de dois centímetros de largura por vinte de comprimento. Colaram as extremidades da fita ao forro da capota do automóvel de Gebert, por cima do assento do condutor, de modo que a fita, no meio, ficou com uma concavidade, como uma rede. Pegaram num prato levíssimo, desses de plástico que são vendidos nas lojas de conveniência, e colocaram-no sobre aquela pequena rede, equilibrando-o muito cuidadosamente, pois o mais ligeiro toque poderia entorná-lo. Antes de colocar o prato na rede, deitaram lá dentro duas colheres de nitrobenzeno ou, se quiser, pode dizer essência de mirbane ou óleo de amêndoas amargas, porque é tudo a mesma coisa. Também deitaram no prato cerca de uma colher de água pura, de modo que o nitrobenzeno se acumulasse no fundo e a água impedisse que a essência se evaporasse, ou exalasse cheiro. Quem quer que entre num automóvel, em circunstâncias vulgares, tem os olhos voltados naturalmente para baixo, e só há uma probabilidade em mil de perceber qualquer coisa que esteja colada ao forro da capota, sobretudo de noite. Além disso, a cabeça de quem entra num carro quase que toca na capota, quando não se encosta de todo, e decerto haveria de bater no prato de veneno e derrubá-lo. Mesmo que tal não ocorresse, o prato cairia e derramaria o conteúdo sobre a vítima ao primeiro solavanco, ou na primeira curva. Não considera o estrategema prático?

Wolfe concordou, com um gesto.

— Do ponto de vista pragmático, quase perfeito. Simples, eficiente e barato. Para quem já tem o veneno em seu poder, para qualquer emergência, a despesa total não ultrapassa os quinze centimos: fita adesiva, uma pouco de água e um prato leve. Pelo relato dos jornais, suspeitei que se tratasse de nitrobenzeno. É um veneno poderoso para

esse efeito.

Cramer fez um gesto de altivez.

— Se é! O ano passado, um operário de uma fábrica de tintas derramou alguns gramas de nitrobenzeno nas calças, não diretamente sobre a pele, e morreu uma hora depois. O detetive que eu mandara para vigiar Gebert foi dos primeiros a socorrê-lo, quando ele correu e caiu. Uma pequena porção de veneno atingiu as mãos do detetive, além de que ele aspirou um pouco o forte vapor... pois o homem está agora no hospital, de cara azul e lábios e unhas roxos. O médico diz que ele escapou por um triz. Lew Frost também ficou um pouco afetado, mas não é nada de grave. Gebert, com certeza, ao perceber que o líquido se derramara em cima dele e ao sentir-lhe o cheiro, deve ter voltado a cabeça, pois um pouco do veneno atingiu-lhe o rosto, e é possível mesmo que algumas gotas lhe tenham caído nos olhos. Eu queria que você o visse uma hora depois do que aconteceu.

— Eu não. — Wolfe servia-se de cerveja. — Se o tivesse visto, ele não ficaria melhor, nem eu tampouco. — Bebeu, procurou um lenço no bolso e, não o encontrando, tirou um da gaveta. Acomodou-se na cadeira e contemplou com simpatia o inspetor. — Mr. Cramer, vejo que o trabalho de rotina progride satisfatoriamente.

— Inteligente, de novo, hein? — Cramer tirou uma fumaça. — Exigirei a inversão dos papéis sem demora. Mas quero satisfazê-lo. O trabalho de rotina progride exatamente como deve progredir, mas não dá resultado nenhum. Por isso, você precisa de abrir a boca. Sugeriu-me, quarta-feira, que vigiasse a família Frost; muito bem, qualquer um deles poderia ser culpado deste último crime. Se fossem os mais novos, teriam feito o trabalho juntos, pois foram juntos para a capela. Disporiam de muito pouco tempo para colar a fita e arranjar o prato, pois entraram na capela apenas um minuto ou dois depois de Gebert. Poderiam ter concluído o serviço em dois minutos; fiz um teste a esse respeito. O tio e a mãe chegaram separadamente, e qualquer um deles disporia de tempo à vontade. É possível atribuir-lhes a culpa, mas não se pode indiciar nenhum com precisão. Quanto à oportunidade, todos eles a tiveram.

O inspetor soltou mais algumas baforadas.

— Uma coisa em que se poderia pensar seria descobrir qualquer

transeunte que porventura tenha observado movimentos na capota do carro; mas a coisa podia ser feita por dentro, com a porta fechada, não despertando muita atenção, além de que era de noite. Temos andado sem sorte, neste caso, até agora. Encontrámos frascos vazios no carro: frascos vulgares de cinquenta gramas, que existem aos montes em qualquer farmácia, sem rótulos. Também é claro que não havia impressões digitais nem nos frascos nem no prato; e quanto a descobrir a procedência de tais objetos, você sabe que é como procurar uma agulha no palheiro. Estávamos a averiguar as compras de nitrobenzeno, mas concordo consigo ao dizer que quem quer que seja o criminoso não nos deixaria uma pista dessas.

«Vou dizer-lhe uma coisa. — Cramer soprava baforadas novamente. — Creio que não solucionaremos este problema. Podemos continuar os esforços, mas não acredito que o solucionaremos. Contra nós operam os favores da sorte e uma inteligência diabólica. Terão de decorrer muitos meses para que eu torne a entrar no meu automóvel sem olhar para cima. Ou descobrimos a causa destes crimes, ou juro que jamais deslindamos o caso. Sei que esse é também o seu objetivo e por isso diz que a caixa vermelha traria respostas às nossas interrogações. Mas onde diabo está a caixa? Se não a encontramos, teremos de descobrir o móbil do crime sem ela. E até agora a questão do motivo continua em branco, não só no que se refere aos Frosts mas a todas as pessoas que foram alvo das nossas investigações. Suponhamos que Dudley Frost não tenha sido probo na administração dos bens de que é curador, o que é ainda duvidoso; de que lhe valeria matar McNair e Gebert? Quanto a Lew e à rapariga, não há sequer uma sombra de motivo. Quanto a Mrs. Frost, sabemos que ela financiou Gebert liberalmente e durante muito tempo. Ela declara que estava a amortizar uma velha dívida, e agora ele está morto; mas mesmo que estivesse vivo, não nos diria nada sobre o assunto. Provavelmente, tratava-se de chantagem, originada por algum facto ocorrido há muitos anos; mas porque teria ela resolvido eliminá-lo justamente agora? E de que maneira McNair se enquadra nesse caso? McNair foi o primeiro a morrer.

Cramer bateu a cinza do charuto no cinzeiro, acomodou-se na cadeira e resmungou amargamente:

— Olhe! Tenho uma ou duas perguntas para si. Acho-me no mesmo ponto em que me encontrava terça-feira, quando aqui vim; a única diferença é que, agora, mais duas pessoas foram assassinadas. O caso não é do meu género. Há coisa de uma hora, no gabinete do procurador do Ministério Público, estavam a querer colocar uma corda em redor do seu pescoço, e o que eu então disse a Frisbie daria para fritar um ovo. Você é o sujeito mais casmurro que já vi, mas, ao mesmo tempo, possui metade da inteligência que julga possuir e isso coloca-o acima de todos os homens, desde Júlio César. Sabe porque modifiquei a minha atitude em relação a si, de ontem para cá? Porque Gebert foi morto e você continua com a mesma cliente. Se tivesse abandonado o caso esta manhã, eu seria o primeiro a colocar três cordas em redor do seu pescoço. Mas agora acredito em si. Não creio que a caixa vermelha...

A interrupção foi causada por Fritz, que bateu à porta, entrou, aproximou-se da secretária de Wolfe, dobrou-se e anunciou:

— Mr. Morgan deseja vê-lo, senhor.

Wolfe fez um gesto de compreensão e as pregas das bochechas desdobravam-se um pouco, o que não lhe acontecia desde o momento em que lhe interrompi a conferência culinária.

— Está bem, Fritz, não temos segredos para com Mr. Cramer — murmurou. — Mande-o entrar.

— Sim, senhor.

Fritz partiu e, logo a seguir, entrou Saul Panzer. Cravei nele os olhos. Parecia um pouco abatido, mas não exatamente descoroçoado; sobraçava um pacote de papel pardo, mais ou menos do tamanho de uma caixa de charutos. Deteve-se em frente da secretária de Wolfe.

Wolfe contemplou-o.

— E então?

Saul acenou afirmativamente.

— Sim, senhor.

— Conteúdo em ordem?

— Sim. Conforme o senhor disse. O que me atrasou...

— Não importa. O que interessa é que você chegou. Satisfatório. Archie, faça favor de colocar este pacote no cofre. Por enquanto, é tudo, Saul. Volte às duas horas.

Agarrei no pacote, abri o cofre e guardei-o. Percebi que o pacote era sólido, mas não pesava muito. Saul retirou-se.

Wolfe encostou-se no espaldar da cadeira e semicerrou os olhos.

— Assim é — murmurou e soltou um suspiro fundo. — Mr. Cramer. Observei-lhe há pouco que, conversando, o tempo passaria mais depressa. E assim foi. É sempre um triunfo escapar ao tédio. — Consultou o relógio. — Agora, podemos falar sobre o trabalho. Já passa do meio-dia e almoçamos à uma hora. Pode trazer aqui todos os membros da família Frost, às duas horas? Se assim o fizer, solucionarei este caso para si. Precisaremos de uma hora, talvez.

Cramer coçou o queixo. Coçou com a mão que segurava o charuto, as cinzas caíram-lhe nas calças sem que ele o notasse. Contemplava Wolfe com assombro e por fim falou:

— Uma hora, hein?

Wolfe confirmou com um gesto.

— Talvez mais. Mas acho que não.

Cramer arregalou um olho.

— Ah! Acha que não. — Escorregou para a beira da cadeira. — Que contém aquele pacote que Goodwin acaba de guardar no cofre?

— Uma coisa que me pertence. Ora, espere! — Wolfe sacudiu o dedo. — De que lhe serve esbravejar? Convido-o a vir aqui para observar a solução dos assassinios de Molly Lauck, Mr. McNair e Mr. Gebert. Não discutirei o assunto e não quero ouvi-lo a gritar comigo. Se estivesse disposto, poderia convidar, em vez de você, os representantes da imprensa ou Mr. Morley, do gabinete do procurador do Ministério Público. Quase qualquer pessoa. Você é rude. Queria alterar com a boa fortuna? Às duas horas todos os Frosts devem estar aqui. Concorde?

Cramer ergueu-se.

— Com todos os diabos! — Relanceou a vista para o cofre. — Aquilo é a caixa vermelha, hein? Diga-me.

Wolfe abanou a cabeça.

— Às duas horas.

— Está bem. Mas escute. Você às vezes deixa-se levar por fantasias. É bom que tenha respostas.

— Terei, às duas horas.

O inspetor tornou a olhar para o cofre, abanou a cabeça, prendeu o charuto entre os dentes e retirou-se.

CAPÍTULO XVIII

A tribo dos Frosts chegou toda ao mesmo tempo, pouco depois das duas, por uma boa razão: acompanhavam-na o inspetor Cramer e Purley Stebbins, da Brigada de Homicídios. Purley veio com Helen e a mãe desta num automóvel azul-escuro, que julguei pertencer a Helen; Cramer trouxe os dois homens no seu próprio carro policial. O almoço terminara, e eu estava a espreitar pela janela da frente, quando eles chegaram; vi-os sair dos carros e corri ao *hall* para recebê-los. Tinha instruções para conduzi-los diretamente ao escritório.

Sentia-me nervoso como um congressista em dia de eleição. Wolfe participara-me que estavam previstos lances sensacionais no seu programa. Para ele ficavam muito bem aquelas charadas ambíguas, porque não tinha nervos e era tão vaidoso dos seus méritos, que nem de leve temia a possibilidade de um fracasso. Eu, porém, era feito de estofos diversos e não me agradavam as sensações que estava a experimentar. Na verdade, Wolfe declarara pouco antes, durante o almoço, que tínhamos pela frente uma tarefa arriscada e desagradável, mas que não a levava muito a sério; apenas chamava a minha atenção para o facto de que ia realizar um trabalho especial.

Recebi os visitantes, auxiliei-os a guardar chapéus e casacos no *hall* e conduzi-os ao escritório. Wolfe, sentado à sua secretária, saudou os recém-chegados com uns movimentos de cabeça. Eu já tinha arranjado as cadeiras e agora só me restava indicar os lugares: Helen foi a que ficou mais perto de Wolfe, tendo Cramer à sua esquerda; Llewellyn sentou-se ao lado de Cramer; o tio Dudley ocupou um lugar não muito longe de mim, de modo a poder alcançá-lo e amordaçá-lo em caso de necessidade; Mrs. Frost instalou-se do outro lado de Dudley, na enorme cadeira de couro que em geral ficava ao pé do grande globo. Nenhum deles parecia muito alegre. Llewellyn tinha os olhos esbugalhados e no rosto uma cor acinzentada, creio que devido ao nitrobenzeno que o salpicara. Mrs. Frost não estava nada abatida, porém, pálida e vestida de preto. Helen, de vestido castanho-escuro e chapéu da mesma cor, entrelaçou os dedos assim que se sentou, olhou para Wolfe e deixou-se ficar nessa atitude. Dudley olhava para todos, desinquieto. Wolfe murmurou ao inspetor:

— O seu subordinado, Mr. Cramer. Ele não pode esperar na cozinha?

— Ele está bem aqui — resmungou Cramer. — Não morde em ninguém.

Wolfe sacudiu a cabeça.

— Não precisamos dele aqui. Na cozinha estará melhor.

Cramer parecia disposto a discutir, mas depois encolheu os ombros e disse ao homem que saísse:

— Vá para a cozinha, Stebbins. Se for preciso, chamo-o.

Purley dirigiu-me um olhar irritado e saiu. Wolfe esperou até que a porta se fechasse, depois olhou os presentes e declarou:

— E aqui estamos. Embora tivesse a certeza de que viriam, em atenção ao convite de Mr. Cramer, mesmo assim apresento-lhes os meus agradecimentos. Era sempre preferível que comparecessem todos aqui, apesar de que nada temos a esperar de nenhum...

— Viemos obrigados! — explodiu Dudley Frost. — O senhor sabe disso! Que outra coisa poderíamos fazer, em face da atitude tomada pela Polícia?

— Mr. Frost! Por favor...

— Não tem nada que pedir por favor! Apenas digo que é bom não esperar nada de nós, porque nada conseguirá! Ante a atitude ridícula da Polícia, não me submeterei a qualquer interrogatório, a não ser na presença do meu advogado! Já disse isto ao inspetor Cramer! Pessoalmente, nego-me a pronunciar uma só palavra! Nem uma palavra!

Wolfe brandiu o dedo:

— Se por acaso isso lhe for possível, Mr. Frost, comprometo-me a não o importunar. E agora temos boas razões para não admitir advogados. Como estava a dizer, nada temos a esperar dos senhores e das senhoras que aqui compareceram, senão que escutem uma explicação. Não haverá interrogatório. Prefiro tomar a palavra e tenho muito que dizer. A propósito, Archie, preciso de ter aqui à mão o objeto.

Isto foi a deixa para o primeiro lance sensacional. Não me competia falar, mas desempenhar um papel. Ergui-me, fui ao cofre, tomei o pacote de Saul e coloquei-o sobre a secretária, diante de

Wolfe; mas o invólucro de papel fora tirado antes do almoço. O que depus sobre a secretária era uma velha caixa de couro vermelho, desbotada, e escalavrada, mais ou menos de vinte centímetros de comprimento, dez de largura e cinco de altura. De um lado, viam-se as dobradiças amarelas da tampa e do outro uma pequena fechadura dourada, com o orifício da chave. Wolfe lançou um rápido olhar à caixa e empurrou-a para um lado. Sentei-me e puxei do bolso o caderno de notas.

A assistência mexeu-se nas cadeiras, mas não fez comentários. Todos fixavam o olhar na caixa, com exceção de Helen Frost; esta encarava Wolfe. Cramer mostrava-se prudente e pensativo, os olhos fixos na caixa.

Wolfe falou com inopinada energia:

— Archie! Não precisa de tomar notas. As palavras que aqui se pronunciarão, na maior parte, serão minhas, e não as esquecerei. Por favor, agarre no seu revólver e conserve-o na mão. Se por acaso houver necessidade, atire. Não queremos que ninguém venha esguichar nitrobenzeno aqui... Tem de ser assim, Mr. Frost! Pare com isso! Lembro-lhe que uma mulher e dois homens foram assassinados! Fique quieto na sua cadeira!

Dudley Frost acalmou-se de facto. Em parte, devido à minha automática, que eu tirara da gaveta e agora conservava na mão, descansando sobre o joelho. A vista de um revólver carregado em mão alheia exerce sempre influência sobre qualquer sujeito, seja lá quem for. Observei que Cramer arrastou a cadeira para trás um pouco e parecia ainda mais prudente que antes, com a testa franzida.

— Isto naturalmente é um melodrama — disse Wolfe. — Todo o assassinio é um melodrama, porque a verdadeira tragédia não é a morte, mas as condições que levam a esse desenlace. Não importa. — Encostou-se no espaldar da cadeira e focou os olhos semicerrados sobre a nossa cliente. — Quero dirigir-me a si, Miss Frost, em primeiro lugar. Em parte, por mera vaidade profissional. Desejo demonstrar-lhe que conseguir os serviços de um bom detetive significa muito mais do que contratar alguém para levantar tábuas de soalhos e escavar canteiros de flores em busca de uma caixa vermelha. Desejo demonstrar-lhe que, antes de ter posto os olhos em cima desta caixa

ou do seu conteúdo, já conhecia os factos centrais deste caso. Sabia quem tinha assassinado Mr. McNair e porquê. Vou causar-lhe um choque, mas não o posso evitar.

Wolfe suspirou e prosseguiu:

— Serei breve. Antes de tudo, não mais lhe darei o nome de Miss Frost e sim de Miss McNair. O seu nome é Glenna McNair e a senhora nasceu a dois de abril de mil novecentos e quinze.

Olhei para os outros pelo canto do olho. Pude ver que Helen se conservava rígida na sua cadeira, que Lew teve um sobressalto, que Dudley sofreu também um sobressalto e ficou de boca aberta; mas o meu principal interesse foi para Mrs. Frost. Parecia mais pálida do que à chegada, mas nem sequer pestanejou. Naturalmente, a exibição da caixa vermelha já a preparara para isto. Ela falou, no meio de algumas exclamações dos homens, calma e lacónica:

— Mr. Wolfe. Creio que o meu cunhado tem razão. Este absurdo requer a presença de advogados.

Wolfe retrucou também com calma:

— Penso que não, Mrs. Frost. E se for preciso, haverá tempo de sobra para os advogados. No presente momento, a senhora deverá conservar-se nessa cadeira até que o absurdo termine.

Helen Frost disse, num tom seco:

— Mas então, o tio Boyd era meu pai. Era meu pai. Sempre foi. Como? Diga-me como!

Lew levantou-se da sua cadeira, pôs a mão no ombro da jovem e olhou para a sua tia Callie. Dudley guardou silêncio.

— Por favor. Sente-se, Mr. Frost — disse Wolfe. — Sim, Miss McNair, ele sempre foi seu pai. Mrs. Frost entende que eu ignorava esse facto antes de ser encontrada esta caixa vermelha, mas engana-se. Convenci-me definitivamente da verdade na manhã de quinta-feira, quando a senhora me revelou que, na eventualidade da sua morte antes de atingir os vinte e um anos, toda a fortuna de Edwin Frost passaria ao irmão e ao sobrinho. Quando pensei nisso, em combinação com outros pontos que se haviam oferecido, o quadro ficou completo. Evidentemente, a primeira coisa que me indicou essa possibilidade foi o facto de Mr. McNair ter o inconcebível desejo de que a senhora usasse diamantes. Que virtude especial teriam os diamantes para a

senhora... uma vez que a senhora não parecia apreciá-los muito? Não seria porque o diamante é a pedra-talismã dos que nascem em abril? Notei essa possibilidade.

— Meu Deus! Eu dizia... — disse Llewellyn. — Eu disse a McNair uma vez...

— Por favor, Mr. Frost. Outro pequeno ponto: Mr. McNair contou-me quarta-feira à tarde que a sua esposa morrera, mas não que morrera a sua filha. Disse que «perdera» a filha. Isto, naturalmente, é um eufemismo vulgar que designa a morte, mas porque não o empregou também quando se referiu à esposa? Uma pessoa pode falar de maneira direta ou por eufemismos, mas raramente fala das duas formas numa mesma frase. Mr. McNair disse que os seus pais tinham morrido. Duas vezes declarou que a esposa morrera. Mas a filha, não; disse que a «perdera».

Moveram-se os lábios de Glenna McNair e murmurou:

— Mas como? Como? De que maneira me perdeu...?

— Sim, Miss McNair. Tenha paciência. Apresentavam-se ainda vários outros pequenos pontos, coisas que a senhora me contou a respeito do seu pai e de si mesma. Não preciso de as repetir. Já lhe disse o suficiente, creio, para demonstrar-lhe que eu não necessitava da caixa vermelha para saber quem a senhora é, quem matou Mr. McNair e Mr. Gebert, e qual a razão. Seja como for, não darei mais largas à minha vaidade às suas expensas. A senhora quer saber de que maneira. É simples. Apontarei os factos principais... Mrs. Frost, sente-se!

Não sei se Wolfe demorou o olhar na minha pistola mais do que o recomendam as regras do palco, mas eu não. Mrs. Edwin Frost erguera-se, agarrada a uma bolsa de couro preto de bom tamanho. Admito que não era provável que ela trouxesse um pulverizador cheio de nitrobenzeno para o escritório de Nero Wolfe, o que seria encontrado se ela fosse revistada, mas não se podia ter a certeza. Achei melhor interferir para conseguir um entendimento.

— Devo dizer-lhe, Mrs. Frost, que se não lhe agrada esta pistola apontada à senhora, entregue-me essa bolsa ou deixe-a cair no chão.

Não me deu atenção, encarou Wolfe e disse com indignação comedida:

— Não podem obrigar-me a escutar estes disparates. — Notei-lhe nos olhos um fugaz lampejo do fogo interior. — Retiro-me. Helen, vamos.

Encaminhou-se para a porta. Fui-lhe no encalço. Cramer levantara-se e postou-se à frente da senhora antes de mim. Barrou-lhe o caminho, mas não lhe tocou.

— Espere, Mrs. Frost. Apenas um instante. — Olhou para Wolfe. — Que é que você descobriu? Não estou a par da situação.

— Descobri o bastante, Mr. Cramer. — Wolfe falou com aspereza. — Arrebate-lhe essa bolsa e conserve-a nesta sala, caso contrário arrepender-se-á eternamente.

Cramer não hesitou mais que meio segundo. Uma das coisas que eu apreciava nele era a sua capacidade de tomar decisões rápidas. O inspetor pôs a mão no ombro da senhora; ela recuou, desenhando-se, e empertigou-se.

— Dê-me a bolsa e sente-se — ordenou Cramer. — Não é nenhum sacrifício. Se quiser, depois, terá todos os meios para um desforço.

Cramer aproximou-se e tomou-lhe a bolsa. Notei que naquela conjuntura ela não apelou aos seus parentes masculinos; não imaginei que fosse muito forte em matéria de apelos. Nem tremeu sequer. Fixou em Cramer um olhar duro:

— O senhor retém-me aqui à força, não é?

— Bom... — Cramer encolheu os ombros. — A senhora ficará, acredito, por um certo tempo. Até terminar.

Mrs. Frost voltou e sentou-se. Glenna McNair dirigiu-lhe um rápido olhar, depois tornou a encarar Wolfe. Os homens não olharam para Mrs. Frost.

— Estas interrupções não ajudarão ninguém — disse Wolfe de mau humor. — E à senhora, decerto que não, Mrs. Frost; agora, nada a poderá ajudar. — Dirigiu-se à cliente: — A senhora quer saber de que maneira. Em mil novecentos e dezasseis, Mrs. Frost seguiu com a sua filhinha Helen, que então contava apenas um ano de idade, para a costa oriental da Espanha. Lá, a filha morreu um ano depois. Consoante os termos do testamento do seu falecido marido, a morte de Helen significava que toda a fortuna passaria para Dudley e Llewellyn Frost. Isto não agradava a Mrs. Frost e ela formulou um plano. Era

tempo de guerra e a confusão reinante em toda a Europa tornou possível executar o plano. Um velho amigo de Mrs. Frost, Mr. Boyden McNair, tinha uma filhinha quase da mesma idade de Helen, com diferença apenas de um mês; morrera a esposa de Mr. McNair e ele encontrava-se sem dinheiro, desprovido de qualquer meio de subsistência. Mrs. Frost comprou a filha de Mr. McNair, explicando-lhe que, de qualquer modo, para a criança seria melhor. Neste momento, realizam-se inquéritos em Cartagena, relativos a uma adulteração no registo de óbitos no ano de mil novecentos e dezassete. A ideia consistia, naturalmente, em difundir a notícia de que Glenna McNair morrera e Helen Frost estava viva.

«Imediatamente, Mrs. Frost conduziu a menina, como sendo Helen Frost, para o Egito, onde pouco perigo havia de ser vista por algum viajante que a tivesse conhecido em Paris. Quando a guerra terminou, mesmo o Egito lhe pareceu perigoso, e prosseguiu para o Extremo Oriente. Até a senhora, Miss McNair, completar nove anos, Mrs. Frost não se atreveu a trazê-la para esta parte do mundo, e, mesmo então, evitou a França. A senhora veio do Levante para este continente.

Wolfe mexeu-se na cadeira e os seus olhos buscaram outro alvo.

— Julgo que seria mais polido, Mrs. Frost, desta parte em diante, dirigir-me à senhora. Vou falar sobre as duas dificuldades que o seu plano encontrou, uma delas logo desde o início. Encarnava-a a pessoa do seu jovem amigo Perren Gebert. Ele sabia de tudo, porque estava presente, e a senhora teve de pagar-lhe pelo seu silêncio. Chegou mesmo a levá-lo ao Egito, o que constituiu uma sábia precaução, embora não lhe agradasse a presença dele. Enquanto Gebert fosse pago, não representava perigo sério, pois era homem que sabia prender a língua. Depois, uma nuvem toldou-lhe o céu, mais ou menos há dez anos, quando Boyden McNair, que lograra êxito em Londres e recuperara a dignidade, chegou a Nova Iorque. Queria estar perto da filha que perdera e não tenho dúvidas de que se converteu num incómodo. Ele submeteu-se ao compromisso fundamental do negócio que fizera consigo em mil novecentos e dezassete, porque era um homem escrupuloso, mas não deixou de aborrecê-la com pequenas impertinências. Insistia no seu direito de se tornar bom amigo da filha. Creio que foi por essa altura que a senhora adquiriu, presumivelmente

numa viagem à Europa, certos produtos químicos, pressentindo que deles necessitaria algum dia.

Wolfe sacudiu o dedo na direção de Mrs. Frost. Sentada, empertigada e imóvel, ela tinha o olhar fixo em Wolfe e dir-se-ia que os lábios da sua boca orgulhosa estavam mais apertados que o normal. Wolfe prosseguiu:

— E o certo é que a necessidade surgiu. Foi uma dupla emergência. Mr. Gebert concebeu a ideia de desposar a herdeira antes de ela atingir a maioridade e insistiu em que a senhora lhe emprestasse a ajuda da sua influência e autoridade. E, o que era pior, agitaram-se os escrúpulos de Mr. McNair. Ele não me disse com precisão qual a natureza das exigências que fez, mas desconfio quais foram. Queria comprar a filha, numa segunda transação. Não foi? Fora ainda mais bem-sucedido em Nova Iorque do que em Londres e dispunha de muito dinheiro. Na verdade, achava-se ainda preso ao compromisso que assumira consigo em mil novecentos e dezassete, mas suponho que ele afinal se persuadira de que existia uma obrigação mais alta, tanto para com os seus sentimentos paternos, como para com a própria Glenna. Sem dúvida, sentia-se indignado com a impudente aspiração de Mr. Gebert em casar-se com Glenna, e também com a sua aparente aquiescência a esses planos matrimoniais.

«A senhora revoltou-se contra essa situação, bem compreendo, pois tinha empenhado toda a sua inteligência, devoção e vigilância, gerindo por vinte anos uma bela renda. Com Mr. Gebert a insistir em ter Glenna como esposa e Mr. McNair a exigir Glenna como filha, e ambos a ameaçá-la de desmascaramento todos os dias, o surpreendente é que a senhora achasse tempo para a astúcia calculada que empregou. É fácil compreender por que motivo a senhora visou McNair em primeiro lugar. Se houvesse matado Gebert, McNair teria sabido a verdade, quaisquer que fossem as suas precauções, e empreenderia uma ação imediata. De modo que o seu primeiro esforço consistiu no envenenamento dos bombons para McNair, colocando o veneno nos bombons de amêndoa de Málaga, que a senhora sabia serem os preferidos da vítima. Ele escapou; em seu lugar morreu uma jovem inocente. McNair percebeu, naturalmente, o que significava aquele envenenamento. Aqui, permito-me outra conjectura: acredito

que Mr. McNair, sendo um homem sentimental, resolveu reclamar a sua filha na data em que ela realmente completaria vinte e um anos, a dois de abril. Mas, conhecendo os recursos que a senhora possuía, e temendo que o pudesse atingir de um modo ou de outro antes daquela data, fez certos arranjos no seu testamento e veio avistar-me. A conversa não chegou ao fim, interrompida pela sua segunda tentativa de matá-lo com a imitação dos comprimidos de aspirina. E morreu no exato momento! Precisamente quando estava na iminência de... Miss McNair! Peço-lhe...

Glenna McNair não atendeu ao pedido de Wolfe. Creio que nem o ouviu. De pé, a jovem voltou as costas a Wolfe e encarou a mulher de porte empertigado e boca orgulhosa a quem, por tantos anos, chamara mãe. Avançou três passos na sua direção. Cramer também estava de pé, ao lado da jovem; e Lew Frost lá estava a segurar um braço de Glenna. Com um movimento convulsivo, ela apertou a mão de Lew sem o fitar; contemplava Mrs. Frost. Sacudiu-a um ligeiro estremecimento, depois acalmou-se e disse numa voz meio estrangulada:

— Era o meu pai e você matou-o! Você matou o meu pai. Oh! — Novo estremecimento fê-la calar-se. — Você... você... mulher!

Llewellyn gaguejou para Wolfe:

— Isto é demasiado para ela... Santo Deus!... O senhor não deveria trazê-la aqui... Vou levá-la para casa...

Wolfe disse concisamente:

— Ela não tem casa. Fora da Escócia, pelo menos. Miss McNair, peço-lhe. Sente-se. A senhora e eu realizámos uma tarefa. Não é verdade? Cumpre-nos, portanto, levá-la a cabo. Façamos isto como convém, por amor do seu pai. Venha.

Ela estremeceu mais uma vez, largou a mão de Lew, voltou para a sua cadeira e sentou-se. Contemplou Wolfe e afirmou:

— Muito bem, não quero que ninguém me toque. Mas já acabou, não?

Wolfe abanou a cabeça.

— Ainda não. Prosseguiremos, até ao fim. — Apontou o dedo para Mrs. Frost. — Você, minha senhora, tem de ouvir mais um pouco. Depois de haver suprimido McNair, talvez lhe tenha ocorrido a ideia

de que podia parar. Foi, porém, um mau cálculo, indigno da sua parte, porque, naturalmente, Gebert sabia o que acontecera e começou de imediato a exercer pressão sobre si. Nesse sentido, ele foi mesmo temerário, como era do seu feitio; chegou a contar a Mr. Goodwin que a senhora assassinara Mr. McNair. Ele supôs, na minha opinião, que Mr. Goodwin ignorava o francês e não sabia que *calida*, o seu nome, é uma palavra latina que significa «ardentemente». Sem dúvida, quis apenas assustá-la. E na verdade assustou-a, e tanto que a senhora o matou no dia seguinte. Ainda não lhe apresentei os meus parabéns pela técnica empregada no último crime, mas afianço-lhe...

— Por favor! — Era Mrs. Frost. Todos olharam para ela. Estava de queixo erguido, os olhos cravados em Wolfe e sem o mais leve tremor. — Sou obrigada a escutar... a escutar isto? — Virou o rosto para fitar Cramer. — O senhor é um inspetor da Polícia. Compreende o que este homem está a dizer-me? O senhor é o responsável por isto? O senhor é... Sou acusada de alguma coisa?

Cramer disse num pesado tom oficial:

— Ao que parece, a senhora vai ser acusada. Com franqueza, devo dizer-lhe que tem de ficar aí até que eu possa pôr os olhos sobre qualquer prova. Aconselho-a, formalmente, a não dizer nada que venha depois a recair sobre si mesma.

— Não pretendo dizer nada. — Calou-se, mordendo o lábio inferior. A sua voz, porém, ainda era firme quando prosseguiu: — Nada há a dizer ante esta fábula. De facto, eu... — Calou-se novamente e tornou a olhar para Wolfe: — Se alguma prova existe, em abono dessa história sobre a minha filha, só forjada. Não tenho o direito de a ver?

Wolfe estava de olhos semicerrados e murmurou:

— A senhora referiu-se a advogados. Acredito que um advogado possui o meio legal de fazer um tal pedido. Não vejo motivo, porém, para que nos sujeitemos a essa demora. — Pôs a mão na caixa vermelha. — Não vejo razão por que...

Cramer levantara-se novamente e abeirara-se da secretária. Mostrou-se brusco e falou em tom profissional:

— Isto já durou muito. Quero essa caixa. Verei o que ela contém, eu mesmo...

Era Cramer que eu temia, nessa altura. Se Wolfe estivesse sozinho, talvez conseguisse conter o inspetor; eu, porém, tinha os nervos retesados e sabia que, se Cramer metesse as unhas na caixa, sobreviria um escarcéu. Mas sabia também que Cramer nunca conseguiria tirá-la. Dei um pulo e apoderei-me da caixa. Arranquei-a da mão de Wolfe e retive-a comigo. Cramer fez cara feia e olhou para mim; retribuí o olhar, mas não a carranca.

— Essa caixa é minha propriedade — disse Wolfe. — Sou responsável por ela e continuarei a sê-lo até que legalmente a retirem do meu poder. Não vejo razão para que Mrs. Frost não deva examinar a caixa, para evitar demora. O meu interesse é igual ao seu, Mr. Cramer. Dê a caixa à senhora, Archie. Não está fechada à chave.

Aproximei-me de Mrs. Frost e deposei a caixa na sua mão estendida, de luva preta. Não tornei a sentar-me porque Cramer ficou de pé e conservei-me um pouco mais próximo de Mrs. Frost do que ele. Todos olhavam para a mulher, mesmo Glenna McNair. Ela pousou a caixa no regaço, com o lado da fechadura de frente, e levantou parcialmente a tampa; ninguém podia ver o interior, senão ela; procedia calculadamente e ninguém lhe via tremor nos dedos ou no corpo. Olhou para dentro da caixa, na qual introduziu a mão, mas sem nada tirar. Conservou a mão dentro da caixa, a tampa caída sobre o seu pulso, olhou para Wolfe e notei que, de novo, mordida o lábio.

Wolfe falou, inclinando-se ligeiramente na direção de Mrs. Frost:

— Não desconfie de um ardil, Mrs. Frost. Nada há de forjado no conteúdo dessa caixa; é legítimo. Eu sei, e a senhora sabe, que tudo o que disse aqui, hoje, é a verdade. Seja como for, a senhora perdeu todas as esperanças sobre a fortuna dos Frosts; isso é bem certo. E também é certo que a fraude que praticou durante dezanove anos pode ser provada com a ajuda da irmã de Mr. McNair e a confirmação de Cartagena, e tornar-se-á pública; naturalmente, o dinheiro passará ao seu sobrinho e cunhado. Se a senhora será condenada pelos três assassinios que cometeu, não tenho a certeza, francamente. O julgamento será, sem dúvida, amargamente renhido. Haverá provas contra si, mas não absolutamente conclusivas. E, como se vê, a senhora é uma mulher muitíssimo atraente, apenas de meia-idade, e terá ampla oportunidade de sorrir para o juiz e para os jurados e de

soluçar, a intervalos convenientes, para lhes despertar compaixão. Sem dúvida, a senhora saberá como desempenhar o papel... Archie!

Mrs. Frost agiu com a rapidez de um relâmpago. A mão esquerda mantivera a tampa da caixa parcialmente levantada; e a mão direita, no interior da caixa, movera-se um pouco — não tateando, mas num movimento firme. Duvido que alguém tenha notado isso, a não ser eu. Nunca esquecerei a maneira como ela conservou a imobilidade do rosto. Os dentes continuavam a morder o lábio inferior, mas, afora isso, não se observava nenhum sinal do ato desesperado e fatal que estava a praticar. Depois, rápida como um raio, a mão emergiu da caixa e foi direita à boca, com um frasco, e a cabeça tombou-lhe para trás, de maneira que lhe pude ver o alvo pescoço, no momento de engolir.

Cramer deu um pulo para junto da mulher e eu não me mexi para interceptá-lo, pois sabia que ela podia precisar de auxílio ao cair. Ao saltar, Cramer gritou:

— Stebbins! Stebbins!

Com isto, comprovei que Cramer tinha o direito de exercer o cargo de inspetor, porque era um dirigente nato. Classifico como dirigente nato um indivíduo que, numa conjuntura difícil ou inesperada, invoca aos berros o auxílio de outrem.

CAPITULO XIX

— Gostaria de receber essas explicações sob a forma de uma declaração assinada — disse o inspetor Cramer, mastigando o charuto. — É a mais tremenda história de que já tive notícia. Acha, então, que era tudo o que lhe restava fazer?

Eram seis horas e cinco minutos e Wolfe, naquele instante, regressara da visita às orquídeas. Os Frosts e Glenna McNair há muito que se tinham retirado. Calida Frost também se fora. Acabara-se a complicação. Uma corrente de ferro guarnecia a porta da frente, facilitando a Fritz a tarefa de conter os repórteres na rua. Havia mais de duas horas que as duas janelas estavam escancaradas, mas o cheiro de amêndoas amargas, proveniente de veneno que pingara sobre o soalho, ainda impregnava o ambiente, com a persistência de quem chegara para ficar.

Wolfe inclinou a cabeça e derramou cerveja no copo.

— Era tudo, sim. Quanto a assinar uma declaração, prefiro não o fazer. De facto, recuso-me. A sua ruidosa indignação, esta tarde, foi ultrajante; além do mais, ingénua. Fiquei ressentido no momento; e ainda estou.

Bebeu a cerveja. Cramer resmungou. Wolfe prosseguiu:

— Só Deus sabe onde Mr. McNair escondeu a malfadada caixa. Parece mais do que provável que nunca será descoberta. E, sendo assim, afigurou-se-me certíssimo que a comprovação da culpabilidade de Mrs. Frost seria tediosa e árdua, se não impossível. Ela sempre teve do seu lado os favores da sorte, circunstância que poderia perdurar. Assim, mandei Saul Panzer a casa de um artífice, onde foi encomendado o fabrico de uma caixa de couro vermelho que tivesse a aparência de velha e usada. Havia a plena certeza de que nenhum dos Frosts vira jamais a caixa de Mr. McNair, sendo diminuto o perigo de que a autenticidade fosse impugnada. Calculei que o efeito psicológico sobre Mrs. Frost seria apreciável.

— Sim. Você é muito calculista. — Cramer mastigou o charuto mais um pouco. — Você correu um grave risco, e teve a bondade de me envolver nele sem o explicar de antemão, mas confesso que foi um bom ardil. Isso não é o mais importante. O importante é que você

comprou um frasco de óleo de amêndoas amargas, colocou-o na caixa e entregou-o a Mrs. Frost. É o cúmulo, mesmo tratando-se de si. E eu achava-me presente quando tal aconteceu. Não me atrevo a pôr nos autos uma coisa dessas. Sou inspetor e não me atrevo.

— Proceda como quiser. — Wolfe encolheu os ombros. — Desgraçadamente, o resultado foi fatal. Quis apenas impressioná-la. Fiquei estupefacto, desamparado quando a... quando Mrs. Frost foi além do previsto. Usei o veneno em vez de um substituto porque pensei que ela podia destapar o frasco... e o cheiro... isto, também, para efeito psicológico...

— Para efeito diabólico. Exatamente para o efeito que ela o usou. Que pretende fazer? Arreliar-me?

— Não, não decididamente. Mas você começou a falar em declaração assinada e não gosto disso. Gosto de ser franco. Você sabe muito bem que eu não assinaria uma declaração. — Wolfe sacudiu o dedo. — Na verdade, você é um ingrato. Queria ver o caso solucionado e o criminoso punido, não? O caso está solucionado. A lei é um monstro invejoso e você representa-a. Não pode tolerar uma conclusão decente e rápida para uma disputa entre um indivíduo e o que você chama de sociedade, desde que possa transformá-la numa batalha horrível e prolongada; a vítima deve contorcer-se como um verme entre as suas mãos, não durante dez minutos, mas durante dez meses. Ora bolas! Não gosto da lei. Não fui eu, mas um grande filósofo, quem disse que a lei é um asno.

— Bom, não atribua tudo isso a mim. Não sou a lei, sou apenas um polícia. Onde foi que você comprou o óleo de amêndoas amargas?

— Com efeito. — Wolfe semicerrou os olhos. — Acha que deve perguntar-me isso?

Cramer mostrou-se meio desconcertado, mas confirmou:

— Perguntei.

— Perguntou. Muito bem, senhor. Sei, naturalmente, que a venda da droga é ilegal. A lei, de novo! Foi cedida por um químico, meu amigo. Se você for tão mesquinho, a ponto de tentar descobrir o químico, e tomar providências para puni-lo por essa infração à lei, abandonarei este país e irei morar no Egito, onde possuo uma casa. Se tal acontecer, um entre dez dos seus casos de homicídio ficarão

irresolúveis e farei ardentes votos para que você padeça com isso.

Cramer tirou o charuto da boca, olhou para Wolfe e sacudiu a cabeça lentamente.

— Tenho juízo, porto-me às direitas — disse, por fim. — Não incomodarei o seu amigo. Daqui a dez anos aposentar-me-ei. O que me preocupa é o que fará a Polícia, digamos, daqui a cem anos, quando você estiver morto. Terão muito tempo. — Prosseguiu apressadamente: — Ora, não se entristeça. Há outra coisa que lhe quero pedir. Você sabe que temos na Polícia uma secção onde se recolhem algumas curiosidades: machadinhas, armas e coisas semelhantes, usadas numa ocasião ou noutra. Quem sabe se você não terá a bondade de me oferecer aquela caixa vermelha para ser acrescentada à coleção? Eu gostaria realmente de possuí-la. Você não precisa mais dela.

— Isso não é comigo. — Wolfe inclinou-se para a frente, a fim de se servir de mais um pouco de cerveja. — Tem de pedir a Mr. Goodwin. Ofereci-lhe a caixa.

Cramer voltou-se para mim:

— Que diz, Goodwin? Concorde?

— Não. — Abanei a cabeça e sorri. — Sinto muito, inspetor. Não posso desfazer-me da caixa. Era exatamente aquilo que eu precisava para guardar selos postais.

E até hoje ainda me sirvo da caixa. Mas Cramer também arranhou uma para a sua coleção, pois uma semana mais tarde foi encontrada a própria caixa de McNair, na propriedade da família na Escócia, por detrás de uma pedra da lareira. A caixa continha elementos suficientes para três julgamentos, mas por essa altura Calida Frost já estava sepultada.

CAPÍTULO XX

Wolfe franziu a testa, enquanto olhava de Llewellyn para Dudley Frost.

— Onde está a jovem? — perguntou.

Era segunda-feira, meio-dia. Os Frosts tinham telefonado pela manhã, pedindo uma entrevista. Lew ocupava a cadeira de interrogatório; à sua esquerda, sentava-se o velho Dudley, ao pé de uma mesinha com dois copos e a garrafa de *Old Corcoran*. Wolfe acabara de esvaziar a segunda garrafa de cerveja e acomodava-se com conforto na cadeira. Eu tinha na mão o caderno de notas.

Llewellyn corou um pouco.

— Ela encontra-se em Glennanne. Disse que lhe telefonou no sábado à tarde, pedindo licença a fim de ir para lá. Ela... não quer ver nenhum dos Frosts. Não queria falar comigo. Sei que sofreu um desgosto imenso, mas, meu Deus!, não pode continuar para sempre sem qualquer convívio humano... Nós queríamos que o senhor fosse até lá para falar com ela. O senhor pode fazer isso em menos de duas horas.

— Mr. Frost! — Wolfe sacudiu o dedo. — Faça favor de parar com isso. Eu sair durante duas horas... O facto de lhe ocorrer semelhante ideia já é imperdoável, e sugerir-ma seriamente constitui uma descarada impudência. O êxito que colheu com aquela carta idiota, que me trouxe há uma semana, volta-se agora contra o senhor. Não me admiro de que Miss McNair queira gozar umas férias temporárias longe da família Frost. Conceda-lhe mais um dia ou dois para acostumá-la à ideia de que nem todos os Frosts merecem extermínio. No fim de contas, quando tornar a falar com ela, o senhor contará com duas vantagens recém-adquiridas: deixaram de ser primos paralelos e o senhor possuirá mais de um milhão de dólares. Ao menos, suponho que possuirá. O seu pai pode informá-lo sobre esse ponto.

Dudley Frost depôs sobre a mesinha o copo de uísque, tomou um ligeiro gole de água, com um cuidado tão meticuloso como se uma dose de dez gotas a mais daquele líquido pudesse ser perigosa. Pigarreou.

— Já o disse ao meu filho — declarou rudemente. — Aquela

mulher, a minha cunhada, que Deus dê descanso à sua alma!, vinha-me ofendendo há vinte anos... Bom, já não o fará mais. De certo modo, ela não passava de uma imbecil. Ela devia compreender que, se me metesse a administrar a herança do meu irmão, em pouco tempo daria cabo de todo o dinheiro. Eu sabia disso; por isso, não me meti. Transferi a responsabilidade, em mil novecentos e dezoito, a um advogado chamado Cabot, passei-lhe uma procuração devidamente legalizada, um sujeito que eu não posso suportar, nunca pude; é careca, escanzelado e joga golfe aos domingos, durante todo o dia. Conhece-o? Tem uma verruga num lado do pescoço. Na semana passada, mandou-me o balanço trimestral dos bens, evidenciando que a herança aumentou até esta data em vinte e dois por cento sobre o valor original; de modo que creio que o meu filho receberá o seu milhão. E eu também. Veremos agora quanto tempo me vai durar o dinheiro... Tenho cá as minhas ideias a respeito disso. Mas eu queria falar sobre um assunto... De facto, foi por isso que aqui vim com o meu filho... Parece-me que, de direito, os seus honorários devem sair do milhão que me couber. Se não fosse o senhor, eu não receberia o dinheiro. Naturalmente, não lhe posso dar um cheque agora, porque vai demorar um pouco...

— Mr. Frost! Por favor! Miss McNair é a minha cliente...

Mas Dudley Frost estava determinado.

— Absurdo! Isso é um disparate. Pensei durante muito tempo que o meu filho deveria pagar-lhe; não sabia que eu ainda seria capaz de o fazer. Helen... isto é... diabo! Eu digo Helen! Ela nada possui, a não ser que venha a participar da nossa...

— Mr. Frost, insisto! Mr. McNair deixou instruções particulares à irmã com referência à sua herança. Sem dúvida...

— Mr. McNair, aquele tolo? Porque haveria a rapariga de receber dinheiro dele? Lá por o senhor dizer que ele era pai dela? Talvez. Tenho as minhas dúvidas quanto a essas descobertas problemáticas sobre parentesco. Talvez. Seja como for, o dinheiro é pouco, comparado com um milhão. Ela talvez venha a possuir um milhão se casar com o meu filho, o que espero, pois gosto muito daquela rapariga. Mas eles devem conservar o seu pecúlio, porque precisam, ao passo que eu não preciso do meu, pois não é provável que me sirva

dele por muito tempo, quer eu lhe pague, quer não. E dez mil dólares não é uma parcela muito grande de um milhão, a não ser que a conta se eleve a mais de dez mil dólares, em virtude dos acontecimentos sobrevindos depois da última conversa que mantive consigo sobre este assunto. Seja como for, não quero mais ouvir dizer que Helen é sua cliente: é um absurdo e não quero ouvi-lo. Pode mandar-me a conta e, se não for excessiva, providenciarei para que seja paga. Não, já lhe disse que de nada vale objetar! A verdade, e o senhor deve concordar comigo nesse ponto, é que foi uma sorte tremenda a ideia que tive de transferir a administração dos bens a Cabot...

Fechei o caderno de notas e atirei-o sobre a escrivaninha, apoiei o rosto na mão, fechei os olhos e procurei descansar. Como já disse, neste caso, a um cliente terrível sucedia outro igual.